

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Editores: FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro.

Rua Libero Badaró, 129 — S. Paulo.

Rua da Bahia, 1055 — Bello Horizonte.

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil. um anno 7\$000
União Postal. " " 10\$000

REDACÇÃO : — RUA DA QUITANDA, 72

SUMMARIO

Educação experimental.....	Coryntho da Fonseca
Cartas serranas.....	Maria Stella
A Escola Wencesláu Braz.....	Arthur Magioli
Que é do meu beijo?.....	C. F.
Combate á ancylostomiase....	Barbosa Vianna
Conferencias — Os dous últimos annos de Arithmetica, na escola primaria, segundo a Comissão dos Quinze...	O. Souza Reis
A escola. Sua influencia sobre o moral da criança.....	Arthur Magioli
Fim primordial da educação..	Zelia de Oliveira Braune
A escola e o ensino primario..	Esther Pedreira de Mello
Bibliographia — O. de Souza	

Reis — Manual de Geographia	J. M.
Classe Maternal — Primeiras noções geometricas.....	M. M. Fonseca
Através das revistas — Adaptação dos problemas de Arithmetica — O mais nobre dos ensinios.....	Helena
O desenho nas classes elementares	Alda Pereira da Fonseca
Aqui e ali.....	AT

LIÇÕES E EXERCICIOS

Theatro infantil

EDUCAÇÃO EXPERIMENTAL

Distincta professora fez-me ha dias algumas objecções á importancia de primeira linha que os educadores modernos estão dando aos trabalhos manuaes na educação geral.

Não se espantem com esse facto porque essas objecções representam apenas um gesto de sinceridade de um espirito avesso a aceitar sem exame nem discussão as ideias feitas, as ideias de moda corrente, só porque tenham curso forçado. Muita gente conheço eu que talvez tenha no fundo do espirito as mesmas e mais outras objecções desta especie e que não se anima a enuncial-as em voz alta, pelo respeito que impõe a "ideia feita".

Ella ouviu falar, como os demais, em taes trabalhos, presencia o que normalmente se faz, sob essa epigraphe, nas escolas primarias, passou um anno na Escola Normal a exercer, como tal, a sua habilidade em planificar solidos geometricos, em collar superficies pelas arestas com limpeza e cuidado... e mais nada.

E ella se disse, muito naturalmente:

— Será isso que terá a virtude de disciplinar a intelligencia, coordenar as ideias, cultivar o espirito, pautar o equilibrio do organismo psychico?

E levantou sobre esta observação singela a sua conclusão.

Deante desses exemplos, a tres dimensões, do famoso trabalho manual, no campo da execução, é naturalissimo que a joven professora, com a sinceridade do seu espirito claro, a que repugna a ideia feita, chegue ás conclusões a que chegou de que o trabalho manual não é indispensavel, no curriculum da educação. E acha que, como exercicio physico, a gymnastica é melhor e, como exercicio de habilidade manual, a propria intervenção domestica basta.

Com effeito, aprende-se a fazer um bello crochet, um lindo bordado, uma rosa de panno, um enfeite de papel, sem que as mães de familia que tal ensinam a suas filhas sonhem, sequer, estar lhes dando um curso de trabalhos manuaes.

E' que os trabalhos manuaes soffrem, como muita coisa, entre nós, de uma restricção peculiar, além de uma outra, de ordem geral.

A primeira, muito nossa, é a curiosa duplicidade em que vivemos, a inscrever nos nossos problemas de vida como de educação, formulas que não temos a tenacidade deüverada de realizar. Ora, se não ha energia nem esforço para a "realização" claro é que nunca poderão appa-recer os resultados comprovadores de taes formulas.

A segunda restricção, de ordem geral, é consequencia directa do peso de um nome mal empregado.

A denominação — trabalhos manuaes — para que, no caso, se abranja toda a intensidade expressiva desse grande elemento educativo, é de uma impropriedade la-

mentavel, porque a poz no risco de ser entendida e interpretada litteralmente.

De um lado, pois, o nome demasiadamente restrictivo, de outro o spectaculo-do que aqui se vae realizando sob a epigraphe desse nome, força é convir que está logica a minha joven interlocutora.

O trabalho manual é muito menos a aquisição de uma habilidade de artifice do que um instrumento de acção intellectual, psychologico e moral. Foi elle a linha dorsal que tornou possivel a escola moderna que surgiu com a Reforma.

Na escola classica, o ensino era um ministrar de informações ao discente, transformado em receptaculo passivo do que a palavra cathedratica lhe atirava para a intelligencia. Assim, seres cujo destino essencial era o exercicio pleno da actividade, passavam da escola para a vida como quem vae de uma estufa fechada para o largo ambiente do ar livre, sendo sempre necessario um esforço de adaptação ao qual pouco serviam as informações dadas pela escola, com grave desprestígio para esse bello instituto de organização social.

A escola moderna pretendeu estabelecer uma ligação entre a escola e a vida, de sorte que uma adestre e prepare para a outra.

Foi o trabalho manual a ponte dessa ligação.

Elle é uma especie de projecção, a tres dimensões, na qual o discente transforma em expressões as impressões recebidas.

Taes expressões fracamente são possiveis com simples exercicios de redacção ou problemas numericos.

Pelo trabalho manual, melhor do que por qualquer outro exercicio, verifica o professor a qualidade das reacções produzidas pelo seu ensino.

O alumno vae, não recebendo informações, mas conquistando certezas e seguranças, por experientia propria, do que lhe é util conhecer, na vida.

Ao exercicio de pensar, junta o habito de agir e é do exacto equilibrio desses dous grandes verbos que o homem tem conseguido vencer, viver e progredir.

Supprima-se o designativo — trabalhos manuaes — que leva a um conceito demasiadamente litteral e dê-se á nova pedagogia uma epigraphe que mais lhe convenha.

Se a chamarmos — Educação Experimental — teremos epigraphado com propriedade a obra dos educadores modernos.

Os trabalhos manuaes estarão implicitamente lá dentro.

Dezembro, 1918.

CORYNTHO DA FONSECA.

I — IDEAS E FACTOS

CARTAS SERRANAS

VII

Minha Collega:

Li com prazer a tua carta. E' sempre uma alegria para a velha mestra mergulhar o espirito em tão lindas letras, nas quaes a esperança e o entusiasmo da mocidade se conjugam tão bem com o critério e a ponderação dos senhores bem disciplinados.

Falas-me do feminismo, da debatida questão do feminismo, ás vezes, mal comprehendida, deturpada até mesmo pelos que se arvoram em seus intrepidos paladinos.

Os que assestam armas contra ella, cantam sempre e repetidamente o eterno estribilho da sublimidade da mulher no lar, da excelstitude da mulher como mãe.

Mas ninguem contesta o valor da função maternal, valor que não pode ser estimado nem pelos que lhe exaltam as inacessiveis grandezas.

Só quem é mãe, só quem já afagou um filho, já lhe ouviu a voz e lhe enxugou o pranto; só quem soffreu sorrindo, adivinhando o nascituro, carne da sua carne, sangue do seu sangue, alma da sua alma e recompensa do seu martyrio; só quem renunciou á sua propria felicidade, á sua propria existencia, vivendo a vida da sua creatura, sorrindo com ella ou com ella chorando; só quem é mãe, repito, póde comprehender o que vale esse pequenino vocabulo.

Ser mãe é gozar e soffrer immensamente; é abrir o coração ás maiores alegrias e calcal-o, soffreal-o nas maiores angustias; é sorrir ás melhores esperanças, embalar-se nos mais bellos sonhos de porvir, e inquietar-se temerosa, e apavorar-se agoniada ante um pensamento máo. Ser mãe é ser-se audaz e temerosa, altiva e submissa, intransigente e tolerante; é ser-se capaz dos maiores heroismos e acovardar-se ao mínimo receio. Ser mãe é premer o presente e sonhar o futuro, é rir e chorar, é viver e estremecer.

E si a mãe comprehende a importancia da sua acção; si ella sabe que deve ver no filho, não só o seu enlevo, o seu encanto, a sua felicidade, senão principalmente uma alma onde se póde aninhar o bem e o mal, um corpo que póde ser sadio ou morbido, um cerebro que se póde abrir, á luz ou entregar-se á ignorancia; si ella, soffrendo embora, impõe a sua vontade, fazendo do filhinho fragil uma creatura cheia de vigor physico, moral e intellectual; si a mãe é a educadora na verdadeira accepção da palavra, ella attinge ao sublime; e outra missão não poderá haver mais importante do que a sua. Além disso nenhuma outra tarefa lhe será mais grata ao coração.

Descansem, pois, os senhores conservadores. A mulher não sacrificará nunca o bem de seus filhos por nenhum outro cuidado, por nenhuma outra occupação.

O feminismo bem comprehendido não é uma ameaça aos lares nem á harmonia conjugal. A esposa e mãe não o deixará de ser, e excellente, por acompanhar de perto e activamente os interesses da sua terra e lançar o seu voto ás urnas. Si fôr amorpha, sem instrucção, capaz apenas de uns pontos de *crochet* ou de preparar manjares saborosos, poderá ser muito digna, virtuosissima, boa gestora da ordem e economia domesticas; mas não será jámais a companheira do homem, sua socia e sua igual, alma irmã da delle, espirito fundido no seu, acompanhando-o e comprehendendo-o em tudo. Não poderá também ser o guia de seus filhos, por isso que a sua esphera de acção se terá restringido a muito pouco.

Si, porém, ella tiver cultura bastante para participar com o esposo de todas as esperanças e receios, ouvindo-o e aconselhando-o, incitando-lhe as opiniões ou demovendo-lhe as resoluções; si, como educadora dos filhos, preparar nelles novos cidadãos, severos na vida, justos nas acções, grandes no trabalho e nobres no dever, porque não poderá escolher também, com o seu voto, os dirigentes do paiz?

Reconhecer os seus direitos (aliás garantidos pela nossa Constituição) não é afastal-a do lar, nem substituir-lhe os deveres de mãe de familia por outros, de que são até hoje, encarregados os homens.

Na lucta pela existencia, na necessidade de obter o pão, já de ha muito a mulher trabalha ao lado do homem, ganhando honestamente a vida. E não parece justo que á mulher, que póde ser medica ou advogada, funcionaria ou do commercio, não se lhe consintam os direitos e liberdades publicas de que goza o servente do seu escriptorio ou o continuo da sua repartição, só por ser homem — quando é ella muito mais capaz de bem escolher os representantes do povo, os feitores da lei, cujas prescripções tão bem conhece.

Abandonemos o ridiculo que se quer emprestar a essa questão, figurando o marido a cuidar dos filhos e a mulher, masculinizada, a tratar de negocios.

Ciosa de seus direitos, não o será menos dos seus deveres, mórmente dos do coração.

A mãe não valerá menos, a esposa nada perderá em candura, amor e dedicacão, e o seu espirito occupará o lugar que já conquistou pelo poder de que tem dado provas.

Não será a rival do homem, mas a sua amiga e sócia, a sua esposa physica e moralmente. Será a sua collaboradora, não lhe disputará a tarefa material de ganhar o pão quando não fôr necessario, mas saberá fazel-o, desde que isso se faça mister.

São de Clovis Bevilacqua as seguintes asserções: "Não é, bem se vê por uma necessidade indeclinavel, imposta pela natureza das cousas, que se attribue ao marido o direito de pôr-se á frente da sociedade conjugal. Assim é por ef-

feito do costume estabelecido, porque desse modo está organizada a sociedade conjugal. Não me quero insurgir contra essa attribuição; o que não vejo é o motivo pelo qual, na sociedade domestica, os dois conjuges não devam ter o mesmo valor juridico. Que lhes dêem funcções diferentes, comprehende-se, mas não se depara o motivo social, de onde resulta que a um se dê o gozo pleno dos direitos, e seja o outro amesquinhado em sua capacidade civil".

São palavras de ouro de uma culminancia das nossas letras juridicas. O illustrado jurisconsulto, cujo valor todos sobejamente conhecemos, não poderia com maior justeza tocar o ponto essencial da questão.

E, realmente, quantas mulheres ha que são chefes de familia, com trabalho remunerado e pagando impostos?

Si ellas comprehendem as leis, si são por ellas attingidas, si estas lhes impõem deveres civis, por que lhes não darem essas leis o direito, que é também um dever, de escolherem com o seu voto, os mandatarios da nação, os constructores do edificio legislativo? E por que não podem ter assento no Congresso, si não lhes falta competencia, actividade e energia?

Por que são mulheres?

E quantas na Historia têm regido e governado povos?

Já no seculo XVIII o espirito admiravel de Voltaire reconhecia que "as mulheres são capazes de tudo de que os homens são".

O que é facto é que a condição unica de valor nas democracias só póde ser a capacidade. Si a mulher a possui, todos os cargos publicos compatíveis com a sua função não lhe poderão ser defesos; e aliás o não são em varios paizes de cultura adeantada. O sexo não póde impedir capacidades cerebraes.

Não é cerceando a actividade das mulheres, fechando-lhes a porta a toda ambição, obrigando-as a ser, ou donas de um lar, ou parasitas de lar alheio, que se zela pela harmonia nas familias. A mulher espirito não deixará de ser a mulher coração. Não abandonando os seus direitos, não fugirá aos seus deveres e, principalmente, aos doces deveres, nobilissimos deveres, gratos e suaves deveres femininos.

O que póde prejudicar o lar, afastando-lhe a dirigente, é a dura necessidade de ganhar o pão, necessidade essa reconhecida por todos e de que ella tão bem se desempenha.

Victor Marguerite, num bello artigo publicado no *Correio da Manhã* de 9 de Agosto passado, diz: "A mulher europeia compra presentemente a sua independencia pelo trabalho e pelo soffrimento". E mais adeante:

"Eis a mulher a penetrar na arena politica, na qual, até hoje, só os homens combateram. Alcançará ella, sem duvida, dentro de pouco tempo, em França — como já obteve na Inglaterra — o direito do voto, recompensa de seus serviços e prenuccio de bellas reformas para o mundo futuro".

Realmente a guerra vem apressar essa conquista feminina da affirmacão da personalidade juridica e politica da mulher, conquista fatal, mas que tardava.

Ella, que tanto tem influido na vontade masculina, passará a agir livremente, a ser responsavel, por força da sua personalidade.

E não ha nada a temer, minha boa Amiga! Os lares nada perderão com isso. A mulher intelligente e culta continuará a ser sempre governada pelo coração; e quem possui um lar nelle tem os seus melhores pensamentos de ternura e de solicitude.

Querer a liberdade politica da mulher, não é querer inventer os papeis. No lar cada um occupará o seu lugar (um tão digno como o outro), o que não impede que, com funcções diversas, tenham ambos os mesmos direitos.

Ha quem queira que o direito de voto seja dado apenas ás mulheres sujeitas a trabalho remunerado ou ás que são chefes de familia. Clovis Bevilacqua diz, porém: "Pois a mulher merece menos do direito por ser mãe, por ser honesta, por se consagrar ao marido e aos filhos?"

Não, minha Amiga! Dêem-se-lhe as armas da instrucção, ponham-na em condições de participar pelo seu espirito arguto e claro das cousas do seu paiz, e ninguem lhe poderá detrahir os direitos que lhe cabem, eguaes pela lei civil aos em cuja posse se acham os homens.

E páro aqui. Podem amanhã accusar-me de querer nesta carta rapida, abalar, derrocar a Familia; a mim que, como sabes, sou dona de um lar que é a minha maior gloria, o meu melhor triumpho e a minha mais encantadora esperanca!

Convence-te, entretanto, de que a victoria virá com o tempo. O paiz está escravizado aos preconceitos, mas o impleto das grandes e justas idéas sóe minar lentamente a base dos principios anachronicos e derribar a rotina. Entretanto, Amiga, antes de vermos a mulher na posse dos direitos politicos, teremos de assistir á entrada de D. Julia Lopes de Almeida na Academia de Letras, onde um dos melhores e mais puros escriptores da nossa lingua, que ella o é, não teve entrada (céos!) por ser mulher! Na Academia, minha Amiga, entre os intellectuaes deste paiz!

Mas pingo o ponto final. Tu votarás um dia, orgulhosa de exerceres a tua acção na democracia patria. Teus filhos não perderão nada com isso. Estarás trabalhando por engrandecer a Patria, que é delles. E o será melhor nesse dia do que foi tua até aqui.

Saudosa,

MARIA STELLA.

Mendes, 8 de Setembro de 1918.

ESCOLA WENCESLAU BRAZ

Meu prezado amigo Coryntho da Fonseca.

Embora um pouco tardiamente, venho juntar os meus aos parabens de todos aquelles que applaudiram o gesto do Prefeito, collocando-te á frente da Escola Wenceslau Braz, para dirigir-lhe os destinos.

Não podia ser melhor a escolha. E's um entusiasta do ensino profissional; tens a capacidade necessaria para vencer as grandes difficuldades que, naturalmente, quando bem amortecido o ardoroso impeto que deu origem á sua criação, pelo desaparecimento do terreno da evidencia daquella cujo nome o distingue, terão de surgir pelas falhas nos calculos, etc., etc.; tens orientação e consequentemente programma; finalmente, meu digno amigo, reunes todas as qualidades exigidas para dares cabal desempenho á tarefa ardua que te foi imposta. Pois bem, eu desejaria muito ouvir-te sobre as vantagens da criação desta Escola; sobre a installação das suas officinas, que a meu ver, deve ser perfeita; sobre o mecanismo do seu funcionamento e sobre os resultados praticos que della advirão para o ensino profissional entre nós.

Simple curiosidade, bem o vês, meu amigo; impertinencias de velho impenitente no mau habito de tudo querer saber; muito desejo de adquirir nas tuas respostas os ensinamentos necessarios, relativamente a um assumpto de tanta actualidade, eis o que me impelle a te escrever.

A possibilidade de uma visita á Escola que diriges ainda não me foi dada, pelos meus multiplos affazeres. E' provavel mesmo que esta grave falta, merecedora, bem reconheço, de censura, não me seja perdoada. Estou certo, porém, que não será ella motivo bastante para que me prives de uma resposta cujo resultado será de grande alcance para os que se preocupam com assumptos de instrucção.

Grande entusiasta do ensino profissional, trabalhador infatigavel, o meu amigo acaba, numa demonstração brilhantissima, de provar que este ensino entre nós não tem sido descurado de todo, designando para professores da Escola, isto é, da escola organizada para formar professores, moços que cursaram as escolas profisionaes existentes nesta Capital! E na modestia de taes escolas, sem as sumptuosidades de complicadas designações, elles se foram formando capazes de prepararem mestres!

E', meu prezado amigo, muito lisonjeiro para nós tal podermos afirmar. Mas... na

minha impaciencia de curioso fico por aqui, aguardando a palavra autorizada do meu sympathico amigo a quem mais uma vez felicitado muito e muito *ex corde*.

ARTHUR MAGIOLI,
Inspector escolar.

QUE É DO MEU BEIJO?

Tharsilia — Alguma cousa temos discutido, minha sobrinha, sobre assumptos pedagogicos e, muitas vezes, temos seriamente discordado, com grande escândalo para o teu bello diploma de normalista, em face da minha petulancia leiga, formada em cousa nenhuma.

Permite que eu continue a discordar, com tanto mais insistencia quanto não és culpada de, faminta intellectual, teres comido com appetite moço e excellente digestão, aliás, o mau pastel, de mau recheio, que te offereceram, como unica e exclusiva merenda, para dares expansão á tua formosa vocação de professora. Desejo compensar-te, hoje, das minhas caturrices de tio discutidor, contando aqui uma historieta que eu soube ter-se desenrolado em tua classe e tendo como thema central a tua intuição para a educação dos sentimentos. E' faço-o com tanto mais prazer quanto também trabalho *pro domo mea*, pois isto confirma as minhas razões, nos nossos debates. E' que o teu *pastel* tem poucas destas azeitonas e, em materia de formação pedagogica, pouco além temos andado das velharias do respeitavel Sr. Compayré.

E', pois, por ti e por mim, que conto esta historieta verdadeira, succedida contigo (e que nem sabes que eu sei), porque é uma linda pagina de educação e me permite lembrar-te que tu e as tuas collegas se-reis as melhores collaboradoras da *Escola Primaria*, no dia em que vos decidirdes a mandar-lhe as vossas preciosas observações de classe, como os melhores meios de elucidación do problema do ensino primario.

Ademais disto, tereis poupado á *Revista* o enfado deste collaborador contingente, por força das circums-

tancias, á falta da melhor collaboração, que será indubitavelmente a vossa.

Na sala o zoeiro normal ao começo dos trabalhos. Apressam-se fins de conversa, espirram risinhos mal contidos, pulam certos gritos mais energicos de protesto contra partidas garotas dos mais irrequietos. — Não belisca: — Eu vou contar á professora! — Quem roubou a minha merenda? — Me dá o meu lapis! — Você é um *canalha*, foi contar aquillo!

A uma plangencia de choro responde um côro de assuada.

Affastados, isolados naquella fervura a meio tom — 2 guardiã estava perto — estavam os *sizudos*, os meninos *serios*, os bem comportados, felizmente poucos.

Entre aquella alacridade, elles punham uma nota de pantoso, uma pausa de inercia: alguns, visível e naturalmente doentios, outros bem ataviados de roupas, outros, ainda, já iniciados, desgraçadamente, na noção das "responsabilidades sociaes" espartilhados, mau grado seu, no laço manietador de innumeros graus 10, pelos elogios constantes das mestras que ás vezes pensam corôar o merito e estimular o trabalho, quando não raro, desencorajam assim, apenas, os mais fracos, diante da victoria facil dos mais capazes, tornando-os vaidosos.

No primeiro caso, a anemia, os escondidos entraves adenoides; os segundos sob a recordação das ameaças caseiras — não suje a roupa senão... — com as quaes a finança paterna se defende comprimindo a necessaria lubrificação muscular dos filhos; os terceiros, já pirralhos *importantes*, com uma insensível ambição de superioridade individual não justificada por taes indices de proveito e conducta na escola, os quaes não raro são desmentidos mais tarde.

Emfim, todos se nivelando gradativamente numa lenta *burocratização* integral que os encaminha para viverem uma vida toda dentro dos canaes competentes...

Mas a grulhagem ia augmentando, com a entrada de novos alumnos, de novos gritinhos, risos e murmurações. Saiasinhas e calças curtas volitavam na sala de onde sahia um grande e doce perfume, um com que bem estar ambiente que dá vontade á gente de deixar-se ficar, alli assim, horas e horas, no embalo doce daquellas balbucies de vida nascente...

A sala está cheia, a professora chega. E' o hymno que logo é atacado formalisticamente, com syllabas bocejantes que saem de sob olhos

distraidos, a alma alheia ao rythmo encantador, á letra vibrante.

E, comquanto o côro ondula, burocraticamente certo, os *primeiros* esperam, de mãos ás cordas da bandeira, qu echegue a hora de puxal-as.

As mestras, as guardiãs, — o pessoal adulto — calam-se, enquanto as creanças cantam. Aquillo não é para a gente grande cantar; tapa-lhes a bocca quando muitas vezes a alma está vibrante, num resquicio de respeito humano, o terror de parecerem ridiculos.

Agora, sentar aquelle mundo superabundando da estreiteza da sala! Só a tres por carteira, formando pencas acoguladas, em posições contrafeitas e torcidas; nos espaços entre as carteiras ha uma porção de pernas que sobram. Mas aquelle enfartamento delicia, encanta, orgulha. E' a grande frequencia, é a matricula formidavel, tanto mais altamente proclamada quanto em mais angustiadas condições de continencia relativa. E' uma verdadeira *hydropisia* pedagogica, mas — que importa? — é uma grandeza imponente.

Depois de um banco ter sido despejado pelo impulso de um garoto mais irrequieto, foi-se fazendo silencio, em attenuações lentas de diapason vibrado, entregue a si mesmo.

Eis a paisagem muito provavel da minha historieta. E' possivel que haja exagero num ou noutro tom. Foi pintada de cor e por suposição.

Não começara a aula e esfusiu pela sala um pedacinho de gente, escuro, nuns passos apressados, tremulo de cansaço e por ter chegado tão tarde. Era uma pequena cheirando a pobreza, engommada e lisa, dsede o cabello repuxado com cuidado, até fs saias alvinitentes.

O que diziam aquellas roupas de tecido muito lavado, cheias de serzaduras elaboradas, quasi artisticas de acabamento caprichoso, um conjuncto de vestir tão inconfundivel, tão caracteristico e também tão indescrptivel para a capacidade terminologica da indumentaria, que eu só poderia sufficientemente definir dizendo que a pequenita trazia uma *toilette* ataviada com o carinho materno.

Aquella pequena era um dos *objectos* de ensinamento da professora, servia-lhe para uma licção diaria de solidariedade humana e de amor ao proximo. E' carinhosamente, deliberadamente accentuava as atensões para a alumna.

Assim, fazendo aquelle pedacinho de gente, escuro, um fundo de realce com sua alma branca, dava constantemente a sua licção indirecta de bem querer, o melhor motivo para

se viver no mundo, e para se amar a vida. Nesse sentido, a boa professora habituara a pequena Julia a ouvir-lhe todo o dia, quando entrava na aula:

— Julinha! Que é do meu beijo? E ella vinha, sorrindo, radiante, embora enroscada de acanhamento, cumprir aquella doce funcção de todos os dias.

Aquelle dia, Julinha entrou resabiada. Lá caira em falta, dois dias antes e reincidira, com grande desgosto da professora que teve de castigar-a com o fazer-se de maguada.

Mas Julinha parecera não ter sentido bem o doce *pito* e havia necessidade de reforçar a dóse.

Estava achado o castigo. Julinha entrou, encartou-se como pode numa carteira onde já estavam tres collegas, felizmente magras, correndo a mão por traz do vestido, para não amarrotal-o.

Sentou-se, mau grado, as culpas que se sentia, esperou, confiante, a pergunta diaria:

— Julinha! Que é do meu beijo?

Desta vez, porém, nada. A professora parecia distraída, fazendo por generalizar a atenção, e passando, apenas de relance, os olhos pela Julinha.

A pequena, sem saber o que pensar, torcia-se no banco, acompanhava obstinadamente, com os seus olhos, os olhos da professora.

E nada ainda.

Uma sombra de pesar, primeiro nevoa, depois nuvem pesada, foi caindo dentro da pobre alminha desolada, enquanto os olhinhos vivos e espertos se merejavam, nessa invasão lenta, vagarosa, subtilmente infiltrante, que preludia a lagrima das grossas maguas.

— D. Julia, a licção!

Numa reacção de esperança, a pequena ergueu-se, já lepida... *Ella* poderia fazer agora a esquecida pergunta que o seu coraçãozinho desejava.

Mas a licção começou e não veio a habitual pergunta.

Isto é, a licção não chegou começar, porque a Julinha debalde procurava engolir o travo de um soluço em que se condensára a sua desillusão.

— Vamos, a licção!

Não pode mais a pobre Julinha. Num momento, não atinou que tivesse peccado tanto para o duro castigo.

Não, não era por causa da falta...

Então, com o simplismo resignado dos humildes, já precocemente experimentada pelas

arestas da vida, por uma elucidação prematura das fiducias humanas, a pobresinha pensou atinar com a causa provavel: *Ella* era pretinha! Sim, a professora beijava-a antes, mas sem ter percebido isto...

Mas a Julinha já não podia mais dispensar aquella merenda de coração que lhe dava a mestra. Era preciso reconquistal-a, embora não como antigamente... ella era pretinha!

E desabou num choro convulso, a murmurar, quasi a desculpar-se de sua côr:

— Professora, eu sei que sou preta, mas deixe eu beijar a sua mão pelo menos.

Foi nesse dia que a Julinha ganhou o seu melhor beijo, dobrado de um abraço, no qual a pequenita aprendeu que não era preciso ser preta para desmerecer o beijo da professora, mas que o ganharia sempre, sempre que fosse boa.

Eu, se fosse essa professora, teria logo dado o sueto a toda a classe. Qualquer outra licção, depois disso, seria ociosa e inoportuna.

A professora tinha dado uma grande licção de amor.

Julho, 1918.

CORYNTHO DA FONSECA.

INSPECÇÃO MEDICA ESCOLAR

Combate á ancylostomiase

Conferencia do Dr. Barboza Vianna, realisada em uma das escolas do 8.º districto.

O Dr. Barboza Vianna, agradecendo a presença dos professores e dos collegas, pede venia para saudar o Sr. Dr. Belizario Penna, o campeão do saneamento do Brazil: elle tem conseguido pertinazmente levar avante esta campanha a golpes de rude sinceridade, que impressionou o eminente cidadão que dirige os altos destinos do Paiz.

Entrando então no assumpto define o que é um parasito: um ser vivo que vive á custa de outro organismo a que se chama de hospede. Mostra o interesse que tem o parasito, poupando o mais possivel o animal que lhe dá abrigo, pois que a morte de um é a do outro. Não despertando reacções violentas, o parasito passaria despercebido, si não fôra a sua proliferação e consequente concorrência

biologica que faz com que a quantidade de veneno fornecido ao hospede, nulla para um, torne-se notavel para cem e consideravel para mil.

Divide os parasitos em endo e ectoparasitos, diz o que é um hospede definitivo e um hospede intermediario, passando a estudar o ramo dos vermes. Faz considerações sobre os plathelminthos, estuda os cestoides, referindo-se á tenia solium, proveniente da carne de porco, por intermedio de uma fórma embryonaria denominada cysticercos cellulosa, á tenia saginata, oriunda da carne de vacca, pelo cysticercos bovis e ao bothirio cephalo contaminado pela carne do peixe pelo pleurocercos.

Refere o facto interessante de, nos individuos portadores de solitaria, ser benigna a evolução da tuberculose. Por não poderem os medicos receitar solitaria aos seus doentes, tem-se empregado extracto de tenias. Diz que, pelo facto da solitaria invadir o organismo, geralmente entre os 20 e os 30 annos, dispensa-se de alongar-se neste assumpto em uma vulgarização feita em um meio escolar.

Entrando no estudo dos vermitodos, faz considerações sobre a lombriga, mostrando a sua morphologia, seu habitat, e o numero consideravel a que podem attingir: 245 em um caso do Dr. Belizario Penna, 5 mil em um de Freconneau-Dufresne, fazendo considerações sobre o pezo que supportam os portadores de lombrigas. Mostra em seguida as perturbações que fazem no organismo os venenos das lumbricoides, que, principiando por causarem modificações no appetite, nauseas, mau halito, dôres no ventre, terrores nocturnos, podem até provocar congestão cerebral, paralytias multiplas, surdez, cegueira, disturbios intellectuaes, etc.

Explica em seguida as perturbações mecanicas, que se podem manifestar em obstrucção intestinal e na emigração das lombrigas, que podem sahir pela bocca, pelo nariz, pelo ouvido, pelos olhos, pela urethra ou pela pelle, podem penetrar no larynge produzindo suffocações, quando não asphyxia e morte, na pleura, sendo causa de pleurizias, no appendice, originando as appendicites, no peritoneo, peritonites, ás mais das vezes mortaes, mostrando os trajectos por vezes complicados que fazem os vermes em sua emigração. Falando no diagnostico da lumbricose, chama atenção para o meio mais facil e mais seguro que é o exame das fezes.

Estuda depois em seus menores detalhes o *oxyurus vermiculares*, que se localiza communmente no recto, e que á noite sahindo, pôde se ver á luz de uma vela, facto bastante conhecido das mães de familia.

Expõe em seguida os accidentes ás vezes graves de que são responsaveis, passando a

estudar o *tricocephalus trichiurus*, chamando atenção para o seu nome paradoxal pois *trichi* em grego, cabelo, *cephalo* — cabeça e *uros*, cauda, daria idéa de ser o parasito afilado em suas extremidades, o que não se dá, sendo sómente delgado na cabeça. Linneu chamou-o de *asearis trichiurus*, porque confundiu a cabeça com a cauda. Deve-se preferir o nome dado por Schrank: *tricocephalus hominis*.

Enumera em seguida os graves incidentes que podem dar lugar a presença do *tricocephalus hominis* no intestino, indicando após o exame de fezes, como unico meio seguro de diagnostico.

Em seguida começa o Dr. Barboza Vianna a estudar o ancylostomo duodenalis, cuja verminose é produzida no homem pela presença no intestino de um parasito que lhe deu o nome e geralmente caracterizado por uma anemia profunda.

Mostra como a ancylostomiase é uma molestia universal, que foi encontrada em todas as partes do mundo.

Diz que si se avaliar uma molestia pelos nomes com que é baptisada, pôde-se bem calcular a extensão da ancylostomiase. Na Europa, a chamam de anemia dos mineiros, de anemia dos tunneis, de anemia dos tijoleiros, de anemias de S. Gothardo, etc.

De "chlorose do Egypto", nesse paiz, de anemia ou hypohemia intertropical, na Africa equatorial, de cachexia aquosa, nas antilhas, tendo entre nós os nomes de: *opilação*, *amarellão*, *cancaço*, *mal da terra*, *inchação*, *canguary*, etc. Cansaço e mal da terra são caracteristicos: um porque exprime o symptoma predominante, o outro a origem do mal.

Em sciencia dá-se-lhe os nomes de uncinariose, ankylostomiase, ankylostomose, necatoriase, ancylostomiase e ancylostomose.

Etymologicamente estes dois ultimos nomes devem ser os preferidos, pois que diz o Dr. Ramiz Galvão, as palavras derivadas do grego, em que o Kapa passou para a nossa lingua com o som de K foi um *descuido dos doutos*. Estas palavras devem passar para o portuguez com o som de C forte, donde *ankylos* — curvo e *stoma*, bocca: ancylostomiase.

Entra então a estudar a morphologia dos parasitos, descrevendo o ancylostomo duodenalis e o necator americanus, que differem um pouco em seu aparelho buccal, mas são identicos em sua acção sobre o organismo.

Refere como o mesmo penetra no intestino por via buccal e pela pelle, mostra em figuras elucidativas como se faz a entrada do parasito pelos folliculos pillosos da pelle, as lesões que produz, o caminho seguido pelos lymphaticos e veias até o coração direito, dahi aos pulmões, produzindo bronchites, até subir pela trachéa e larynge até ao pharynge, para

cahir no esophago, estomago e chegar finalmente ao duodeno, sua morada predilecta. Mostra os vermes e suas consequencias em quadros muraes e apresenta varios vidros cheios de ancylostomos.

Depois de descrever todos os males produzidos pelo ancylostomos, passou a mostrar a estatistica dos serviços de prophylaxia nas escolas e na zona rural.

Escola de Vigario Geral

Alunos examinados	50	
Verminoses	48	96 %
Ancylostomiase	31	62 %

Escola de Cordovil

Alunos examinados	25	
Verminoses	23	92 %
Ancylostomiase	17	68 %

Escola de Pilares

Alunos examinados	276	
Ancylostomiase	132	
Lumbricose	113	
Outras verminoses	31	
Total	276	
Porcentagem		100 %

Escola de Guerra

Alunos examinados	32
Ancylostomiase	9
Lumbricose	23
Outras verminoses	14
Alunos sãos	2

Muitos alumnos tinham varios parasitos.

Posto dos Pilares

Examinados	786
Ancylostomiase	494
Lumbricose	168
Outras verminoses	32
Total de infestados	694

Posto de Bangú

Examinados	835
Ancylostomiase	172
Ascaridiose (lombrigas)	463
Outras verminoses	161
Total de affectados	796

Vigario Geral

(Serviço systematico)

Pessoas recenseadas	487	
Ancylostomiase	207	
Outras verminoses	150	
Total	357	
Verminoses		73 %
Ancylostomiase		42 %

Parada do Lucas

Pessoas recenseadas	446	
Ancylostomiase	240	
Outras verminoses	131	
Total	371	
Verminoses		83 %
Ancylostomiase		53 %

Por estas estatisticas poderá ter-se uma pallida idéa da obra bemdita de valorização do brasileiro emprehendida pelo illustre Dr. Belizario Penna.

Depois de commentar estas estatisticas, passa a estudar a prophylaxia das verminoses.

Mostra a propagação dos parasitos pelo solo e citando Afranio Peixoto que diz: "Tudo vem do solo e volta para elle" chama attenção sobre os maleficios que nos vem da terra, avisando que nos precavemos, se não queremos cêdo ser restituídos a ella...

Discorre sobre a agua que só deve ser bebida filtrada, ou melhor fervida, sobre a comida, especialmente sobre os legumes crús e fructos que devem ser bem lavados, sobre os objectos que caem ao solo, sobre o mau vezo que têm as creanças de porem tudo na bocca e finalmente sobre o uso do sapato, condemnando o chinello e o tamanco.

Mostra depois que o tratamento faz parte da prophylaxia, estudando os diversos medicamentos: extracto etherico de feto macho, semen contra o seu principio activo a santonina thymol, naphtol béta, dolearina, etc., acabando por dar preferencia ao oleo essencial de chenopodium, que ensina como se deve empregar, acompanhado de uma dose variavel com a idade, de oleo de ricino.

Depois de provar que só sabe quem é são o que fez examinar as suas fezes ao microscopio, termina por fazer um appello ás professoras, mostrando que a escola é o verdadeiro templo, donde têm que irradiar os combatentes a todos os males que affligem a humanidade.

Os dois ultimos annos de arithmetica, na escola primaria, segundo a Commissão dos Quinze

(Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional pelo professor O. de Souza Reis)

(Continuação)

Asseguro-vos, Snrs. Professores, que raros prazeres intellectuaes se comparam, para as crianças e os adolescentes estudiosos, ao de resolver equações. Por este exercicio lhes vem não só um enorme estímulo para o trabalho, mas tambem uma grande e serena confiança no valor proprio, e uma disciplina esplendida da intelligencia.

Todas as equações devem ser obtidas no correr da solução de problemas, e não dadas como exercicios meramente abstractos.

Todos os problemas apresentam, geralmente com demasia de palavras, certo numero de relações entre a incognita e as quantidades conhecidas. Apanhada e expressa uma dessas relações, teremos uma equação, que deve resolver o problema. Tornar explicita, clara, essa relação é aquillo a que se chama *pôr o problema em equação*. Regra para pôr o problema em equação? Nenhuma. Bastarão alguns problemas como o seguinte:

"Um negociante comprou um rebanho de carneiros a tres preços diversos. Pagou $\frac{1}{3}$ do rebanho á razão de 21 francos a cabeça; $\frac{2}{5}$ á razão de 19 francos e o resto á razão de 15 francos. Revendeu todo o rebanho por 1.674 francos., ganhando $\frac{1}{5}$ do preço de compra. De quantos carneiros se compunha o rebanho?"

Ninguem conseguirá fazer um raciocinio claro, facil, corrente, para este problema, se resolvido pelo processo ordinario, a que denominam *arithmetico*. Vejamos como o conduziremos para o emprego da equação, por um processo facil, que parece algebrico:

"O negociante pagou de certa maneira $\frac{1}{3}$ e de outro modo os $\frac{2}{5}$. Vejamos, como sempre fazem vossos discipulos, que fracção do rebanho foi a terceira parte:

$$\frac{1}{3} + \frac{2}{5} = \frac{11}{15} \text{ do rebanho}$$

$$\frac{15}{15} - \frac{11}{15} = \frac{4}{15} \text{ do rebanho}$$

Supponhamos que o negociante comprou x carneiros; a primeira parte, daquellas em que dividiu a compra, foi

$$\frac{1}{3} \text{ de } x, \text{ ou } \frac{x}{3} \text{ carneiros;}$$

a segunda parte foram

$$\frac{2}{5} \text{ de } x, \text{ ou } \frac{2x}{5} \text{ carneiros;}$$

e a terceira parte foram

$$\frac{4}{15} \text{ de } x, \text{ ou } \frac{4x}{15} \text{ carneiros.}$$

Se comprou a primeira parte á razão de 21 fr. cada carneiro, pagou

$$21 \times \frac{x}{3}, \text{ ou } 7x \text{ francos;}$$

Se comprou a segunda á razão de 19 fr. cada carneiro, pagou

$$19 \times \frac{2x}{5}, \text{ ou } \frac{38x}{5} \text{ francos;}$$

Se comprou a terceira á razão de 15 fr. cada carneiro, pagou

$$15 \times \frac{4x}{15}, \text{ ou } 4x \text{ francos.}$$

Facil nos será agora saber quanto pagou, ao todo o negociante:

$$7x + \frac{38x}{5} + 4x$$

Diz-nos o problema que o lucro foi de $\frac{1}{5}$ do preço de compra, ou

$$\frac{1}{5} (7x + \frac{38x}{5} + 4x)$$

O negociante vendeu todo o rebanho por 1.674 francos, portanto

$$7x + \frac{38x}{5} + 4x + \frac{1}{5} (7x + \frac{38x}{5} + 4x) = 1.674$$

Resolvida esta equação, que é facilima, acharemos

$$x = 75, \text{ numero de cabeças do rebanho.}$$

Não vos quero fatigar ainda mais, offerecendo e resolvendo novos problemas. Experimentae e vereis como tudo isso é facil.

Só depois de regularmente familiarizados os alumnos com o methodo algebrico, é que lhes deveremos dar, como faz Wentworth, a noção, que é imprescindivel, dos numeros negativos.

Vamos proceder, para isso, de um modo absolutamente pratico e intuitivo.

Todo alumno do 5º anno sabe, e se não sabe pode aprender, o que é uma *conta corrente* em uma casa commercial. Podeis fazer varios exercicios a proposito, figurando creditos e debitos, e calculando os saldos.

Se meu credito é, por exemplo,

10

e o meu debito 2, o saldo é

$$10 - 2 = 8$$

A' proporção que meu debito augmenta, o saldo vae diminuindo

$$\begin{aligned} 10 - 4 &= 6 \\ 10 - 5 &= 5 \\ 10 - 7 &= 3 \\ 10 - 8 &= 2 \\ 10 - 9 &= 1 \\ 10 - 10 &= 0 \end{aligned}$$

Meu debito pode, porém, ainda augmentar, o que só depende da confiança de meu banqueiro. Poderemos então continuar a escrever

$$\begin{aligned} 10 - 12 \\ 10 - 15 \\ 10 - 20, \text{ etc.} \end{aligned}$$

mas desde que meu debito ultrapasse meu credito, eu começo a *dever*. O negociante, que até então, nas suas notas, escrevia, a meu respeito,

Saldo a seu favor 6, 5, 3, 2, 1

passará a escrever

Saldo a meu favor, ou a nosso favor, 2, 5, 10, etc.

A algebra representa essa differença de sentido pelo signal negativo. Para elle, meu saldo existe sempre, mas é:

6, 5, 4, 3, 2, 1, 0, -1, -2, -3, -4, -5, -6, -7; etc.

O signal *menos* não é, pois, mais, em algebra, apenas um signal de subtracção, mas de mudança de sentido. Fareis com vossos discipulos, exercicios a proposito de numeros negativos, originados das contas-correntes, da marcha, a partir de um ponto, para a direita ou para a esquerda, da ascensão ou descida da columna de mercurio, no thermometro, além e aquém do zero, etc.

Tende, porém, sempre em vista que se trata apenas de *contagem*, como se representa nas seguintes expressões:

$$\begin{aligned} 4 - 7 &= & 5 - x - 3x &= \\ 4 + 2 - 5 &= & 12 - 14x - 17x &= \\ 14 - 5 - 9 + 1 &= & \text{etc.,} & \end{aligned}$$

isto é, não vos transvieis ensinando, por ora, as celebres regras de signaes da multiplicação e da divisão.

Até agora considerámos apenas problemas que se resolvem por meio de uma equação com uma incognita. Alguns existem, porém, em que ha duas incognitas perfeitamente independentes. Não vos citarei um, para encurtar esta fastidiosa perlanga, mas apenas as equações resultantes.

Havendo duas incognitas taes, que uma não se possa deduzir da outra, precisaremos de duas equações, que formem um *systema*.

$$\begin{aligned} 2x - y &= 1 \\ x + 3y &= 11 \end{aligned}$$

são duas equações que constituem um *systema*.

Para resolver um *systema* de duas equações, eu vos recommendo que escolhaes um *unico* dos varios methodos existentes, e deve ser o da eliminação de uma das incognitas pela redução ao mesmo coefficiente. Está visto que o discipulo não precisa de saber definir o que seja coefficiente, nem mesmo lhe precisamos falar em tal. Ensinar-se-lhe-á praticamente o que se deve fazer:

Multipliquemos ambos os membros da segunda equação por 2, e o *systema* virá:

$$\begin{aligned} 2x - y &= 1 \\ 2x + 6y &= 22. \end{aligned}$$

Vamos agora applicar aquelle principio, que nos foi revelado pela balança,—que a ambos os membros da equação se pode ajuntar e se subtrahir a mesma quantidade:

Do segundo membro ($2x + 6y$) vamos subtrahir ($2x - y$). Poderemos fazel-o? Sem duvida, desde que do segundo membro (22) subtraíamos a mesma quantidade ou outra equivalente.

Se ($2x - y$) é equivalente a 1, podemos subtrahir de 22 não ($2x - y$), mas 1:

$$\begin{aligned} 2x + 6y - (2x - y) &= 22 - 1 \\ \text{ou } 2x + 6y - 2x + y &= 21 \\ & \qquad \qquad \qquad 7y = 21 \end{aligned}$$

Achado o valor de y , podemos escrever a primeira equação do *systema* assim:

$$\begin{aligned} 2x - 3 &= 1 \\ \therefore 2x &= 4 \\ x &= 2 \end{aligned}$$

Repisemos bem esta operação que acabamos de fazer. Depois de obter que uma das incognitas entre, nas duas equações, com o mesmo coefficiente, subtrahimos uma equação da outra, *membro de membro*; isto é, o primeiro membro de uma do primeiro membro da outra, o segundo membro de uma do segundo membro da outra, para o fim de fazer desaparecer essa incognita.

Nem sempre, porém, se consegue a eliminação por meio de uma subtracção, mas por meio de uma *somma*. Este *systema*, por exemplo,

$$\begin{aligned} 3x - y &= 1 \\ 2y - x &= 8 \end{aligned}$$

vem, multiplicada a segunda equação por 3:

$$\begin{aligned} 3x - y &= 1 \\ 6y - 3x &= 24 \end{aligned}$$

Ahi só obteremos a eliminação da incognita x por meio da *somma*, porque juntando $3x$ com $-3x$ teremos *zero*.

Sommando, pois,

$$5y = 25 \quad \therefore y = 5$$

Seja ainda o *systema*

$$\begin{aligned} 3x + 4y &= 31 \\ 4x - 3y &= 8 \end{aligned}$$

Aqui, em vão procuraremos um numero inteiro tal, que, por elle multiplicada uma das equações, venha qualquer das incognitas, nas duas, com o mesmo coefficiente.

Mas o m. m. c. dos coefficientes de x é 12. Se multiplicarmos a primeira equação por 4, teremos o primeiro termo $12x$; se multiplicarmos a segunda por 3, teremos o primeiro termo $12x$. Faz-se, pois, a multiplicação de ambas.

Tendo o alumno chegado aos *systemas* de 2 equações, extremamente facil será o ensinar-lhe a resolução de um *systema* de 3 equações a 3 incognitas, de 4 equações a 4 incognitas, etc.

Ahi tendes, Snrs. Professores, o sufficiente para a resolução de quasi todos os problemas difficeis, ou cuja solução é penosa de explicar em palavras.

Não hesito em crêr que achaes, assim, perfeitamente simplificada a tarefa do ensino preliminar, ou introductorio, desta sciencia, tão injustamente tida por difficil.

Não vim fazer propaganda para introdução do methodo algebrico em vossas escolas. Vim apenas mostrar-vos que a algebra não é uma dessas disciplinas que bem ou mal se aprendem, e não servem jamais, e que não vos deveis admirar se a encontrades, assim reduzida a elementos simplicissimos, em os programmas de ensino. O movimento pedagogico autoriza essa previsão e deveis estar habilitados para receber com *sympathia* esse treze de maio do raciocinio escravizado a processos anachronicos, inuteis, e, mais que inuteis, prejudiciaes.

Ignoro, quero ignorar, notae bem, se é isso algebra, verdadeira, ou arithmetica, ou outra coisa. Não entrou em meu plano nenhuma investigação philosophica; falei-vos de arithmetica e de algebra no sentido commum destas palavras, naquelle que se encontra referido nos dictionarios de nossa lingua. Esta advertencia, eu vol-a faço porque conheço sufficientemente os preconceitos, o exclusivismo, a irritabilidade dos mathematicos.

Não sei, nem quero saber, se se trata de algebra, ou de arithmetica, ou de outra coisa. Sei que é necessario e que se pode ensinar.

Aqui, para aquelles que me conhecem, devo parecer contradictorio, pois entendo, e sempre o disse, que precisamos de reduzir muito os programmas do ensino primario. Mas a algebra que eu entendo util e possivel não é uma disciplina a mais, e sim um methodo melhor, mais facil e mais seguro, para se resolverem as questões do curso de arithmetica.

Nem sempre, está visto, nos havemos de valer do processo algebrico. Resolver por elle certos problemas arithmeticos seria, sem duvida, como disse judiciosamente um autor, "empregar uma enorme alavanca para suspender uma penna". Precisa o professor de ser ponderado e parcimonioso, empregando em cada caso os meios mais adequados á intelligencia do discipulo.

Não ha, não pode haver, para a algebra, quer da parte do mestre, quer da do alumno, uma falta de geito, ou uma idiosyncrazia. Toleremos ainda que alguém diga — Não dou para o desenho! embora saibamos que, ainda preso ao jugo formidavel da natureza, habitante bruto e primitivo das cavernas naturaes, já o nosso antepassado mais remoto desenhava com relativa perfeição, insculpindo fórmias nas pedras, nas conchas e nos ossos dos animaes.

Mas o ensino do methodo algebrico, que não exige habilidade especial, nem saber acima do commum, este, todos o podem fazer.

Não será mais necessario possuir-se uma perspicacia particular e notavel, para resolver, nas classes adeantadas, os problemas arithmeticos, pois é muito mais facil acompanhar, na mesma ordem, operando sobre um symbolo, as circumstancias referidas nos problemas, do que descobrir, ou por tentativas laboriosas, ou por um acaso feliz, o calcanhar de Achilles de cada problema, a ponta unica e dissimulada, por onde se desmancha a meada. Demais, é já um aphorismo, para a pedagogia contemporanea, que os bons professores não nascem feitos, — fazem-se com o esforço diario.

Eu vos concito, pois, a que estudeis as vantagens da introdução do methodo algebrico em vossas escolas e os methodos para fazel-a, porque podemos prevêr com segurança que amanhã ou depois esse methodo será recommendado, ou até imposto, pelas autoridades do ensino, que hão de condemnar ao abandono os processos obsoletos de estafa cerebral por meio da mathematica.

Toda a historia da pedagogia não tem sido outra coisa senão a pesquisa dos meios mais suaves de fazer aprender. Já vae longe (ao menos para nós) o tempo em que se ouvia, nas escolas, a enfadonha e pavorosa cantilena do *Um e um, dois; dois e dois, quatro*, que já Sto. Agostinho, na sua época, dizia ter odiado em criança. O methodo velho cedeu logar ao ensino racional, e ahi estão, em arithmetica elementar, todas essas utilissimas ninharias, de que tão bem se occupou meu predecessor nesta tribuna.

Tenho fé absoluta, integral, em vossa aptidão pedogogica, e posso assegurar-vos que não vos arrependereis, se vos dispuzerdes a seguir, neste assumpto, os conselhos, que não são meus, mas das autoridades mais conspicuas do ensino moderno.

Não podereis allegar nem mesmo ignorancia da materia, pois eu vos responderia que de vosso proprio engenho e vosso esforço individual tiraes a parte dos conhecimentos que transmittis, e que não vos foram ensinados.

De quanto já pude observar, não me illudo a respeito do elevado nivel intellectual do pessoal docente do Rio de Janeiro, que de nenhum outro é sobrepujado.

Tende, pois, em vossa efficiencia pedagogica a mesma confiança que eu nella deposito.

A ESCOLA. SUA INFLUENCIA SOBRE O MORAL DA CRIANÇA

(Conferencia realizada na Bibliotheca Nacional pelo inspector escolar Dr. Arthur Magioli)

Se porventura quizessemos em uma synthese eloquentissima, exprimir tudo quanto nos fosse possivel dizer relativamente ao assumpto que constitue o objecto da nossa desprerenciosa palestra, bastaria citar-vos o seguinte caso, cheio de grandeza na sua simplicidade, cheio de ensinamentos nas suas consequencias.

Matriculou-se em uma das nossas escolas um menino de 7 annos. Analfabeto, possuia todas as despreocupações das crianças da sua idade. Travesso, de grande viveza, demonstrava ser intelligente.

Após uma frequencia de 2 annos, notou a professora sob cujos cuidados se achava, que o seu temperamento passára por notaveis transformações; que uma certa tristeza substituiu o descuido, a indifferença dos primeiros tempos, tristeza que se tornava bastante intensa, produzindo ás vezes violentas crises de choro.

Certo dia em que atravessava uma sala de aula, de cujas paredes pendiam diversos quadros, mostrando os terriveis e dolorosos effectos do alcoolismo, elle parou fitando-os, e num gesto tragico apontando para um delles bradou com voz despedaçadora — "E, desgraçadamente eu tenho disso em casa!"

Era o despertar da consciencia!

Naquelle grito terrivel que traduzia toda uma epopéa de dor; toda uma historia de martyrios vividos dia a dia na contemplação constante das scenas allí reproduzidas, havia: ou um protesto energico contra os que lhe tinham feito cair a venda que occultava aos seus olhos a torpeza do que se passava na sua casa; ou o sentimento profundo, desesperador de ter nascido em um meio que a educação e a instrução lhe haviam feito conhecer e executar!

Não era mais a indifferença, o descaso absoluto por scenas a que se habituára pela sua repetição quotidiana; não era mais o menosprezo pelos actos violentos praticados entre seres a que talvez os maus tratos o haviam compellido a odiar; não! Mas a analyse rigorosa, severa, feita por um ser consciente, e traduzida na phrase terribel que lhe viera aos labios ao contemplar as estampas que lhe lembravam os martyrios soffridos!

Era o juiz que surgia dentro daquella alma infantil, e que condemnava severo, inflexivel, os desvarios que outr'ora lhe haviam passado despercebidos, ou que a sua natureza inculta applaudira, gozando!

A escola cumprira a sua missão! Transformára por completo aquelle pequenino ser, producto de um meio mau e viciado, numa entidade capaz de discernir, capaz consequentemente de escolher o melhor caminho a trilhar na vida, aquelle que maior somma de felicidades lhe proporcionasse!

Mas... relatando este caso tão evidente, tão positivo, tão cheio de ensinamentos, não teriamos cumprido a nossa tarefa. Não teriamos estudado o mecanismo em virtude do qual a escola conseguira um resultado de tal ordem, verdadeira revolução de consequencias tão beneficas, objectivo a que obedece a sua organização moderna.

Certo aqui comparecendo não o fizestes convencidos de que virieis ouvir innovações sobre um assumpto que vos é bastante conhecido. Nem nos moveu a estulta pretensão de tal pensar, aceitando encargo tão superior ás nossas forças. Meras observações colhidas em alguns

annos de experiencia conquistada no exercicio das funções do cargo que exercemos, eis o que tencionamos submeter á vossa apreciação, desobrigando-nos do compromisso tomado.

Em todos os tempos, em todas as épocas o problema da educação constituiu sempre objecto dos mais serios, dos mais attenciosos cuidados. Envolve a principio nas incertezas do empirismo a Pedagogia, cujas bases ainda se não haviam firmado nem na observação, nem na experiencia, resentia-se da falta de orientação necessaria ao cumprimento exacto dos seus fins.

Ella se praticava de accordo com as tendencias dos povos no seu evoluir, preparando-os para o desempenho das funções constituintes do ideal que os impulsionava.

Athenas educava os seus filhos nas preocupações elevadas do espirito; as artes eram cultivadas carinhosamente em suas multiplas variedades, e o bello erigido em culto era o supremo dirigente das suas praticas.

Esparta fazia consistir na força o ideal da educação. Preparava athletas e guerreiros para as resistencias ás lutas!

Roma, a expressão mais genuina do militarismo na antiguidade, imprimia á educação dada aos seus filhos os rigores formidaveis de uma disciplina ferrea. Formava-os para as conquistas territoriaes, podendo-se afirmar com Isaurat que o systema pedagogico romano se resumia: "em obediencia absoluta, ferula, grammatica e rhetorica".

E foram estes os prodromos da sciencia da educação.

Pouco a pouco das nebulosidades do passado, a escola se foi destacando; as suas funções foram mais e mais se tornando accentuadas, até chegar aos tempos modernos, extreme dos preconceitos que subordinavam os seus fins ás especializações caracteristicas das tendencias dos povos nos seus tempos primitivos.

Seria por demais longo traçar a trajectoria descripta pelo seu evoluir; estudar minuciosamente a contribuição extraordinaria prestada por philosophos, sociologos e pedagogos para a conquista do logar que hoje occupa.

O ponto de vista em que cada um se collocava, fazendo decorrer dahi theorias qual a mais absurda, qual a mais approximada dos seus verdadeiros fins, traça o caminho seguido, as derrotas soffridas, as victorias conquistadas.

A despreocupação do elemento essencial — a criança —, cujo estudo não se fazia, dava em resultado erros de apreciação e consequentemente falsas applicações delles decorrentes.

A Psychologia não fizera a sua apparição.

A criança não era o ser susceptivel de se modificar no sentido benefico, sob a acção de processos resultantes do estudo attencioso do seu temperamento, das suas tendencias, do estado de equilibrio das suas faculdades psychicas.

Era o irracional inconsciente que, para chegar á perfeição de agir com discernimento, deveria ser submettido ao emprego de meios violentos que vencessem as resistencias encontradas e o transformassem por completo no typo idealizado como o mais apto e capaz de se dirigir na sociedade.

Dahi a escola ser, não o meio almejado onde na suavidade de processos racionais a criança experimentasse os effluvios beneficos da educação moral, intellectual e physica; mas a casa de torturas que longe de

attractar, della repellia os que necessitavam do seu socorro!

Os castigos erigidos em processos correctivos, torturantes, quebravam por completo os enthusiasmos ardorosos, tão naturaes na criança, escravizando-a, impedindo-a de se expandir, e preparando individuos inaptos para enfrentar corajosamente todas as eventualidades da vida. Della saham ou desanimados, ou indifferentes. Aquelles, na convicção de que os processos que lhes eram infligidos ao perlustrarem os bancos da escola seriam um reflexo dos que havia de soffrer na sociedade; estes, desilludidos e incapazes, no seu scepticismo, do mais insignificante esforço em prol de um ideal dignificador!

A uma sociedade organizada sobre taes bases faltariam todos os elementos necessarios para o seu elevado funcionamento. Ella se resentiria das dores soffridas pelos que a constituissem; ella conteria nos seus fundamentos o virus terrivel da desagregação!

Elemento de alto valor na organização social, a escola, cuja influencia se deve fazer sentir poderosamente no individuo, tornando-o apto para o desempenho da sua missão como parte della constituinte, não pôde preparar escravos, desanimados, indifferentes!

Recebendo em seu seio seres, uns, cujas taras hereditarias no seu fatalismo doloroso os arrastam para a pratica de actos muitas vezes condemnaves; outros, influenciados pelo meio em que vivem, pernicioso, deletorio, a sua função cheia de embaraços, cheia de difficuldades é impedir as funestas consequencias daquellas; corrigir os terriveis effectos deste!

Eis o trabalho *formidavel*, dignificante, elevado da escola!

Não é facil executal-o, cumpre seja dito.

Muitos e diversos são os elementos cujo conhecimento exacto se torna necessario para que tal se dê. De entre elles, porém, destacam-se a personalidade admiravel do professor; a figura indefinida, complexa, da criança; o meio, o scenario propriamente dito, a escola!

— O professor! o mestre-escola de outr'ora!

Figura austera, cheia de severidade, em extremo impressionante que vem atravessando os tempos, envolto numa aureola de sagrado respeito até a época actual em que o caracter de rigorosa gravidade, de mystico terror que o cercava tem desaparecido afim de dar logar a uma personalidade scientificamente preparada para o desempenho da sua tarefa grandiosa!

E, numa evocação cheia de saudades, volvemos o olhar para o nosso passado e os vemos a todos: uns inspirando-nos terror, voz forte, tonitroante, modos violentos, procurando agir sobre o nosso espirito pela força; outros, indifferentes, cumprindo mecanicamente o dever sem ardores, sem enthusiasmos; ainda outros, bondosos, cheios de inexciveis attenções, procurando no interesse despertado, conseguir fins uteis; tornando sympathica a sua missão, satisfeitos quando alcançados, tristonhos quando as resistencias oppostas demoravam ou impediam a sua execução! E, criança, experimentando odios, alegrias, favores de accordo com as impressões em nós produzidas pelo modo de proceder de cada um!...

E assim como o estatuario imprime ao bloco informe o cunho da sua propria personalidade, dando-lhe as formas idealizadas, o professor, tendo em vista tornar a criança um elemento util a si mesmo e á sociedade, arranca-l-a ás deformidades impressas pela herança e pelo meio, orienta a sua obra de accordo com o ponto de vista em que se colloca.

O professor não pôde ser um idealista.

O idealismo em Pedagogia é o falseamento dos fins praticos para que deve ser preparado o cidadão.

Formar utopistas não pôde ser a missão da escola.

Crear homens fortes moral, intellectual e physicamente, eis o seu escopo.

Alma desse meio extraordinario, ao professor cumpre o estudo attento e circunstanciado de tudo quanto seja capaz de concorrer poderosamente para tornar a criança, na phrase de Maria Coppius, "um ser que se dirija consciencientemente e opponha a todas as influencias exteriores um caracter firme e nitidamente definido; um ser na posse de uma vontade consciente e esclarecida".

Este trabalho, vê-se bem, não será executado com rigor, sem o conhecimento exacto da alma da criança, sem a observação minuciosa de tudo quanto a ella se relacione, afim de tirar dahi os elementos necessarios para convenientemente dirigil-a.

A educação do professor, o seu preparo são condições essenciaes para que possa bem se desempenhar da tarefa que lhe é imposta.

Não se trata de *agir* sobre individuos em pleno desenvolvimento das suas faculdades psychicas; de individuos capazes de discernir, de julgar e proceder no melhor sentido para o seu bem e o da collectividade; não. Trata-se de pequeninos seres inconscientes, incapazes das minucias do raciocinio, impulsionados pelas impetuosidades do temperamento; manchados pelos vicios de um meio muitas vezes pernicioso; feridos pela impressão dolorosa de miserias soffridas; acorrentados ás contingencias deprimentes da herança!

Influir poderosamente, utilizando-se dos mais variados recursos, sobre o moral de seres complexamente organizados, entregues á sua proficiencia, é a função maxima do professor.

Assim sendo, elle precisa possuir qualidades especiaes que, alliadas a uma orientação segura, decorrente do modo por que devem ser aproveitadas as boas tendencias da criança e do sentido para o qual necessitam ser dirigidas, constituem o verdadeiro elemento para que se possa bem desempenhar.

Não se comprehende um professor atrabiliario, impaciente, violento, convencido de que o grito, a ameaça, o vexame por que obrigue a passar uma criança que claudique, sejam elementos capazes de produzir beneficos resultados sobre o seu moral.

Corrigil-lhe os vicios adquiridos, as tendencias perniciosas, formar-lhe, finalmente, o caracter e conseguir por meios suggestivos impôr-lhe a obrigação de dirigir os seus actos no melhor sentido, tornando-lhe a pratica inconsciente, não poderá fazel-o senão aquelle que, sem a menor impaciencia, tenha o proposito firme de conseguir o seu fim.

A escola é uma sociedade em miniatura. Cada pequenino ser é uma individualidade, mixto de bons e maus sentimentos.

Em cada um existe algum tanto de heroico, de cavalleiresco, de perverso, de indifferente.

Assim sendo, se o papel de dirigente é difficil quando exercido entre individuos capazes de discernir, toma um caracter muito mais melindroso, muito mais cheio de embaraços quando, á heterogeneidade do meio se alliam as impossibilidades do discernimento!

E se o despotismo, a violencia, erigidos em elementos correctivos não conseguem outro resultado na sociedade que o de produzir revoluções tendentes á reivindicação de direitos postergados, na escola muito menos darão fructos beneficos e duradouros.

Taes processos antes farão explodir os maus sentimentos adormecidos, que a força poderá manter durante certo tempo, do que corrigil-os e impedir os seus effectos perniciosos.

A influencia da escola sobre a criança não pode ser malefica e ao professor incumbe a tarefa de evitar que o seja.

Como faz-lo? Como proceder para a consecução de tal fim? Educando-a, influido directa e poderosamente sobre o seu moral, dirigindo-lhe os actos, procurando cultivar os bons e corrigindo ou fazendo desaparecer os maus.

E estes não são em menor numero.

Influenciada pelas pessimas condições do meio em que se desenvolve, meio ao qual muitas vezes faltam todos os elementos necessarios quer de ordem moral, quer de ordem material para bem conduzi-la, a criança vae á escola, viciada, inutilizada, perdida, incapaz aparentemente de um gesto, de um acto que denuncie a possibilidade de uma transformação benefica, de uma regeneração!

E' a menina J., peço licença para não declinar o nome, cujos primeiros annos de existencia se têm passado em casas de reputação má, na contemplação constante dos mais tristes e dolorosos espectaculos, que se apresenta á escola, mostrando ardorosos entusiasmos pela vida de theatro; trajando ás vezes vestes de custosas sedas e que garbosamente, passando junto ás suas collegas, lhes chama a attenção para a belleza com que se ornamenta!

Na sua ignorancia, no seu completo desconhecimento do mal que lhe possa advir destes gestos que julga superiores, ella penetra na escola.

Olha-a com tristeza a digna professora. Os companheiros, num primeiro movimento hostil, recebem-na zombeteiramente, e ella passa convencida do seu valor!

Pouco a pouco, influenciada pela fascinação exercida pela professora, thesouro indescritivel de bondade, modificada pela acção poderosa do meio benefico criado em torno della por todos os elementos constituintes da escola, uma rigorosa transformação se vae operando. Aproveitadas as suas boas tendencias e dirigidas convenientemente no melhor sentido; arrancada a vontade ás incertezas, ás irresoluções e norteada para fins valerosos, uma nova criança surge, modesta, esquecida dos attractivos do theatro, distinguindo-se dos seus companheiros pela sua applicação e almejando, segundo ouvimos dos seus proprios labios, seguir, não mais a carreira que tanto, a seduzia, mas a elevada e gloriosa profissão de professora!...

E' o alumno de uma outra escola que risonho, indifferente, inquirido sobre o paradeiro do pae, responde ufano, numa alegria descuidada — que cumpria sentença na Casa de Correção por haver morto um homem — e que após alguns mezes de frequencia escolar, novamente interrogado, cora, baixa os olhares, não quer responder, e chora nervosamente ante a insistencia da pergunta!...

Houve na consecução destes resultados o emprego de meios violentos, coercitivos? A preocupação de tornar dolorosa pelo vexame, pelas censuras, uma situação creada por circumstancias involuntarias? Não.

Antes, pelo contrario, foi muito carinhosamente num trabalho persistente de suggestão, orientando a vontade, dirigindo-a de accordo com o objectivo almejado que a elle chegaram as dignas professoras.

Não houve tão pouco a utilização de ensinamentos theoreticos, bebidos em maximas ou em fabulas, contraproducentes nas suas applicações para a obtenção de resultados essencialmente praticos.

O julgamento dos actos por elles mesmos praticados, a sancção dos bons pelo seu valor proprio, e a con-

demnação dos maus pelos prejuizos causados, eis o methodo seguido.

Em antagonismo com tal procedimento, seja-me licito citar um outro caso em que jamais pela sua applicação o professor poderá alcançar o mesmo resultado. — Impellida pela inconsciencia, ou impulsionada por certa affecção pathologica, uma menina apossa-se occultamente de um objecto da professora.

Quando, terminado o expediente escolar, os alumnos se retiravam, a falta do objecto foi notada. Grande agitação em torno do caso por parte das crianças que ainda permaneciam na escola. Uma dellas denuncia a delinquente, a professora sae á sua procura, encontra-a, verbera-lhe o procedimento alli mesmo em presença dos seus collegas que apupam a victima, dando-lhe os mais dolorosos nomes!

E a pobrezinha foge, humilhada, ferida profundamente na sua sensibilidade infantil, caminho de casa, esmagada ao peso desolador daquella vergonha insupportavel!...

Terrivel, dolorosa sentença, lavrada contra aquelle pequenino ser inconsciente; pessima, desanimadora lição dada aos seus companheiros, aos que acreditavam fazer um bem apupando-a!

Os resultados não podem ser identicos com o emprego de processos tão differentes.

Um eleva, engrandece, dignifica; o outro humilha, diminue, rebaixa!

Esta criança sentir-se-á com a coragem necessaria para voltar á escola?

Atemorizada, invadida pelo desanimo, considerando-se envilecida, terá a força de vontade capaz de reagir contra um tal estado de alma e proseguir a sua vida escolar? E' difficil crê-lo.

Foi por demais forte o abalo soffrido. A regeneração não será um impossivel, é certo, mas a memoria tão viva na criança guardará indelevel a impressão desoladora produzida pela violencia do ataque.

Jámais se olvida o braço que vae alem nos rigores do castigo!

Monsenhor Myriel entregando a João Valgean, num gesto sublime de caridade, os castiçoes roubados, para salva-lo do castigo que o esperava, não é uma criação imaginaria do immortal autor dos "Miseraveis", é antes um conhecimento profundo da alma humana!

Pelo perdão se consegue mais do que pelo castigo!

Aquelle faz vibrar as fibras sensiveis da alma, comovendo-a, dando logar á manifestação de sentimentos bondosos, elevados. Este, irritando-as, excita, compelle á represalia e o travo amargo deixado difficilmente cessa de se fazer sentir.

A sensibilidade na criança é extraordinaria; no desconhecimento absoluto do que lhe possa advir de benefico ou de malefico em determinadas deliberações, julga pela sensação experimentada no momento. O seu acto será bom ou mau, de accordo com a impressão recebida.

Um gesto insignificante pôde muitas vezes dar origem a uma acção louvavel, á correção de movimentos condemnaveis e que as censuras violentas, as recriminações não conseguem.

O aproveitamento pelo professor desta sensibilidade infantil é de grande efficacia para conseguir optimos resultados. Uma condição, porém, se torna necessaria para que tal se dê — a impressão poderosa e fascinante exercida por elle sobre o discipulo.

A conquista de tal propriedade só se fará por processos lentos, estudando-se commeticulosidade o temperamento do alumno, e lhe falando bondosamente, porém, no tom de quem quer e deve ser obedecido.

Todas as crianças têm um ponto fraco; saber encontra-lo e bem assim o momento opportuno para feril-o, eis o grande problema.

Casos ha interessantissimos comprobatorios das nossas affirmativas.

Na escola annexa a um dos nossos institutos, certo menino havia cujo procedimento insupportavel resistia a todas as tentativas para corrigil-o. Se a professora o ameaçava de impedir-lhe a sahida aos domingos, nenhuma importancia ligava a tal ameaça; se declarava que o prohibiria de receber visitas, a mesma indifferença! Sabendo um dia que esta criança orphã e sem parentes não era visitada, comprehendeu o descaso por um castigo a que se habituára por circumstancias dolorosas da vida. Penalizada, chamou-o e declarou-lhe que o visitaria, caso se portasse bem. No domingo seguinte, sobrando embrulhos de guloseimas, com grande admiração dos companheiros do insubordinado, foi-lhe feita a visita promettida. Profunda commoção se apôsou do delinquente que chorou, demonstrando sentir-se feliz com as caricias recebidas. Deste dia em diante o seu comportamento tornou-se exemplarissimo! Um alumno de outra escola, nos seus habitos de estouvamento, de turbulencia, lembra-se um dia de, sentado á sua carteira, collocar os pés de encontro á mesa da professora. Avisado de que tal proceder não era correcto, nelle insiste. Ameaças de castigo, recompensas dadas, queixas feitas aos paes, que aconselharam o espancamento do filho, todos esses processos empregados o foram pouco a pouco modificando sem corrigil-o de todo; finalmente, mostrando-se a professora um dia sentida, declarou que o ia transferir para outra classe. Foi o sufficiente para o facto se não reproduzir, indagando elle se continuaria a frequentar a sua classe caso não repetisse o que a desgostava!

Comprehendeu bem a digna professora que se agisse irritando o seu discipulo, nenhum resultado obteria. Sabia-o sensivel a um tratamento brando, e de accordo com tal conhecimento procedeu, obtendo efficaz resultado. O alumno desobediente é hoje um dos melhores da sua classe.

Este effeito obtido sobre um individuo pôde o professor conseguil-o da collectividade.

Em certa escola havia junto á talha, para uso das crianças, uma caneca. Descuidadas, sem preocupações cautelosas, ao se servirem della molhavam completamente o assoalho. Desejosa de impedir que tal se repetisse, mostrou-lhes a professora quanto era aquillo desagradavel e declarou que ia substituir a caneca por um copo de vidro, o que exigia acção mais caprichosa por parte dos seus alumnos.

Pois bem, posta em execução a promessa, o assoalho jámais foi molhado!

O poder suggestivo do professor sobre o moral dos seus discipulos constitue o mecanismo em virtude do qual as acções destes podem ser convenientemente dirigidas. Faz-se, porém, necessario que á força de agirem sempre no bom sentido tal procedimento se torne inconsciente, isto é, se renove todas as vezes que as mesmas circumstancias se reproduzam, sem a exigencia do menor esforço, sem uma sollicitação especial para que isto se dê.

O aproveitamento do mais insignificante meio capaz de produzir um benefico não pode ser desprezado.

Em visita á escola dirigida por distincta professora foi-nos apresentado um menino de procedimento insupportavel. Como sua collega, cursa a mesma escola uma menina que sobre elle exerce poderosa influencia.

Dois motivos muito fortes contribuem grandemente para tal: a bondade angelica desta criança que, sabendo o seu companheirinho impossibilitado de levar diariamente merenda para escola, fornece-lhe da sua ou lhe leva de casa; e a belleza verdadeiramente encantadora de que ella é dotada.

Esta menina tem para com o seu pequenino amigo cuidados maternas, e elle obedece cegamente ao seu menor gesto. Por nós sollicitada para dizer o motivo por que assim procedia, risonha e muito simplesmente respondeu-nos — que o fazia por ter penã d'elle!

Por meio desta sua poderosa auxiliar á professora consegue que o seu alumno se porte convenientemente, ora satisfazendo-lhe a vontade quando se mostra desejoso de estar junto á sua protectora, ora impedindo de fazel-o, o que constitue para elle grande contrariedade, conforme o seu procedimento na sala de aula.

Eis ahi um elemento valorosissimo para a obtenção de resultados diversos — quietação de um alumno que perturbava seriamente os trabalhos escolares com as suas travessuras; o exemplo brilhantissimo de altruismo exercido expontaneamente por uma criança cujas qualidades de coração tão bellamente se manifestavam.

E é neste estudo acurado de todas as boas predisposições de cada um dos seus discipulos que o professor poderá conseguir transformal-os, pouco a pouco, dando-lhes a orientação que julgar mais conveniente á boa conducta.

Não se explica por outra forma o trabalho notavel e verdadeiramente extraordinario executado na escola da Chacara da Floresta.

Organizada neste local para prestar serviços á população escolar das circumvisinhanças e do morro do Castello, ella recebia meninos de todas as camadas sociais. Era o que havia de mais heterogeneo e deploravel.

Crianças que a frequentavam armadas para a pratica de violencias, impetuosas, cheias de audacia, irrequietas, sem a menor noção de moral, verdadeiros selvagens, eis os frequentadores daquella casa de ensino. Pacientemente a directora e seus auxiliares foram conquistando a confiança absoluta dos seus discipulos e exercendo poderosa influencia sobre elles, fazendo sobressahir em cada um o que de bom existia e que intelligentemente cultivado pudesse lhes ser util.

E daquelle cahos informe em que os mais descontraídos sentimentos fervilhavam pouco a pouco, a ordem foi surgindo e os pobresinhos, victimas da desidia, do descaso e da mais negra miseria, se foram elevando sob o impulso benefico da educação e da instrucção para destinos mais nobres, mais elevados do que aquelles para onde os impulsionava o abandono em que viviam.

A escola transformou-os. E essa transformação ficou perfeitamente demonstrada no dia em que por determinadas circumstancias a organizadora da escola teve de ser transferida. Foi a revolta. Ainda não completamente modificados, tiveram verdadeiras crises de desespero. Correram á presença do Director de Instrucção, e em lagrimas pediram deixasse na escola aquella que lhes fóra a providencia! A explosão de sentimentos nobres e elevados fazia-se dentro daquellas almas, e a gratidão se manifestava naquelle gesto de appello tão cheio de sympathia, tão emocionante! E a obra extraordinaria de regeneração continúa a produzir os seus bons effeitos pela influencia benefica da escola.

Conhecedor dos resultados admiraveis obtidos, manifestámos á digna Inspectoria escolar, o desejo de apreciar de visu o que alli se fazia.

Ao penetrarmos ás portas daquella casa experimentámos a sensação de que o faziamos na escola d'Ysnaia

Poliana de Leão Tolstói. Imaginámos ir alli encontrar crianças deitadas pelo chão, trepadas sobre as carteiras, sentadas no peitoril das janellas; assistir a todas aquellas scenas pittorescas descriptas pelo extraordinario sonhador russo na sua escola anarchista, tal o ruido que nos chegava aos ouvidos quando nella penetrámos. Mas não, alli sentia-se que uma autoridade superior dominava aquelle pequeno mundo. Sentia-se que uma vontade indomável, mixto de suavidade e de energia, conquistára aquelles pequenos seres que, cheios de curiosidade, viamos muito alegres, olhos vivos, na faina uns de escreverem, outros de lerem, outros de interrogarem os professores, todos mostrando uma boa vontade indescriptivel!

Descalços na sua quasi totalidade, sem paletot grande numero; calças e camisas pouco asseadas, estas crianças impressionavam agradavelmente pelo que exprimiam de boa vontade e bem estar.

E a visita teve inicio pela apresentação dos pequenos vendedores de jornaes que se mostravam ativos da sua função, declarando quasi todos trabalharem para auxiliar os paes. Vimos um limpador de botinas que confundido com os apregoadores de jornaes, ao nos ser apresentado apressou-se em desfazer o engano, orgulhoso da profissão que exercia! Foi-nos apresentado um pequeno de 7 annos mais ou menos, sobre o qual nos contou a professora que faltava muito á escola.

Interrogado porque o fazia dissera que — para auxiliar a sua progenitora. Pessoalmente indagámos em que consistia este auxilio, respondeu-nos que em coser calças. Ficámos curiosos de saber que havia de verdadeiro no que affirmava. Uma das adjuntas deu-lhe agulha e um pedaço de panno.

Pelo pegar no pequenino instrumento de trabalho, pelo nó dado na linha verificámos logo ser verdadeiro no que dizia, tal o desembaraço que demonstrava. E, alli, ante nós commovidos, vendo em imaginação aquelle entesinho sentado junto da pobre mãe curvada ao peso esmagador de um trabalho insano a passar-lhe a costura na qual dava os ultimos pontos, completando a obra iniciada, elle mostrou cabalmente a verdade do que affirmára! Era o heroismo occulto, esse heroismo que se não exhibe e a escola revelava numa demonstração positiva, ante os nossos olhos admirados. Passando a outras salas, foi-nos em uma dellas mostrado sobre a mesa da professora um pequeno cofre de folha cuja historia nos foi contada.

Apresentando-se um dos seus alumnos com um dente amolecido, ella conseguiu arrancar-o auxiliando-se dos dedos. Compreendendo que outros casos semelhantes poderiam occorrer, resolveram juntar o dinheiro necessario para a compra de um ferro de arrancar dentes e bem assim uma pequena machina de cortar cabelo, pois esta operação se fazia na escola! Dahi a existencia do cofre!

Tudo quanto nos era dado ver naquella escola enchia-nos de um respeito indescriptivel pelos autores daquella obra extraordinaria. Alli se arrancava, pouco a pouco, ás miserias da ignorancia, aos impulsos de tendencias más um punhado de seres para os quaes a vida não tivera prodigalidades! Alli dava-se coragem aos desanimados, orientação aos corajosos, e preparava-se o cidadão aproveitadas as suas aptidões para o bom exercicio da sua tarefa na sociedade.

Indelevel, inesquecível perdurará a impressão que tivemos.

* *

Transformada a criança pela acção directa da escola, os bons habitos adquiridos, as modificações im-

pressas na sua personalidade pela força dos principios educativos perdurarão? Terá porventura a educação a propriedade de impedir a volta ao estado primitivo, pela persistencia no meio máu de onde partiu? Acreditamos que sim, não obstante a controversia ainda existente entre os que cogitam do assumpto.

Alguns autores affirmam que a educação não pôde crear certas qualidades psychicas, mas sim transformal-as. Se de facto não ha uma criação no sentido absoluto da palavra, ha a persistencia da transformação mantida pelo habito e que na luta contra as influencias do meio, resistem, vencendo-o.

Como elemento poderosissimo para que perdurem os beneficios das conquistas feitas e cada vez mais se accentuem, temos a instrucção. "A educação cria as forças vivas, diz Guyan, a instrucção serve para dirigi-las".

Arrancada a criança á escravidão das más tendencias, tonificada convenientemente a sua vontade, habituada pela acção directa do professor a distinguir os efeitos beneficios da boa conducta, preparada moralmente para agir, a instrucção dar-lhe-á a força necessaria para a persistencia nas boas praticas.

Herbart affirma que "o ensino é indispensavel á educação; que sem aquelle esta não pôde ser executada, sem esta aquelle não poderá ser levado a effecto". Para alguns autores a educação supera a instrucção. Gustavo Le Bon, estudando as bases psychologicas da educação, pergunta: "Como avaliar de facto o valor de um individuo? O latino responderá: pelo que aprendeu, pelo numero de diplomas que adquiriu. Os Americanos e os Ingleses dirão: o valor de um homem se mede muito pouco pela sua instrucção, e muito pelo seu character, isto é, pela sua iniciativa, pelo seu espirito de observação, pelo seu julgamento, pela sua vontade".

Affirmam alguns escriptores que o estudo da estatistica dos criminosos demonstra que em 100 accusados, 70 são instruidos e 30 não! E esta triste desproporção faz meditar seriamente. Ella justifica a doutrina de que a escola deve ser mais educadora que instructora.

Tendo como função primordial preparar o individuo para o desempenho da sua missão na sociedade, e decorrendo esta mais das suas qualidades moraes do que das intellectuaes parece que aquellas se deve dar maiores cuidados que a estas.

O exagero na apreciação dá como resultado conclusões exaggeradas. Herbart estabeleceu perfeitamente a correlação existente entre uma e outra — o ensino é indispensavel á educação, um não pôde ser levado a effecto sem o outro.

O que se torna, porém, necessario, é imprimir ao trabalho educativo da escola um character essencialmente pratico e intenso. Fugir por completo ás preoccupações theoreticas, e ter em vista que só poderá ser productiva a sua influencia quando, transformado radicalmente o moral da criança, as resistencias aos efeitos perniciosos de meios maus se faça sentir poderosamente, compellindo-a sempre á pratica dos bons actos.

Como grande contingente e que muito contribue para este aperfeiçoamento, devemos encarar a instrucção civica. As noções elevadas de patriotismo, de virtudes civicas, fazendo nascer na sua alma ardorosos enthusiasmos, torna-as aptas á recepção dos principios de moral.

Ella actua poderosamente como excitante, quando concretizada no ensino de algumas disciplinas como a Historia, pelos exemplos admiraveis deixados nas suas paginas e que lhes devem ser transmittidos não como

relatorio minucioso de datas e acontecimentos, genealogias de soberanos e contos de batalha, na phrase de Gustavo Le Bon, mas como o estudo da evolução porque passou a humanidade, o estudo da civilização!

Para que o seu ensino se torne de valor cumpre em absoluto fugir ás abstracções, mas excitar o espirito das crianças compellindo-as a uma ligeira critica dos factos que de modo concreto lhes devem ser suggeridos.

A introducção actualmente do escotismo na escola, com o seu codigo de honra, pôde muito contribuir para auxiliar o professor no seu trabalho educativo. Torna-se necessario, porém, que nelle se procure a função altamente educadora que o caracteriza, fugindo em absoluto ás preoccupações exhibicionistas. E' preciso fazer comprehender ás crianças o valor das exigencias concretizadas no codigo que deverá ser o seu guia, para que sejam praticos os beneficios de tal instituição.

A promessa de organizar um batalhão de escoteiros foi um dos grandes elementos de que lançou mão a primeira directora da escola da Chacara da Floresta para conseguir muito dos seus discipulos. As recompensas prometidas, os castigos moraes apontados dava-lhes muitas vezes a quietação necessaria para o proseguimento regular dos trabalhos escolares.

A's grandes preoccupações de ordem moral e intellectual devemos juntar as de ordem physica ou material. As exigencias dos cuidados de que necessita o corpo não são de somenos importancia; antes, pelo contrario, devem muito especialmente merecer as atenções dos educadores. Povos existem para os quaes a educação physica supera a intellectual. Na realidade parece haver muita razão em assim pensarem.

Os actos praticados por um individuo em estado morbido não se podem revestir da bondade, da alegria que caracterizam os praticados por um outro em estado perfeito de saude.

A criança flagellada pela molestia é um desanimado, desilludido, um ser incapaz das energias necessarias para enfrentar as lutas pela vida. O preparo do corpo como o do espirito deve merecer, por parte dos professores, atenções especiaes.

A terrivel crueldade de Platão pregando que se deixasse morrer, á mingua de recursos, os debeis e rachiticos, ou mesmo, mais modernamente, a censura de Spencer á sociedade por nutrir os incapazes e dar assistencia aos enfermos, são manifestações dolorosas do rigorismo scientifico levado ao extremo e que se não coadunam com os saos principios da moral.

Não despresemos o enfraquecido, o debilitado. Não lhes augmentemos o martyrio do soffrimento physico com os desesperos da agonia moral. Ergamos-lhes as forças, tonifiquemos-lhes a alma afim de que participem, muito embora pouco, das alegrias da vida.

Ainda á escola compete a missão consoladora de fazel-o.

Senhores.

No momento actual em que um cataclisma terrivel abala o mundo inteiro, em que todas as conquistas da civilização parece vão desaparecer para sempre arrastadas pelo maelstron terrivel da guerra, volvem-se os nossos olhares para um unico ponto, para uma unica esperanza — a escola!

Ella concretiza o futuro.

Do seu seio uma nova geração surgirá, forte pelos principios moralizadores bebidos nas lições dadas pela experiencia; forte pela comprehensão elevada do direito e da liberdade; forte pelo preparo physico necessario ás

A ESCOLA PRIMARIA

resistencias para as lutas em prol dos nobres ideaes! Da França martyrisada nos vem o exemplo sublime dado pelo heroismo estoico das suas professoras!

Como outr'ora os christãos nos reconditos escusos das catacumbas romanas, fugindo ás perseguições atrozes da prepotencia, assentavam os alicerces do extraordinario monumento que tem sido o christianismo; ellas, sob o rugido sinistro dos canhões, sob a acção devastadora da metralha vão conduzindo centenas de crianças, caminho das cavas, dos subterraneos, para ministrar-lhes as lições sublimes que lhes servirão de guia no mundo! E o novo monumento surgirá dos escombros, das ruinas, das depredações feitas, para, com a solidez imperecível das obras seculares, cumprir serena a sua missão gandiosa de organizadora!

Senhores.

Eis-nos chegados ao termo da nossa missão.

Procurámos na medida das poucas forças de que dispomos dar-lhe cabal cumprimento.

Conseguimos o nosso objectivo?

A's vossas consciencias fica respondel-o.

FIM PRIMORDIAL DA EDUCAÇÃO

(Conferencia realizada na Bibliotheca Nacional pela professora cathedratice Zelia J. de Oliveira Braune).

Dispensae-me de palavras de modestia, no meu caso de uma sinceridade perfeita, e que por isso mesmo me abateriam o animo a ponto de não poder falar, o que não seria já resolução justificavel, uma vez que me submetti a occupar vossa preciosissima attenção durante alguns momentos, não direi perdidos por vós, porquanto constituem os proprios erros de alguns o caminho acertado para o progresso de outros, como bem nos prova a historia da humanidade.

Poderia ser importante o trabalho, mas fracassou completamente pela escassez e inferioridade do material nelle empregado. Darei, porém, ensejo a que, ouvindo-me, façais conferencia vossa, lembrando-vos do desempenho melhor que teria a tarefa si outro fosse o valor do operario, conjecturando a bellissima explanação possível do thema, si outros fossem os elementos naturaes e de cultura de quem vos falasse, idealizando uma palestra suavissima e encantadora em que a força da logica tivesse por ministras figuras de rhetorica e atavios de linguagem.

Não fóra a forte ambição que me absorve a existencia — educar e educar bem —, não me atreveria certamente a abordar semelhante questão já estudada, esmiuçada, debatida por muitos competentes e dedicados, que se preocupam com humanidade, começando pela sua base, pela creaturinha meiga, tenra e graciosa, poder latente que se transformará em força poderosissima com que em breve terá que contar a sociedade.

A creança é o enlevo, a pureza, a simplicidade, o mimo da criação e attrahe os olhares, suscita os affectos qualquer que seja a sua situação: de cutis delicada, macios cabellos, faces rosadas, olhar despreoccupado, trajando finissimas roupas, é a flôr animada e intelligente; grenha, hirsuta, physionomia constringida pela desdita, corpo delgado envolto em roupas mal assentadas que lhe deram de esmola, pés nus, a sós pela rua, arrebatados a imaginação por esses mundos de além, a meditar sobre

a precaria sorte da familia, que lhe não pôde ao menos attender ás necessidades materiaes. Nedã, rosada e saudavel, enche-nos de enthusiasmo, magra, pallida e exanguè, desperta interesse e sympathy e lastimamos tão brumosa se levante a aurora daquella triste existencia e tão flagrante seja o contraste entre a propria vida e a falta de vitalidade.

Complexo é o poblema da educação e decompo-o em varios outros se impõe para que o possamos resolver; dahi os tres aspectos sob que se apresenta: — educação physica, intellectual e moral que harmonica e simultaneamente encaradas darão resultado satisfactorio.

O organismo traz tendencias naturaes para tal ou qual desenvolvimento, predisposições para estados hygidos ou morbidos, a intelligencia em umas creanças vi-vida, é em outras apathica, as inclinações moraes são taes nessas e bem diversas naquellas.

Tem um cunho proprio o individuo e dahi a sua grandeza e tambem a lucta do educador: a hereditariedade, o atavismo, as influencias mesologicas, o attrito constante da sociedade de que elle faz parte, uma vontade innata que lhe determina as acções, tudo são imposições imperiosas, barreiras quasi insuperaveis ás funcções educativas, mas inevitaveis factores dessas mesmas funcções.

Tomar a creança ainda moldavel e susceptivel de grandes transformações ou aperfeiçoamentos, colher ansiosamente o quanto de admiravel nella existir, fortificar os pontos fracos e attenuar os excessos, dar tempo ao tempo para as modificações que só lentamente se deverão operar, aproveitando o tempo para todas aquellas que tarde seriam depois tentadas, e conseguir uma almejada e sublime metamorphose — conservadora do bem e destruidora do mal —, que offereça á humanidade, não um elemento funesto e inconveniente, mas um factor de honra e progresso — eis o abençoado escopo da educação.

Cuidados muito especiaes merece o organismo infantil; fragil e delicado é naturalmente vulneravel e indefeso quasi contra o inimigo a elle arrojado. Enfedado, rachitico e doentio, não dará de si o individuo um quantitativo de energia que delle seria de esperar, nem conservará para si bem-estar indispensavel á felicidade terrena: será sempre um ser imperfeito, incapaz de esforço, infeliz.

Frageis ainda, os ossos na infancia se encurvam e facilmente se deformam; são conseguidas com o emprego aturado de apparatus, monstruosidades de que são especimens os pés chinezes. O proprio órgão da voz, diz Garrett no seu livro *Educação*, torna-se defeituoso e não preenche suas funcções quando o interesse insensato de alguns o força a uma precocidade inconveniente e, dahi, muitos casos de gaguez e outros defeitos.

Quanto ás propensões para essa ou aquella molestia, manifestadas nas primeiras idades ou previstas pela observação dos antecedentes do individuo, não devemos desconhecer o immenso valor dos esforços do educador em contrariar a natureza e, a prodigiosa hygiene leva aos annaes casos assombrosos em que se patenteia a sua força em lucta com a força não menor do atavismo.

O desenvolvimento, a saúde, a destreza, a agilidade, tudo adquiria o espartano com o seu modo de vida, a proverbial sobriedade e a gymnastica intelligentemente dirigida.

Proporcionar ao organismo sadio condições normaes

para que se forme, impedindo o prejuizo que lhe possa advir de influencias estranhas, obstar as más inclinações dos menos perfectos, evitando a sua queda e a marcha natural para o abyssmo da enfermidade, da dôr e do estiolamento, eis o importante papel da educação physica, em que se começa a pensar entre nós.

Quanto á parte intellectual considero que entre os talentos admiraveis ou genios brilhantes, capazes de atingir alturas descommunes e, investigadores de arcanos scientificos, e, outros, não muitos, doentios e retardados, entre estes dois limites fica o numero consideravel das intelligencias médias em graus diversos, é bem verdade, mas não chegando a contrastar em absoluto, umas com outras. Censurariamos o professor que desanimasse do alumno, considerando-o pouco intelligente e inepto, e que, o deixasse humilhado em meio do caminho, orgulhando-se entretanto ao encontrar entre os seus discipulos um prodigio que elle quasi se limitasse a apreciar.

A observação das facultades intellectuales não deve escapar ao educador, a admiração pela maior receptividade mental certo ha de existir; convém, entretanto, consideremos os alumnos pelos meios, de intellecto commum susceptiveis da aquisição dos conhecimentos necessarios á vida pratica, e que os preparemos todos e não sómente os privilegiados. Proceder de modo contrario seria collocarmo-nos ao lado da força e abandonarmos a fraqueza, encantando-nos por uma visão chimerica, desprezada a realidade das cousas. Admiramos os que foram mais felizes na partilha dos dons naturaes mas não demos a perceber o nosso pasmo; tomemos carinhosamente aquelle que não sente em si lampejos extraordinarios e faúlhas scintillantes e, pacientes, dia a dia, aperfeiçoemos o que a natureza lhes deu com maior ou menor munificencia.

Assim conseguiremos muito: o primeiro não se envaidecerá, o segundo, sentindo-se bem guiado, terá coragem de envidar esforços para attingir a meta dos seus desejos.

A actividade é apanagio da creança, entretanto, algumas ha que apenas se movem com sacrificio, que facilmente se fatigam. A intelligencia de alguns é tambem indolente como o organismo physico: investiguemos a razão de todos esses factos e contrariemos por meios brandos, suaves, pela hygiene e gymnastica cerebraes, tal como procedemos na educação physica.

Conhecemos as facultades da intelligencia e claro está que são numerosas as combinações resultantes dos graus diversos dessas varias facultades. Exercitemos a observação, provocando a justeza das percepções visuaes, auditivas, etc. Mesmo afastados os casos de individuos pouco cultos, ignorantes, podemos asseverar que muita coisa commum, de trato diario, passa inteiramente despercebida aos olhos de grande numero de creaturas que não combinam a sensação visual com a reflexão.

Correndo sob os olhos de milhares e milhões de pessoas os quadros do universo, uma grande parte não os aprecia nem delles aproveita coisa alguma. O artista interpreta com avidez as bellezas extraordinarias da opulenta natureza e ahi se encanta, apprehendendo as menores particularidades. Nós não as gozamos todas certamente, e muito nos recusam os sentidos pouco aperfeiçoados, mas é forçoso que, aquem da perfeição inatingivel, o homem civilizado adquira um grau de observação sufficiente para que não fique alheio a tudo quanto o cerca.

Da contemplação do bello que nos rodeia — magnificencias infindas, phenomenos meteorologicos, desenvolvimento dos seres organicos, abotoar da planta que floresce, desabrochar das perfumosas flores, a borboleta multicôr que surge da larva insignificante — quanta lição sublime não recebemos nós, quanto gozo esthetico não nos despertam os espectaculos simples e estupendos de uma criação que sobrepuja a nossa mente orgulhosa, mas não nos abate nem humilha, antes edifica e exalta.

Nas classes elementares o valor do mestre está em apresentar os objectos de uso commum, as plantas em suas diferentes partes, os animaes no que offerecem de mais proveitoso e admiravel, dando ao alumno conhecimentos que se lhe inculcam no espirito suavemente mas de modo indelevel.

Isso, que é tudo, si fôr offerecido á creança em fôrma de prelecção, será recusado e, em attitude quasi hostile, receberá ella o professor, tendo-o como incomprehensivel, aborrecido e detestavel. Representará elle o papel do individuo palrador que se encontra com outro tagarela e tomando a palavra não lhe dá entrada na conversação.

Quem se illude sobre a inatención propria da creança? Em geral é dotada de uma curiosidade insaciavel, as perguntas que nos dirige, succedem-se em torrentes, mas para satisfazer a tão interessantes arguições mister se torna que a resposta volte como um raio reflectido e, em poucas palavras, explique a questão, sem o que ficaremos ingenios a discursar, enquanto o pensamento do nosso interlocutor, já desviado se acha, em paragens bem longiquas. Ora, a creança necessita interrogar o adulto sobre assumptos desconhecidos e outros de que têm noções incertas, e deverá sentir-se coagida em seus direitos quando obrigada a supportar uma allocução seguida de vinte ou trinta minutos.

Será muito melhor que falemos pouco e que sejam as nossas aulas palestras ligeiras e variadas, interrompidas por perguntas nossas aos alumnos, aos quaes daremos ensejo de expressarem idéas que tenham, esclareceremos duvidas que lhes povoem a intelligencia e facilitaremos occasião ao enriquecimento do vocabulario.

Em geral é numerosa a classe e com prodigios de dedicação multiplica a professora os momentos do dia e a sua energia e actividade para a consecução do que vae além do seu dever — instruir, disciplinar e educar turmas de 35, 40 ou mais creanças, geralmente de adiantamento diverso, que as divide em varios grupos.

Em taes condições é evidente a difficuldade de aceitar de bom grado observações e perguntas tão numerosas, capazes de perturbar a marcha dos tabalhos escolares.

Não falo nisso em interesse proprio, é bem claro, e com sobrançeria posso chamar a attenção para tal ponto, visando não só a justiça devida ás nossas esforçadissimas auxiliares, como tambem o interesse dos proprios discipulos, sobre os quaes a acção continua e modificadora da educação se faz necessaria a cada instante. Tempo virá talvez em que mais risonhas ainda lhes sejam as horas de aula, por se poderem manifestar com mais sincera intimidade ao professor mais seu.

Apezar de todas essas contingencias deve ser o alumno mesmo agora obrigado a falar sobre assumptos dos estudos que fizer, para o que será encaminhado, evitando-se respostas monosyllabicas; isso se consegue principalmente quando não ha o afan de adiantar programmas e sobrearregar de sciencia os cerebros infantis, respeitado o conselho contido nas paalvras de Rousseau;

“O maior erro que se pôde commetter na educação é apressar-se muito: o essencial não é ganhar tempo, e sim perdel-o”.

Tal processo que se afigura tão simples a qualquer um que nunca experimentou leccionar principiantes, é de uma difficuldade immensa, constitue uma quasi virtude peculiar ao verdadeiro professor primario. Quantos se imaginam capazes de alcançá-la em um momento e, ao enfrentarem uma turma de alumnos innocentes, ingenuos, ignorantes, elles que subiram com facilidade as elevadas escadarias das sciencias e das letras, que têm o celeiro intellectual admiravelmente provido, se sentem fracos, não sabem por onde começar e principalmente onde — forçoso é que terminem. A torrente para se fazer fio dagua precisa de fortes muralhas, e si essas não forem preparadas em tempo com esforço e paciencia, instantaneamente não se levantarão. Saber dar em migalhas, quer seja modesta ou farta a provisão, é o segredo do professor primario; fazer-se creança para ser bem comprehendido pela creança, sem esquecer o que sabe, parecer que quasi nada sabe, tendo, entretanto, necessidade de saber alguma cousa, porque os assumptos a explanar são muitos, são todos, são phenomenos naturaes, complicadissimos para serem explicados por palavras sobrias e communs, são monumentos da criação, cujo estudo se emprehende sem o conhecimento das bases em que assentam e sobre que admiraveis se levantam.

Essa modelação especial dos conhecimentos do professor primario tem como expoente o aproveitamento da classe.

A reflexão, tão necessaria em todos os actos da vida, não é e não pôde ser notavel na primeira idade. O exercicio constante e a applicação conveniente concorrem para a sua evolução, tornando-a um factor importantissimo na aquisição dos conhecimentos. Torturados eram os alumnos quando forçados a guardar de cór, palavra por palavra, livros e livros inteiros, o que mais difficil e ocioso ainda se tornava pela omissão completa de explicações sobre circumstancias e termos que se iam amontoando no cerebro na maior desordem como elementos estranhos e quasi contradictorios que ahi fossem lançados, formando um conjuncto enorme em seu volume, mas insignificante em seus effeitos, um verdadeiro chaos. Em verdade, talentos se desenvolviam, individualidades se tornavam eminentes pelos surtos de sua cerebração privilegiada, mesmo quando adoptados esses methodos abstrusos e inconvenientes. E' innegavel, porém, que só a custa de muitos sacrificios conquistava o alumno observação, reflexão e raciocinio, e sabe Deus quantos se deixaram ficar no caminho e com verdadeiro horror ás letras por não conseguirem por si o que facilmente alcançariam com algum auxilio.

A corrente contraria se formou e della fazemos parte nós outros. O esclarecimento de tudo quanto o alumno vai estudar é de vantagem immensa, representa economia de tempo, e prodigalidade de prazer. Mas o esforço proprio principalmente com o fim da deducção, não é menos valioso para o desenvolvimento intellectual do individuo e a fixação dos conhecimentos.

São indolentes estes povos, activos e luctadores pelo seu progresso aquelles, e a razão disso está, em geral, nas condições mesologicas. A natureza feraz, a terra uberrima, que não espera do homem o trabalho, a cultura, nem mesmo o plantio e a rega, para lhe offerecer os meios de que carecem a alimentação e a industria, não fôrma o homem forte, capaz de resistir aos embates e

vicissitudes, ao labor aturado e fecundo; indolente o torna a natureza que delle pouco exige, e qualquer que nesse ambiente se formasse seria o que elle é.

Não representemos para a creança a rica natureza, nem o arenoso deserto: demo-lhe alguma cousa, mas não tudo; orientemo-la na jornada do pensamento, mas, opportunamente deixemo-la para que chegue ella propria á conclusão, amparemo-la na encosta da montanha e afastemo-nos em momento azado para que ella só — no topo — observe, contemple, descubra. Si tudo lhe dissermos, sentirá um prazer muito fugaz e fugazes serão tambem as noções que lhe transmittamos. Alcançada a deducção, não terá sido inutil o zelo empregado, que trará a satisfação da descoberta e suscitará a coragem para novos empreendimentos: indelevelmente se gravará na memoria a situação em que se encontrava quando conseguiu tão benefico resultado, e bem assim fortemente se lhe imprimirá no espirito em brilhantes caracteres o conhecimento adquirido.

Pelo cultivo da observação, attenção e reflexão não abandonemos por completo a memoria, porque, em summa, tudo quanto o cerebro deve conservar ha de conseguil-o por meio desta e não de outra qualquer das faculdades. Condemnar a decoração não significa atrophiar a memoria mas sim desenvolvê-la, sem fatigá-la. Guardar noções sem preocupações de termos, e, palavra por palavra, os trabalhos literarios dos nossos artistas que traduzem inspirações sublimes em fômas incomparaveis e insubstituíveis — é o fim da memoria: tanta melodia e suavidade, só repetidas e ouvidas nos deslumbram em prazer intenso e gozo esthetico; só tem vantagens a decoração em taes casos.

Harmonicamente consideradas e desenvolvidas as faculdades intellectuaes teremos conseguido a segunda parte da educação.

Consideramos que a meia educação, a que não eleva principalmente o coração e a alma é, não só insufficiente mas grandemente prejudicial é uma — calamidade.

Tenho enthusiasmo pela lucta contra o analfabetismo, contando certo que antes até das primeiras letras e com estas, sejam dadas as noções praticas de moral e aproveitados todos os momentos para observação da conducta dos educandos e sua conveniente direcção.

Não preparemos escrevinhadores de cartas anonymas e leitores de jornaes, incompetentes para afastarem o que nelles vêm de immoral e corruptor, fazendo o aproveitamento apenas do que de util e verdadeiro haja no emmaranhado de falsidades.

Façamos que comprehendam a justa medida da liberdade, tornemol-os capazes de pugharem altivos pelos seu direito, não se deixando injustamente opprimir, mas procuremos dar-lhes a noção exacta de que a liberdade não pode ultrapassar o marco justo para que não venha com o seu excesso provocar a restricção da liberdade alheia.

Os povos modernos occupam-se muito com a instrucção que esclarece o espirito e pouco com a educação que forma o character, disse Madame de Ségur. Realmente não devem ser descuidados os dois primeiros estagios da tarefa educativa, mas si ahí a dessemos por terminada não teriamos prestado um serviço á humanidade, ao contrario um grande prejuizo lhe causaríamos, preparando organismos vigorosos e duradouros, servidos por intelligencias ferteis em preparados para ardis e ciladas sem orientação para o bem. Naus sem bussula, em mar tempestuoso, seria o individuo e, os choques de uns contra outros, funestos e inevitaveis. Certamente con-

stituiriam as tendencias naturaes de cada um poder absoluto que com ordens tyrannicas conduziriam os nossos atletas intelligentes e assim em mãos herculeas depositariamos armas efficientes a serem brandidas por uns com mais calma e discernimento, por outros insensatamente e sem consideração aos direitos de seus semelhantes.

Não caminhamos assim ás cegas, felizmente, e comprehendemos bem que o edificio da educação se deve elevar com o fim primordial de formar o character, a moral do individuo, para que a sociedade se componha de elementos capazes de conduzirem ao seu perenne aperfeiçoamento. Sublime é a missão do educador si consegue o fim, prejudicial si em meio se deixa ficar.

A relevancia do assumpto inspirou a Guizot a affirmação de que a base mais solida da ordem social é a educação moral da mocidade.

Tendo inicio esse trabalho na familia, não podemos deixar de lembrar que aos seis ou sete annos, idade com que chegam as creanças ás nossas escolas, não nos vêm ellas apenas com as inclinações innatas: já viveram talvez um decimo da sua vida e não é fracção tão pequena para ser desprezada. A influencia do meio, da familia e sociedade, já se exerceu sobre ellas e não nos queiram objectar que o primeiro anno de existencia não pode entrar nese calculo, porquanto diz, e muito bem, Agostinho de Campos no seu precioso livro *Casa de Paes Escola de Filhos*, o seguinte:

“Um bebê de 6 ou 7 mezes é já, posto que o não pareça, um estudante de psychologia. Ainda não anda, e nem sequer fala; mas já sabe muito bem, quando a mãe lhe diz qualquer cousa em ar de ralho benevolo, fita-la com os olhos muito abertos, para lhe lêr no rosto e no tom da voz si ella está bem ou mal disposta, zangada a serio ou zangada a brincar. Desde esse momento em que a minuscua creatura principia a fitarnos para nos perscrutar, devemos nós começar a habitual-a a distinguir entre o bem e o mal, evitando este e praticando aquelle. E no pequenino cerebro não ha logar ainda para hesitações ou duvidas: o bem é o que nós applaudimos ou deixamos de fazer; o mal é tudo quanto provoca da nossa parte uma cara feia ou uma voz mais rude. Si além destas duas manifestações houver motivo para uma palmadinha repressiva, bebê ficará completamente edificado sobre os fundamentos da moral que lhe compete exercitar; e a oportuna palmadinha evitará para mais tarde, outros castigos mais severos”.

Vêm ter á escola entretanto alumnos pertencentes a todas as classes sociaes: uns convenientemente conduzidos até então, outros mal encaminhados por pessoas incompetentes por falta de educação ou impedidas por trabalhos, de darem aos filhos o que a elles cabe de direito e, não raro, verdadeiros impulsivos, abandonados a si proprios e aos embates de uma sociedade apta para ensinar o bem, mas tambem para dar pessima direcção. Alguns ha que até por excessos de cuidados e carinhos de bondosos papaes, que não fizeram por mal, mas os prejudicaram, estão inconvenientemente preparados.

Temos que contar com todas essas circumstancias e entram ellas como coefficiente importante do nosso trabalho. Não podemos fugir á obrigação de velar pelo progresso moral dos alumnos, nem mesmo quando se trate daquelles felizes, privilegiados que no seio de uma familia bem formada e de fina educação, recebem

bellos exemplos e optimos conselhos, porquanto grande parte da vida infantil sendo passada na escola, não haverá pae sensato que não espere grande influencia do professor sobre a educação do filho; a escola sendo uma continuação da familia, o mestre é substituto dos pais, e póde ficar isso em palavras, os factos devem corroborar a idéa que é justa e verdadeira. Demais, afastada a creança da familia e conduzida a um mundo mais vasto que vae preparal-a para outro ainda mais amplo — a sociedade —, não deve ficar abandonada: encontrará ahí caracteres diversos, apreciará qualidades boas ou más que nunca talvez houvesse percebido naquelles que com ella conviverem até então.

Não sou daquelles que consideram os sentimentos infantis como passageiros, ephemeris, sem importancia e por isso não os respeitam. Absolutamente não. Guardo de minha infancia idéa tão nitida, impressão tão clara de varias passagens, alegres muitas e tristes algumas, conservo a lembrança tão exacta e precisa do local em que se deu o facto, do mobiliario e das pessoas que me cercavam, da belleza do dia ou da melancolia da noite, que não ousa descrever de que sintam as creanças e sinto muito, e julgo que se devem afastar dellas alguns pezares, tristezas dos mais velhos, apprehensões dos adultos que ellas não de desconhecer para que não preparemos pessimistas e scepticos nas gerações futuras.

Entretanto o máo vezo que tomam certas pessoas de illudir a creancinha para que ella não soffra agora o que terá que soffrer daqui a pouco, considero detestavel e muito insensato.

Logo nos primeiros tempos de sua vida observará a creança que pessoas respeitaveis e por ella ternamente queridas menteem a cada passo, censurando-a á primeira falsidade que ella, coitada, se adianta em articular. Buscando minorar o soffrimento do bem amado e amado, collocam-n'o no ridiculo papel de tolo que ás vezes representa perfeitamente convencido da burla contra elle praticada.

Diz-se á creança que não chore porque a mamãe não vae sahir, e esta sahe ás escondidas; que o papae traz da cidade algum brinquedo e este não apparece; que se fizer manha o velho vem buscal-a no sacco e ella chora á vontade e nada de mal lhe succede. Tudo isto é falso e podemos dizer até immoral. Considero que grande influencia têm esses primordios de vida sobre a formação do character e, certamente, as boas tendencias de muitos foram assim malbaratadas. Peor é ainda o artificio de amedrontar a creança com o medico e o professor.

São dois amigos nossos, dos quaes não prescindimos, e como iremos collocal-os na triste situação de carascos diante de nossos filhos?!

Naturalmente tudo isto parece inoffensivo e, em uns por ignorancia, em outros por fraqueza, são meios por muitos empregados para acalmar os educandos mas de effectos funestos.

Muito prejudiciaes são as superstições felizmente menos respeitadas hoje do que em outras éras entre nós. São essas referencias feitas á educação anterior á escolar necessarias para o conhecimento da direcção a ser dada por nós aos alumnos de seis e sete annos.

Orientando-nos pelo programma de educação moral, observaremos que as idéas de bondade, gratidão, justiça, amor á verdade, já têm sido até então inculcadas em uns nas precisas medidas, em outros da maneira mais falsa possivel. Não me refiro ás palavras que exprimem esses sentimentos, mas sim á essencia delles proprios.

As idéas precedem os vocabulos, como bem nos prova a creança que pensa e comprehende e só mais tarde articula as palavras. Idéa de numero têm aquelles que desconhecem por completo os meios de enuncial-o: é certo que a creancinha regeita um biscoito e escolhe dois ainda mesmo quando a somma destes seja menor que aquelle; tem a noção do numero mas não sabe dizer dois ou tres.

Para o amor tão natural e existente em todos os corações basta chamar a attenção das creanças, fazendo-lhes declarar o que sentem e o que devem aos pais, irmãos, avós e todas as pessoas com que vivem.

Iniciando, pois, a nossa revista pelos sentimentos já citados, reconheceremos que em confusão completa, por exemplo, se encontram a bondade e a benevolencia.

Realçaremos o valor desta ultima, porque não serei eu que desconheça as vantagens da tolerancia que nos leva a desculpar os defeitos do proximo, a acolher a todos com um sorriso bom e meigo, o que tanto encanta em qualquer idade e principalmente na infancia.

Pensando com Rigault que “o fim da educação não é agradar as creanças e sim formar os homens”, considero imperioso que o educando chegue a ter a verdadeira idéa da bondade, comprehendendo que as reprehensões por elle soffridas, as imposições a elle feitas, não constituem sacrificio só para si, mas muito especialmente para os que lhe infingem taes desgostos e, mais até para estes, que não têm o direito de evital-os, emquanto que o culpado tinha plena opção pelo bem, meio de evitar o castigo.

Não se dirá isso em lição, mas algumas palavras que dêem a perceber o nosso dissabor, podem levar a creança ao arrependimento.

Ha pessoas que são boas ou benevolentes por influencia de um temperamento calmo ou pelas condições de vida commoda e pacifica. Outras ha que se precisam fazer benevolentes pela educação. Muitos são bondosos, mas não sabem ás vezes ser bons, porque a bondade deve alliar a indulgencia á justiça, a benevolencia á energia, o prazer de não fazer mal ao proximo ao desejo de, com heroismo e dedicação, lhe fazer o bem.

“Só merece o titulo — de bom aquelle que sabe a proposito armar-se de severidade contra o vicio: do contrario a bondade é uma fraqueza d'alma ou preguiça da vontade”, La Rochefoucauld.

Naturalmente a vida quasi sem preocupações de alguns e principalmente quasi sem responsabilidade, lhes dará idéa e, até aos outros, de que o coração lhes transborda de bondade, e, quando observam o pae que reprehende, o mestre que admoesta, o chefe que cumpre e faz cumprir o regulamento, não raro deixam escapar phrases de compaixão.

Para aquelles que melhor partilha tiveram na distribuição dos encargos neste mundo, a comprehensão das responsabilidades que pesam sobre os outros é bem difficil e sempre falsa, por mais que se approxime da verdade. O juiz que condemna é tão respeitavel, quando o faz com justiça, como o que absolve, havendo para este o prazer natural e intenso que nos dá á alma o reconhecimento da innocencia de alguém, emquanto que para o primeiro só existe a consciencia de ter cumprido um dever com a consummação de um sacrificio.

Será conveniente alcançar do filho ou discipulo a convicção de que elle é reprehendido ou elogiado, recebe castigo ou premio, conforme o seu desejo, ao passo que ao pae ou professor não é licito tomar direcção diversa daquella que lhe aponta o dever e que foi traçada, não

por elle, mas pelo proprio educando. Si este se persuadir da alegria que nos enche a alma quando o tratamos com brandura, com complacencia, distincção e carinho, e quanto entristece a um pae negar a um filho um beijo, e ao mestre recusar ao alumno um sorriso, animar-se-ha de sympathia e gratidão, a obediencia não lhe será mais um fardo nem um estorvo á sua almejada liberdade, perceberá nossos desejos, comprehenderá nossa ambição e trabalhará connosco. Estará certo de que tudo fazemos em seu proprio beneficio, de que a elle pertencem não só suas alegrias e tristezas, como ainda os nossos prazeres e pezares, e quiçá, por interesse ou por bondade, chegará a evitar quanto possivel as occasiões de praticar o mal. E quando attingir o conhecimento da verdadeira bondade energica e capaz dos maiores sacrificios — qual a necessaria aos educadores, terá alcançado mais dois sentimentos nobres — gratidão e justiça, que são em geral muito desacreditados!

Realmente, si da lucta entre o amor proprio da creança que, digamos de passagem, não é muito accentuado, e as nossas palavras de censura, tiver resultado a subordinação voluntaria daquelle a essas, a victoria estará alcançada e a gratidão será inevitavel, porquanto, passado o momento do combate, então calmo, o individuo sente-se bem quando bem procede, e fica satisfeito e reconhecido áquelle que para isso contribuiu, ainda que não tenha muito clara e nitida a noção da gratidão que inconscientemente lhe tributa.

Nunca reparastes o filhinho, que se atira aos braços da mãe quando della recebeu severa admoestação e que a cinge pelo pescoço, banhando-lhe o rosto de lagrimas? não observastes as creancinhas que se chegam mais aos que as tratam com carinho, mas punem quando necessario, do que áquelles que lhes lisogeam os maus sentimentos e fazem-lhes vontades sem conta? não conheceis a amizade forte repassada de admiração que brota na alma dos alumnos quando o professor justo e bondoso sabe ser também severo? Tal amizade não inspira o mestre benevolente e que não leva a turma de discipulos ao cumprimento do dever, cúmplice na falta de ordem e disciplina e no desperdicio de tempo e prejuizo da instrução e. (o que é muito mais importante), pouco zeloso da educação que alli procuram.

Creio que me faço bem entender e que me não vão suppor adepta da tyrannia na escola. Não; ao contrario, sei que em aula tudo se consegue mais por meios brandos e, que não são os mestres que gritam, que se irritam e chegam a excessos, os de maior consideração e respeitabilidade; estes não são estimados nem mesmo temidos, cahindo muitas vezes no ridiculo.

Assim, chamo forte — aquelle que tem a energia necessaria para prender a classe aos seus trabalhos, para conseguir dos discipulos uma avidez de cumprimento de dever que só a diligente direcção e a ininterrupta preoccupação e escrupuloso e incessante zelo podem alcançar.

O educador é o hygienista da alma e, como tal, não tem direito a momentos de indolencia, nem estágios de repouso, sempre vigilante observará ora um ora outro, dando a cada qual o necessario remedio o indispensavel regimen, este é o ponto capital.

As rapidas recommendações disciplinares por nós redigidas e entregues ás professoras da nossa escola para serem lidas semanalmente em classe, demos a seguinte epigraphe: "Mantém a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as creanças interessadas em algum assumpto util".

Duas classes de uma mesma escola formavam entre si verdadeiro contraste de disciplina. Delicadamente manifestára a professora dos insubordinados a idéa de que alguma parcialidade houvera na distribuição do serviço, pois que a collega nem ao menos se fatigava com os alumnos que eram exemplares.

Por determinação superior fizeram as duas a permuta das turmas e (caso maravilhoso e surpreendente)! em breve se effectuava também a permuta entre os procedimentos dos discipulos.

Folgo em reconhecer que muitos alumnos antes desidiosos e pouco applicados, aos cuidados de professora carinhosa e meiga, mas exigente e rigorosa, têm soffrido extraordinaria modificação, tornando-se mesmo distinctos, com a confissão affectuosa e que este milagre nelles se operou unicamente porque é tal a amizade que a mestra lhes captivou, que se consideram forçados a prova-la pela applicação e trabalho que delles incessantemente exige.

Santa é a tarefa educativa e por isso difficilima de ser bem cumprida.

Si o mestre pensa em si, a classe foi esquecida e são momentos que se perdem e preciosos. Felizmente tantos ha que nunca de si se lembram e todos se dão aos educandos!

Essa dedicação não é alcançada pelos alumnos theoreticamente, não é por elles apprehendida nem louvada, mas a sua influencia, natural e quotidianamente exercida, dá fructos admiraveis nos corações que se vão preparando para a lucta pela vida, mesmo porque, á custa de serem constantemente observados por outrem um acaba por se observar a si mesmo, por se manter em guarda avançada contra suas más tendencias e, por influencia do dominio sobre si mesmo, a menina irrequieta e travessa se tornará a mulher sensata e o menino indocil e desatento será mais tarde o homem ponderado e calmo.

O desinteresse do mestre por si proprio não deverá ser absoluto; ha um pensamento de Emile Souvestre que nos deve merecer especial apreço: "Quem emprehende a educação de outrem, deve começar por acabar a sua".

E, effectivamente, aquelle que de si não der amor, bondade, provas de obediencia e justiça e de respeito imperturbavel á verdade e á ordem, não alcançará para os educandos essas qualidades de caracter. Para argumentar com a ordem, por exemplo, temos como verdade indiscutivel e inconcussa que a classe indisciplinada é o reflexo da conducta do professor. Si este for o primeiro a supportar a desordem da sua propria mesa, tinteiros para cá, lapis e canetas em grande confusão, gavetas em que elle proprio não sabe o que existe, impossivel lhe será evitar que os discipulos não lhe aggravem tal situação com lousas, cadernos, e outros objectos que lhe darão á secretária o mais detestavel aspecto que se possa imaginar, tão pouco que conservem em ordem as carteiras e em escrupuloso asseio a sala de aula. Si não é pontual e assíduo, não terá a energia necessaria para exigir dos alumnos esses requisitos e, si não distribue methodicamente os seus trabalhos, distraindo-se em conversas ociosas ou inconvenientes, ou em occupações estranhas á aula, está naturalmente prejudicado o fim: dahi a indisciplinada, impedindo em absoluto o aproveitamento da classe, mesmo dos melhores alumnos.

Si o professor reluctar em cumprir ordens superiores, si a ellas se submeter com evidente contrariedade, não conseguirá dos alumnos a obediencia prompta e alegre, tão necessaria e vantajosa para os dirigidos e dirigidos.

Mostraremos ás creanças que não só estão sujeitas á obediencia ellas, como todos, e para provar a verdade dessa asserção tomaremos varios exemplos, falaremos sobre os superiores hierarchicos e também das determinações impostas até pela natureza: a chuva, que nos impede o passeio, a cachoeira, que difficulta a navegação, a molestia, que nos prostra, mau grado nosso.

E a tudo isso melhor será nos subordinemos de boa vontade, sem revoltas, que nos tornariam infelizes.

E principalmente para um ponto precisamos chamar a attenção da creança, e este é bem melindroso — obediencia a leis e regulamentos. Digo que o é, porquanto já se tomam por banaes e desvaliosas as expressões: "Está na lei A"; "Não o posso fazer, o regulamento não o permite".

Não encontres como eu, em vossa carreira alguém que, pela sua posição social, ao se apresentar como impediço este ou aquelle dispositivo legal, zombeteiramente se rise, retrucando: "Ora! Elles não se importam com a lei. Lei não existe neste paiz. Verá si não consigo: meu marido é muito amigo de Fulano, e a Sra. sabe..."

Infelizmente, Srs., blasphemias taes são ditas e repetidas em presença das creanças, sem o menor escrupulo, e segue-se a citação dos casos, em que, calcados aos pés leis e regulamentos, como os "farrapos de papel" da famigerada expressão, os maximos escandalos se verificaram.

Dest'arte se prepara o nosso cidadão para, no primeiro ensejo, fazer o mesmo que fizeram os personagens de semelhantes historias.

Provenmos, ao contrario, que tudo isso é sagrado; que a ordem — necessaria na disposição dos objectos em casa, no horario para as refeições, o trabalho e o repouso, para tudo, emfim, e sem a qual o ambiente domestico, em vez de delectavel se tornaria asphyxiante — é ainda mais necessaria na sociedade, onde cada um deve occupar o lugar que lhe compete, segundo sua aptidão, o seu valor real; accentuemos que os deslocados mercê da fraude ou da usurpação, constituem elementos prejudiciaes e que, em consciencia, não se devem sentir bem.

Não lhes digamos que ninguém falte ao regulamento ou desrespeite a lei: buscando assim negar a evidencia, que cedo ou tarde se lhes depararia, conseguiríamos um resultado negativo, difficultando a aquisição desse "amor á verdade" que nos cumpre firmar em suas consciencias.

Digamo-lhes, porém, que não é razão para deixar alguém de fazer o que deve o facto de outros procederem mal, e que assim nenhuma das creanças preferiria ser autor de um crime a ser victima do mesmo. Não ha, pois, justificativa para a nossa contravenção e iniquidade, na illegalidade por outrem praticada.

Mostraremos ás creanças como na "encruzilhada dos caminhos do bem e do mal", phrase de Payot, nos é dada a liberdade de tomarmos por este ou por aquelle e dahi a grandeza humana. Si foramos impulsivos, dirigidos pelo acaso e pela fatalidade, era só nos deixarmos levar como o barco sem leme nem piloto pelas vagas do oceano procelloso ou arrastados pela caudal. E é de Maeterlinck o precioso conceito: "Devia-se poder dizer que só acontece aos homens aquillo que elles querem que lhes aconteça. Temos, é verdade, apenas uma influencia apagada sobre um certo numero de acontecimentos exteriores; mas temos uma acção muito poderosa sobre aquillo que elles se tornam para nós; isto é, sobre a parte espiritual que é a parte luminosa e immortal de todo o acontecimento".

Ha muita dignidade da parte do que bem se dirige porquanto tinha elle a — *faculdade* de proceder incorrectamente e, não dissemos o — direito, porque não o consideramos como tal. O individuo só tem direito de escolher o bom caminho e aqui observamos que os louvores devem ser muito parcimoniosamente distribuidos para que não chegue alguém a pensar que é um favor concedido ao proximo o *nosso bom comportamento ou que*, tão rara é a boa acção, que se destaca das outras e merece especial reparo.

Em todo caso, como só ha de absoluto ser tudo relativo, não neguemos por completo a necessidade do elogio e do premio.

Chamando a attenção dos discipulos — agora para a diligencia que devem empregar em aperfeiçoar a letra—, ainda que para tal tenham que combater o natural descuido, depois para a attenção com que devem ouvir o mestre em lugar de se distrahirem e perturbarem companheiros que também precisam aprender — ainda que para isso tenham de contrariar a sua má tendencia á tagarelice, fazendo ver aos que se apresentam fóra da hora regimental desvantagens praticas que resultam da falta de pontualidade e a necessidade que ha de ser respeitado o horario das refeições, das aulas, de se submeterem ás injunções de horas determinadas para reuniões e encontros, — ainda que para isso seja necessario ás vezes um pequeno esforço e até mesmo grande sacrificio, podemos garantir que temos educado. Depositando-lhes assim sobre os hombros a responsabilidade de seus actos e a obrigação de os praticarem modelarmente, sem attender ás suas naturaes inclinações, aos impulsos de seu organismo indolente e caprichoso, ou de seu espirito rebelde, mal humorado ou colerico, teremos praticamente, momento por momento, alcançado, quem sabe? uma victoria, ora deste, ora daquelle, sobre seus defeitos e más propensões, e o dominio sobre si mesmo bem cedo despertado, continuará para sempre sua elevadissima função educativa que não terá limite, porque nos educamos do nascimento á morte, a principio mais pelos outros, depois mais por nós proprios, com muita perseverança.

Reconhecendo a creança que em si póde encontrar energia afim de conseguir o que ninguém alcançaria para ella sem o seu concurso, terá naturalmente o prazer de empregar-a para esse fim e, sentirá com isso satisfação como a que experimentou quando, dispensando auxilio extranho, deu os primeiros passos ou tomou o alimento desageitadamente e a entornal-o mas, pelas proprias mãosinhas, não tão adestradas como as dos mais velhos, por ella, porém, muito apreciadas porque são suas, porque lhe prestam serviços e asseguram parte de sua independencia.

Resolvida a desvelar-se pela conquista de algumas acções boas, ella nem se lembra de que talvez não saiba qual a vereda a escolher na encruzilhada, porque desde pequenina conhece quando se porta bem e quando procede mal, e, isso nol-o demonstra a observação de todos os dias. Não sabe é que se chama consciencia este fiscal innato em nós que não nos abandona jamais!

Perguntando-se á creança quando commette uma falta si está satisfeita ou pezarosa, si preferia ter ou não procedido daquelle fórma, ella, calma então, não mais apaixonada e impellida pelo mau sentimento, responderá por certo que não desejaria ter cedido ás provocações de sua natureza imperiosa e má. Fal-a-hemos reconhecer que nos instantes precedentes á realização da

falta, já uma luta se travava, o mal se lhe afigurava mais agradável, mas o bem a solicitava, prometendo-lhe mais garantias. Ainda ahí lhe será inteira attribuída a responsabilidade do acto, porquanto a faremos observar que os paes vigilantes, os mestres dedicados e todos enfim que se tivessem constituído seus fiscaes, nunca seriam sufficientes nem capazes de prevêr a acção, de vislumbrar a idéa, de adivinhar o pensamento, para impedir esta ou aquella prática censuravel.

Si o proprio individuo não exercer sobre si constante vigilancia, como assegurar a moralidade de um povo? A fiscalização exterior, mantida por outro individuo é sempre incompleta, não póde atingir a todos; para os proprios fiscaes seriam necessarios outros tantos, uma corrente infinita se formaria, e a argucia e empenho de cada um seriam quasi absolutamente inefficazes.

O educando deverá perceber que lhe damos provas de confiança, imaginar que o não supponmos capaz de uns certos actos, porque o consideramos sob um ponto de vista elevado, e quantas vezes dahi resulta seu aperfeiçoamento; ao ser julgado incapaz de conducta incorrecta, elle procura todos os meios de não desmerecer do conceito favoravel em que o temos.

Nós o aconselharemos a pensar antes de pôr em pratica a idéa — si ficará depois satisfeito ou triste, si deverá merecer punição ou premio — e a escolher então por si o caminho a seguir, não esperando que outros o venham procurar na senda desoladora do mal, para, pelo braço, obrigar-o a retroceder e tomar a trilha menos encantadora a principio, mas por fim mais compensadora — a do bem.

Faremos com os nossos pequeninos o que fez o esforçado e emprehendedor prefeito, Dr. Pereira Passos, com o povo, com o mau vezo que têm os brasilienses de se depreciarem a si proprios, affirmava que os jardins publicos precisavam de gradis para que fossem as plantas respeitadas "porque o nosso povo..." Ora, aquelles foram retirados, e mais, cobriam-se as nossas praças de canteiros com mimosas flores, entre as quaes se lia em cartazes "Este jardim está entregue á guarda do publico" e elles se conservaram, e ninguem se atreveu a depredal-os, a apoderar-se de uma plantinha de ornato ou sequer — colher uma flor.

Demonstremos pelos factos á creança que a sua alma está sob a vigilancia da propria consciencia e — a dignidade pessoal se erguerá então, livrando-a hoje de faltas infantis, amanhã de grandes perigos e da corrupção dos costumes. Essa dignidade que tão alto eleva o homem e que o faz virtuoso, honrado, nobre, respeitado e respeitador, manifesta-se, é bom que observemos, em cousas minimas da vida pratica.

Manifesta-se insensato e perde um pouco de sua dignidade, por exemplo, aquelle que respeita a moda como magestade de poder absoluto e que a ella se subordina a ponto de atrahir a attenção alheia e tornar-se ridiculo. Realmente, quem ousa ser tão futil que mereça a phrase causticante de Vieira: "Tudo isto sois vós ou sois vós tudo isto, senhora minha?" prova que perdeu por completo a noção de que ha em si alguma coisa muito mais importante, de que ha no mundo occupações muito mais nobres que a de levar (o individuo) horas e horas a se preparar artificialmente para parecer aquillo que não é.

Quando se trata da mestra que aos rigores da moda absurda se submete, um clamor doloroso se levanta, porque dá ella um mau exemplo e não se faz respeitar. Neste ponto defendo a mestra por ser tambem humana,

mas logo a aécuso, pois considero que tem obrigação de ser mulher sensata, sabendo manter-se na altura da situação a que a sua carreira a elevou. De mais de direitos de tal ordem não deve alguém fazer questão mas altivamente desprezal-os e recusal-os ainda quando lhe sejam offercidos. Desculpem-me, porém, que lembre, não incumbe apenas á mestra dar optimos exemplos e fazer-se respeitada, mas sim a todos que pertencem a uma sociedade culta e moral e principalmente áquellas que representam o importantissimo papel de mãe de familia, de que muito se fala como grande distincção, mas bem pouco se exige. Affirmou Michelet que "A educação da mulher era essencial porque cada mãe é uma escola".

Desejaria agora tocar em um ponto por mim deixado para tão tarde por me fallecer a coragem de enfrentar tamanha eminencia, por me não saber alçar nos surtos da oração ás paragens sublimes a que nos arrebatava a só palavra *Justiça*.

A justiça, sentimento de julgar bem, não é qualidade peculiar ao juiz que para tal tenha uma designação ou nomeação. E diz o proverbio: cada cabeça, cada sentença, o que prova que as opiniões são diversas, mas tambem que todos sentenciam. E é bem verdade que ao se dar um facto qualquer os observadores passam logo a julgar-o, bem como aos seus protagonistas. A justiça não é menos malsinada que a gratidão, a obediencia aos regulamentos etc., etc., e em geral se diz que devia ser cega mas vê muito bem quando se quer desviar do bom caminho, e que não é — perfeita. Ora, queremos abrir uma excepção para a justiça neste mundo, exigindo della perfeição é precisamente uma — grave injustiça, o homem, criação admiravel, não é, entretanto, perfeito, está bem visto; vive buscando o sublime, o justo, o immortal, mas fica um pouco aquém destes paramos.

Attentando para o que tem produzido a humanidade nos numerosos seculos de sua existencia, nos aperfeiçoamentos sem conta que hão conseguido em sua vida os esforços e a intelligencia humana, ficamos deslumbrados! Desde as grandiosas descobertas casuaes, até as invenções mais trabalhadas, todas nos fazem reconhecer a grandeza e o poder do homem. Mas que ha emanado delle que seja perfeito? O ponto que elle marca não é ponto, a recta que elle traça não é recta, a horizontal que elle lança no papel não o é no rigor do termo, a parede que elle levanta orientada pelo fio a prumo não é perfeitamente vertical. E vamos lastimar que tudo isto assim seja e resolver que não desenharemos mais, e não faremos mais construcções?

Completo absurdo!

O engenheiro toma a medida que não é exacta e assenta sobre ella seus calculos, levanta a planta com instrumentos imperfeitos, emprega vigas defeituosas, fazendo executar a obra por operarios que tambem commettem pequenos erros, mas a ponte se lança, supporta pesos extraordinarios, mantem-se, eterniza-se. Avalia elle a resistencia dos materiaes, toma-os não perfeitos e, apesar do erro inevitavel, a abobada magestosa se encurva e permanece por seculos e seculos, testemunhando soberbamente ás gerações que se succedem a grandeza do engenheiro constructor. O juiz ouve os depoimentos, estuda os testemunhos da questão, encara as circumstancias do crime, os elementos moraes que instigaram o delinquente, e chega a uma conclusão justa e acceitavel, cumprindo na sociedade sua incomparavel missão ainda que se não tenha libertado das contingencias da fallibilidade humana.

O medico ausculta o doente, hoje sob taes condições atmosfericas, amanhã sob outras, o que influe na sen-

sação auditiva, entra com umas tantas influencias, mas não todas, porque algumas escapam á sua investigação prodigiosa, occultas nos escaninhos do organismo, faz o diagnostico mais ou menos acertado, applica a medicação preparada com defeitos de pesagem, medida, grau de temperatura, etc., e ninguem duvidará da sua comprovada efficacia.

O homem tem perfeita a idéa de infinito e isto *deveria dar muito que scismar* a alguns sabios e pensadores! A simples divisão infinita de que resulta um quociente tambem infinito é evidente, é noção clara para nós. Pois bem, a fracção infinita que na continuidade infinita de seus periodos se approxima incessantemente de um limite que não attinge nunca, póde ser tomada no calculo como exacta porquanto o erro commetido é insignificante e como tal desprezível.

Assim como a parede não é perfeita, mas necessario se torna que o erro seja minimo para que ella não desmorone, tambem a justiça precisa ser tanto quanto possivel approximada da verdade, para que não venha a ruir o edificio social por ella mantido em sua admiravel elevação e firmeza. A justiça humana, tendendo incessantemente ao limite supremo, á justiça sublime e excelsa, não a attingirá nunca porque é nossa e traz o estigma do erro.

Provoquemos a observação dos alumnos para os nossos julgamentos, provando-lhes com exemplos praticos que difficil lhes será ás vezes comprehendel-os. Provemos que elles proprios nos podem auxiliar em alguns e para isso passemos-lhes uma ou outra vez as nossas attribuições, indagando da classe qual o mais applicado, qual o mais bem procedido, qual o seu juizo sobre uma bella acção praticada por algum delles: a classe bem dirigida até então, fará, é certo, a justiça devida. Havendo em nossas palavras e juizos bastante cuidado em respeitar os direitos de cada um com isenção de sympathias ou antipathias, daremos á creança fé na justiça.

Não é isso difficil, porque o bom professor é insensível á influencia de circumstancias capazes de perturbarem sua consciencia e de o levarem a prejudicar estes ou favorecer aquelles dos seus discipulos, todos de igual modo queridos e a que elle infatigavelmente se consagra: não são casos de difficil justiça os da escola.

Assim o habito de reconhecer como justas as deliberações tomadas a seu respeito, constituirá para a creança um penhor do esforço futuro — pelo bem, pelo cumprimento do dever.

Felizes daquelles que iniciando a vida, ouvem exaltar o valor do trabalho e do esforço proprio e considerar a elevada posição como um degrau da escala vencida á custa de proficuos sacrificios, beneficos á sociedade, e ditosos os que têm a nobreza d'alma que só lhes confere direito de saborearem os fructos colhidos em virtude da lucta salutar e não os que usurpam a uma victima.

Parece que infelizmente os factos nos desmentem?

E' que, em regra, nos impressionam apenas os de excepção.

Evitemos ao menos deante das creanças narrar casos de injustiça, principalmente praticados por pessoas que lhes ensinamos a respeitar.

Quando conversamos deante daquelles cujo caracter está em periodo de formação, não nos podemos descuidar um momento nem deixar-nos levar por paixões, ou por indignação justa ou infundada. E' mister pesemos termo por termo, não que os venhamos a illudir constantemente, não lhes mintamos, mas não lhes digamos toda a verdade.

Si a nossa conversação deve ser sempre judiciosa, deante dos pequeninos, deve ser mais do que isto, de uma ponderação irreprehensivel.

Estou a ouvir alguns que naturalmente não concordam commigo (mesmo porque não tenho pretensão de não errar, mas ao envez disso a certeza de errar muito) — estou a ouvir replicarem que fariamos assim das creanças homens visionarios e ideologos que lançados no torvelinho do mundo soffreriam cruel desillusão e se perverteriam ou talvez não subsistissem. Não; esperemos que seu caracter esteja baseado em firmes alicerces, que os habitos lhes façam já parte da natureza e então lhes podemos declarar: Nem sempre se faz justiça nem todos seguem o caminho recto, nem todos abrem com os proprios esforços as portas dos seus direitos, mas uns ha, em grande maioria, que assim procedem, e estes são os honestos, estes merecem ser imitados, estes são os dignos! Então, não temamos que elles se desviem do bom caminho, da senda do dever, porque, sobre os que a ella se habituaram, exerce uma tal attracção que só forças extraordinarias dahi os afastam.

Quantas vezes ouvimos o homem probo, bom, honrado, insurgindo-se contra forte injustiça, affirmar o proposito de se desviar da ecta conducta até então seguida, e logo dominar esse impulso, persistindo na trilha da virtude e da dignidade!

Levantou-se em certa classe um susurro de hilaridade, e a professora zelosa percebeu que o havia provocado um bonequinho de sabonete que estava em poder de uma das suas boas alumnas.

Apezar de muito meiga viu-se forçada a moça a censurar o procedimento da menina, declarando-lhe que teria diminuida a nota de comportamento: lagrimas, lagrimas... Pouco depois uma discipula se apresenta timidamente, reclamando para si a mesma sorte da companheira, porquanto o riso se manifestara no momento preciso em que, a seu pedido, a outra lhe passava o — movel da desordem, que era, aliás, bem interessante.

A menina, nobre e leal, prezava já a justiça: accusando-se não redimia a collega, mas exigia mesmo assim o merecido castigo!

Affirmarão os scepticos que é com taes nescios que o mundo conta para servir e trabalhar, enquanto que outros se locupletam com os dinheiros dados por sinecuras. Não necessidade, mas prenda maravilhosa de muitos felizmente, é essa a que tão justamente chamaremos ideal elevadissimo do bem, de que trata o ultimo ponto do nosso programma.

Não nos referimos a um ideal inatingivel e irrealisavel, tão pouco á ambição dessa ou daquela posição de destaque. O primeiro desorientaria a imaginação e perturbaria por completo a acção proficua do individuo que, embalado por illuzões, seria um sonhador, incapaz de viver bem em uma sociedade que elle suppunha ser tal e era outra.

A segunda impelliria o cidadão ao desvairamente constante, ao desejo febril de subir e subir: vacillando e tropeçando passaria elle a existencia sem dar de sua actividade o que era licito á humanidade della esperar.

Cada desillusão lhe traria esmorecimento da vontade e, se fosse tal a tenacidade que dominasse os impecilhos oppostos ao seu ideal, certamente lhe avassallaria tambem a consciencia. Usaria elle então de recursos iniquos e

illegaes e de instrumentos vis para a consecussão do almejado fim!

Não demos idéa á creança de que é mister traçar um plano para o seguirmos no mundo; penso que não as devemos arrastar a premeditações inúteis e mesmo nocivas, mas sim fazel-as adquirir a calma intensiva e o discernimento lucido para que orientem os acontecimentos com vigor de accordo com a vontade propria e perseverança tranquilla e acceitem os imprevistos e inevitaveis com desassombro e coragem.

Não applaudimos o fatalismo mas julgamos prejudicial a formação sobre menos solidos alicerces de elevados castellos a cuja ruina assistiriamos pasmos timidos ou em sobresalto e desespero.

Ideal sublime é o que consiste no desejo ardente e insaciavel do aproveitamento da actividade natural, da aquisição de bons habitos, da extincção dos effeitos e conquista dos nobres sentimentos. Consiste tão somente, em fazer cada um do melhor modo ao seu alcance, tudo quanto fizer, offerecendo de si o que lhe fôr possível. Não é preciso que se operem milagres, basta que o individuo desconfiê um pouco de suas proprias forcas, que reconheça suas faltas, que pesquize as razões da má realisação de seus actos e busque um aperfeiçoamento continuo em seus trabalhos materiaes ou intellectuaes e em sua conducta moral. Disso todos nós somos capazes, é um ideal perfeitamente positivo e não fictício e mystico; apenas de cada qual se exige a vigilia sobre a sua propria personalidade.

No empenho ardente de realizar o ideal, energias prodigiosas se condemnam e suffocam o esmorecimento e a tibieza.

O ideal é imprescindivel ao homem que o terá certamente mau ou bom e, como, cada um por infimo que pareça, é uma parcella, valiosa na somma total das forças que sustentam a sociedade, o ideal alevantado e puro constituirá a directriz luminosa que erguerá a humanidade ás culminancias da virtude e da nobreza.

A ESCOLA E O ENSINO PRIMARIO

(Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional pela Inspectoria escolar Esther Pedreira de Mello)

Senhores.

Que podeis esperar, hoje, de mim, nesta tribuna?

Apenas observações. E as que trago foram colhidas na vida de professora e em quinze annos de inspecção escolar.

Afastada, por circumstancias independentes de minha vontade, do exercicio do magisterio primario, não o fui comtudo das preoccupações, que desde os primeiros annos me absorveram a imaginação. E nesse tempo, quanto tenho observado, e, observando, quanto tenho aprendido!

Não vos apresento novidades; não vos transmitto ensinamentos novos, mas, podeis estar certos, nesta despretenciosa palestra encontrareis absoluta sinceridade nas palavras, absoluta verdade nas observações. Accedendo aos desejos dos collegas, que me impuzeram a tarefa de encerrar a serie de conferencias do presente

anno, pensei não nos poderia ser desagradavel, a mim e a vós, falar a respeito de questões de ensino, questões que se referem á infancia, pela qual demos, nós os mais velhos, o melhor de nossa mocidade, e pela qual, vós outros, que iniciaes a carreira, vos tereis que devotar por completo, pois que é isto condição indispensavel para bom e honesto desempenho das delicadas funcções de educadores.

Si todos aquelles que se destinam ao magisterio pensassem um pouco na importancia e delicadeza da missão de educar, si abstrahissem das vantagens e garantias que o magisterio publico offerece, certa éstou, diminuiria consideravelmente o numero de candidatos á matricula na Escola Normal. Fosse esse estabelecimento verdadeiro viveiro de professores, e não, simplesmente, instituto, onde apenas se ensinam disciplinas consideradas necessarias ao preparo intellectual dos professores; correspondesse em absoluto ao fim a que foi creado e á razão unica de sua existencia — formar cerebros e corações de professores capazes — outra seria a situação presente: não apontariamos, aqui e ali, dedicações extremas, specimens de verdadeiras vocações; ao contrario, como casos extraordinarios, alguns espiritos mal formados para o cargo e, muito raros, os que pretendessem fazer de tal carreira *exclusivamente um meio de vida*.

E' que nos falta a verdadeira Escola Normal, e o affirmo com o risco, embora, de a muitos desagradar a franqueza, e a outros muitos fazer sorrir a affirmativa, que me põe em o numero dos velhos, que se não cançam de dizer "que no seu tempo as cousas não eram assim", "que no seu tempo não se fazia assim"!

Não vos assustem todavia as minha's palavras: falta preparo pedagogico aos nossos jovens professores, e mesmo o habito de estudar, mas, como se dá em tudo que apparece nesta boa terra de cousas prodigiosas, professores ha que, uma vez na escola, em contacto diario com as criancinhas, devotam-se, comprehendem a necessidade de trabalhar bem, procuram aprender, e, ensinando, aprendem rapidamente a ensinar. Outros, menos felizes, sem guia e sem ideal, conservam-se indifferentes, repetem logo por snobismo talvez, phrases como estas: "Isto é meio de vida; não é meio de morte"... "Merecimento é um bom empenho", trabalham a sufficiente para... não soffrer desconto na folha do pagamento; fazem questão de escola bem perto de casa, por conveniencia de saude e economia de bonde, e riem superiormente de quem pensa de modo contrario.

A escola é o professor, o professor é a escola, em outras palavras: a escola é o que o professor a faz, porque o professor é a alma da escola. E para ensinar e ensinar bem duas cousas unicas são indispensaveis: quem deseje aprender e quem seja capaz de ensinar.

Negar as vantagens e mesmo a necessidade de uma boa installação para cada escola, quanto a local, predio, mobiliario e material de ensino, seria revelar absoluta ignorancia do valor de taes cousas, mas negar tambem que se pode ensinar e ensinar bem, faltando embora tudo isso, seria contrariar o que a pratica nos tem demonstrado ha longos annos, seria negar os resultados obtidos, graças á aptidão e á tenacidade de nossos esforçados professores.

Não nos falte o professor competente e dedicado e surgirá sempre a boa escola, onde houver comprehensão de pedagogia e de amor ao dever.

A escola deve ser alegre, animada, agradavel ás crianças, repetimos em todos os tons. Quem lhe pode dar todos esses predicados? O professor, ou melhor a professora, perdoe-me, si assim o digo, porque á mulher, mais do que ao homem, incumbe a delicada e muito maternal tarefa de formar espiritos e preparar corações nessa primeira idade em que o papel de mãe é de importancia capital.

E' a escola o reflexo de quem a dirige, como é a classe o reflexo da professora: alegre, si ella é alegre, animada, se lhe sabe imprimir vida; agradavel, si sabe pôr ali toda a sua alma, tornando deliciosos os momentos que as crianças passam longe do lar, essas crianças que em massas frequentam as nossas escolas, filhos, na mór parte, de pobres, de operarios, obrigados a um trabalho que lhes absorve as horas do dia e os leva cançados, exhaustos, á casa, á hora do repouso.

Qual a acção educadora que proporeciona a familia a esses pequenos seres? Trabalha o pae, vê-se forçada a mãe tambem a procurar trabalho que lhe proporecione recursos para auxiliar o marido na manutenção da familia, e a criança, sosinha, entregue a si mesma, á sua exclusiva responsabilidade, começa muito cedo a *viver*. Ninguem della muitas vezes cuida, mal vestida, mal alimentada, parte para a escola. Ninguem encontra para lhe dizer si está bem ou mal preparada e si, mesmo na pobreza, teria recursos para se apresentar melhor.

Que valor devem ter para o mestre a presença, a assiduidade, a pontualidade dessa criança aos trabalhos escolares!

Avaliar-se-ha bem a dose de boa vontade que lhe é necessaria para fugir ás seducções que a rua lhe offerece? Pensar-se-ha bem que comparece á escola, fatigada dos serviços domesticos, resistindo á tentação de faltar, encontrando em caminho só indifferentes, que certamente não se lembrariam de perguntar si frequenta ou não a escola, si a ella se dirige, ou não? Haverá bastante solicitude por essa criança que vive, não raro, em meio ignorante, apathico, imprevidente, por essa criança muito cedo testemunha de scenas de que se não pode afastar, muito cedo instruida em assumptos e cousas lamentaveis?

Si indagarmos seriamente a causa das entradas e sahidas cedo, dessas ausencias que

indubitavelmente paralyzam os melhores esforços e tiram coragem ás melhores vontades, é certo que veremos algumas vezes culpadas as familias, outras, as crianças, não raro aquelles que mais se lamentam — os mestres.

A ignorancia e a despreocupação dos paes são causas da irregularidade na frequencia das escolas: aproveitam-se muito cedo dos serviços dos pequenos, que muito cedo são investidos de responsabilidades superiores ao seu desenvolvimento physico, intellectual e moral e, allegando extrema pobreza, falta de calçado, de roupa, retêm muitas vezes os filhos em casa. Não ha duvida que as seducções da rua, tão perigosas ás vezes, afastam as crianças da escola, não ha duvida ainda, que em alguns casos, a accentuada aversão pela vida meticulosa e regrada da classe, a necessidade de liberdade determinam irregularidade na frequencia, mas devemos confessar que é quasi sempre, responsavel o mestre pelo pouco ou muito amor que revela o alumno pela escola.

Disse-me um dia distincta professora: "E' notavel a assiduidade nas turmas das adjunctas A. F. C., com especialidade na desta ultima, onde muito raro é o dia em que a frequencia não é igual á matricula". Agradou-me a observação. A adjuncta, antiga no districto, tinha excellente reputação de professora zelosa. Dava o bom exemplo: era assidua e pontual, ensinava com entusiasmo e possuia o dom todo especial de se fazer querida, muito querida, sem quebra de respeito e consideração. Pouco favorecida quanto ao physico, exercia, todavia, influencia poderosa sobre as crianças, que não podiam passar sem ella, e, por isso, não faltavam ás aulas.

Nessa mesma escola, na classe maternal, adoeceu a professora. Deixaram de comparecer muitas crianças. Não viam Dona F. e, sem ella, perdia a escola toda a seducção. Raro era o dia que não havia no gabinete da Cathedratica alguem a se interessar pela saude de Dona F. que o filho adorava, a respeito de quem a filhinha falava com ternura infinda.

Infelizmente não podemos afirmar serem todas ás classes alegres, todos os mestres empenhados em tornar sua companhia agradavel e seu ensino attrahente. Seria tanto para desejar que nenhuma ausencia de alumnos fosse attribuida ao professor. E' tão desagradavel constatar semelhante facto!

Ha pouco verifiquei o decrescimento rapido da frequencia de uma escola. Indaguei das razões. Falta de assiduidade e zelo de uma professora, encarregada de numerosa turma do 1º anno. Entregues as crianças ora uma ora a outra adjuncta, todas sufficientemente sobrecarregadas de serviço, cahiu rapidamente a frequencia. E de varios paes aos quaes explicava a Cathedratica o motivo do pouco aproveitamento dos alumnos, ouviu a resposta: "Nada tenho a ver com isto. Por que está meu filho com esta professora que falta tanto? Vou retirá-lo da escola".

E tinham elles razão, como razão teve a Cathedratica, pedindo a transferencia da auxiliar.

Uma disposição agradável de tudo, uma grande ordem, um signal de bom gosto não são cousas que deixem as crianças insensíveis.

Uma das mais pobres escolas do districto, pobre quanto á população do local, quanto á installação e quanto ao material foi, finalmente, entregue á direcção de uma professora cheia de vida e de enthusiasmo.

Vi surgirem daquellas ruínas uma escola alegre, confortavel e respeitada. Habil, maneirada, obteve aos poucos transformação radical do prédio — demolições, pinturas, reparos, que ella mesma dirigiu. Afastadas as antigas adjunctas, recebeu duas excellentes auxiliares, uma das quaes educada no districto, com pratica e grande amor ás crianças. Houve necessidade de mais professoras. Difficil retiral-as de outras escolas; difficil retiral-as, sim, mas não conserval-as. Contrastando com a penuria da população escolar, encontraram, na Cathedralica, nas collegas e nas crianças, physionomias alegres de pessoas que se sentiam felizes, mais que simples ordem e asseio nas salas de aulas: vasos com flores renovadas diariamente nas mesas, arrançadas com carinho; plantas dispostas com arte e bom gosto no gabinete; stores nas janellas; o ar e a luz entrando em abundancia nas salas, de paredes claras e alegres, dando alegria e vida ás criancinhas.

Deu-me essa professora interessante explicação a respeito de gastos a que era necessariamente forçada: "A minha vida passa-se na escola; procuro tornar a escola agradável a todos que aqui permanecem".

Della ouvi, referindo-se á influencia do bello sobre as crianças, que fôra grande a difficuldade em convencer aos alumnos de uma adjuncta que deviam passar para outra professora: achavam a primeira mais bonita...

E' preferivel attrahir a criança a castigal-a por faltas de que nem sempre é responsavel. E não incumbe isso exclusivamente á Cathedralica. A escola não pertence ao professor A. ou B.: deve merecer de todos dos que ahí trabalham os mais sollicitos cuidados.

Si nem sempre posso affirmar ser máo o professor cujos alumnos não são assíduos, considero bom, excellent, aquelle que mantém a classe com elevada frequencia. Penso não errar. Si as crianças comparecem, é porque se sentem bem, e só se sentem bem, quando ha disciplina e aproveitamento; quando acolhidas com boa vontade, quando os mestres descem até ellas, fazendo-se pequenos com os pequenos, quando se interessam pelo que lhes agrada, quando sabem rir ás suas infantilidades, ouvir suas confidencias e consolar seus desgostos; quando a disciplina é razoavel e branda, preventiva mais que repressiva, baseada no amor e não em punições.

E' este um dos pontos mais delicados e em que melhor se revela o professor: um simples golpe de vista, em classe e em recreios, e está feito o seu julgamento.

Entrava, pela primeira vez, em uma escola masculina, regida por professor. Joven quanto á idade e quanto á vida do magisterio, primeira

mulher que exercia as funções de inspector, fui recebida com natural desconfiança e natural desgosto. Era o orgulho masculino ferido. Fingi não comprehender. Procurei ser amavel. Assisti a uma lição do cathedratico. Não era de boa diplomacia fazer censuras nem observações em uma primeira visita. Sentia pesada a atmosphera. No mesmo salão trabalhava ou procurava trabalhar uma adjuncta. O rumor, o movimento de alumnos que se levantavam e sentavam, falavam e discutiam era atroador, simplesmente atroador! Terminada a lição, fiz algumas objecções sobre a parte pedagogica e pedi os livros para registrar a visita. De repente, levantei-me assustada. Que se passara? Nada; o professor julgara opportuno exigir ordem e batera com a regua violentemente sobre a mesa, gritando: "Silencio! Está demais!" Compreendi. Era assim que ahí se mantinha a disciplina. Calaram-se milagrosamente as crianças, fez-se absoluto silencio durante minutos. Chamei a attenção do professor para o resultado nullo que obtinha com tal processo e, como para justificar as minhas opiniões, logo se renovou o rumor na classe. Defendeu-se o professor, e, entre as objecções apresentadas, em tom que procurou conservar respeitoso, uma appareceu: longa pratica no magisterio, nome feito, resultados optimos... Sorri, despedi-me com amabilidade, mas com a alma cheia de tristeza. Dias depois deixava a fiscalização da escola, que, não tendo classe complementar, não podia servir para estagio das normalistas. Excusado é dizer que foi um desaffecto que me ficou.

Annos depois, veio para minha fiscalização uma outra escola, tambem masculina. Recebeu-me com muitas attensões o velho professor. Não foi preciso exame minucioso para chegar á triste realidade. O assoalho attestava que ha muito tempo não via agua, e poucas vezes vassoura, incapaz de lhe tirar as manchas de tinta, que o bordavam, e tambem ás paredes sujas, como deploravelmente sujas estavam as carteiras e os proprios alumnos. Explicava o Cathedralico um problema no quadro negro. Ninguem lhe prestava attenção. Riam-se as crianças. Reparei que lhe haviam posto ás abas da sobrecasaca uma tira de panno.

Em visitas subsequentes chamei a attenção do professor para as condições de sua escola, falta de limpeza do prédio, manchas de tinta, attestados de desordem e indisciplina, e tive que ouvir sustentada a these (pratica de 25 annos de serviço): "Não se podia evitar que as crianças praticassem o mal, podia-se castigar". Mostrei-lhe o absurdo de tal asserção e como a propria policia devia ser mais preventiva do que repressiva. Mezes depois, desgostoso, jubilava-se o professor.

Passaram-se os annos, multiplicaram-se as observações e verifiquei ser uma das maiores difficuldades a vencer entre velhos e jovens professores, uma boa e racional disciplina. Hoje, como hontem, pecca-se por excesso de rigor ou por excesso de benevolencia, por falta de sufficiente conhecimento da alma da criança, por ignorancia do que diz respeito á psychologia infantil.

Sob pretexto de disciplina não pretendamos fazer das crianças automatatos nem obter uma classe em que os movimentos e as attitudes sejam escravos de simples signaes ou de ordens breves. Podemos e devemos exigir, comtudo, ordem nos movimentos, calma nos trabalhos, respeito aos direitos de cada um. Sem disciplina não conseguirá o professor imprimir boa direcção e obter resultados satisfactorios em seu ensino; sem disciplina na classe ficará abalada a saude do mestre trabalhador, porque nada é mais fatigante e extenuante do que supportar cinco horas de serviço desorganizado, procurando e não sabendo manter a ordem (as classes indisciplinadas matam os mestres ainda mais do que as muito sobrecarregadas de alumnos). E tudo depende do professor, de sua calma, de seu golpe de vista, da regularidade de seu serviço, de seu systema disciplinar.

Mestres ha que estréam com taes qualidades, outros que em pouco tempo as adquirem, outros ainda que se jubulam sem as adquirir e sem encontrar os motivos do seu insuccesso.

Não têm sido raros os casos de jovens professoras que ante a indisciplina, não raro momentanea e frequente em escolas masculinas, com a natural tendencia dos meninos para "tomar o pulso da nova professora", sentem um desanimo, luctam comsigo mesmas e com a classe, e, desoladas, declaram, quando não o fazem em presença dos alumnos, que não podem com esse ou aquelle menino ou mesmo com todos elles.

Acredito que não seja eu a unica pessoa a experimentar profundo desgosto ao ver crianças isoladas nos gabinetes das cathedralicas. Quanto a mim, confesso, considero medida extrema, que só em casos extremos deve ser aproveitada.

O professor pode sempre com os alumnos; poderá sempre com todos de sua classe, desde que se dê ao trabalho de os estudar, de descobrir um meio de lhes falar ao coração e pelo coração devem ser levados. Si rebeldes ao carinho, procure descobrir-lhes o defeito dominante, e, assim, descobrirá tambem o castigo que lhes será mais particularmente proveitoso. Isolar a criança é privar-as das lições do dia, favorecer-lhe a preguiça, e a indolencia, perturbar a boa marcha do ensino, que deve ser ministrado a todos simultaneamente.

Fiscalize o professor os alumnos, mantenha-os occupados, não se sente, não se entregue em aula a trabalhos que lhe absorvam a attenção e o afastem de seus deveres; habitue os alumnos a lhe obedecerem com um simples gesto, uma admoestação, em tom de voz natural, sem gritos nem signaes de campainhas e muito menos de reguadas sobre a mesa, e verá, no fim do dia, o resultado obtido de um trabalho que lhe exigiu pouco esforço, esforço muito menor do que si de outra forma houvesse procedido.

E' tão commum nas turmas de 1º anno, de varios adeantamentos, preoccupar-se o mestre com uma turma, no quadro negro ou junto á mesa, emquanto as outras, se entregam aos trabalhos determinados no honorario!

Quanto castigo imposto a uma classe inteira, quanto injustiça que fere a alma da criança, por exclusiva culpa do professor distrahido e pouco vigilante!

A vigilancia em classe é a mais facil, não é todavia a que melhores resultados offerece ao conhecimento completo das crianças, porque ali não goza o alumno bastante liberdade para manifestação de suas inclinações naturaes. Nos recreios a vigilancia do professor é mais proveitosa e de resultado mais seguro. Confiar as crianças aos cuidados de guardiãs ou serventes é desconhecer ou desprezar o valor de um estudo indispensavel ao professor. A elle e não ás guardiãs e serventes, que só o podem auxiliar muito materialmente, devem ser as crianças confiadas durante os momentos unicos em que a liberdade permite melhor observação. E já o disse um pedagogo: "Um mez de observação nos recreios vale mais do que um anno em classe, porque ali se revelam completamente os indecisos, que se não fixam em cousa alguma; os turbulentos, inimigos da ordem e da calma, os violentos, sempre promptos a baterem em outros; os egoistas, os autoritarios, os fatuos, etc., etc." Mas não represente o professor o papel de agente de policia: assegure a ordem, ponha os perturbadores longe da collectividade, mas, como é esse o lado menos interessante da missão, observe, estude, corrija. Procure interessar-se pelos brinquedos das crianças, compartilhar de seus prazeres; enthusiasmar os timidos, acalmar os exaltados, tudo ver e ouvir sem parecer que o faz, dando-lhes para isso liberdade de acção.

A natureza da falta, o character da criança, a occupação de momento são condições com as quaes precisa contar e contar sem indecisões.

Seja a criança louvada ou censurada, recompensada ou punida, soffra as consequências de seus actos, mas de accordo com o seu temperamento e com o valor do acto ou gravidade do delicto. Seja a intervenção immediata e prudente, limitada talvez a simples palavras, quando necessario adiadas explicações para momento mais opportuno, mas comprehenda a malicia de sua falta, reconheça motivos para sua punição, torne-se juiz de sua propria causa. Para isso faça o professor appello á sua razão, emocionando-lhe o coração, falando-lhe á consciencia. Calmo e justo ao se pronunciar sobre as faltas dos discipulos, castigue o menos possivel e não se esqueça que saber castigar é um dos segredos da boa disciplina escolar.

Muito poucos analysam a alma da criança, muito poucos, educando, se lembram do que foram, o que pensaram e sentiram na idade daquelles que lhe são agora confiados; muito poucos, ensinando, procuram observar os discipulos, verificar o seu aproveitamento, estudar as razões porque se mostram alguns preguiçosos. E tão facilmente são classificados de vadios, indolentes e preguiçosos os que não correspondem perfectamente ao esforço do mestre, os que não *acompanham* bem a classe!

Recorrem-se a exhortações e reprehensões, logo consideradas inefficazes, appella-se para

Uma disposição agradável de tudo, uma grande ordem, um signal de bom gosto não são cousas que deixem as crianças insensíveis.

Uma das mais pobres escolas do districto, pobre quanto á população do local, quanto á installação e quanto ao material foi, finalmente, entregue á direcção de uma professora cheia de vida e de enthusiasmo.

Vi surgirem daquellas ruínas uma escola alegre, confortavel e respeitada. Habil, maneirada, obteve aos poucos transformação radical do predio — demolições, pinturas, reparos, que ella mesma dirigiu. Afastadas as antigas adjunctas, recebeu duas excellentes auxiliares, uma das quaes educada no districto, com pratica e grande amor ás crianças. Houve necessidade de mais professoras. Difficil retiral-as de outras escolas; difficil retiral-as, sim, mas não conserval-as. Contrastando com a penuria da população escolar, encontraram, na Cathedralica, nas collegas e nas crianças, physionomias alegres de pessoas que se sentiam felizes, mais que simples ordem e asseio nas salas de aulas: vasos com flores renovadas diariamente nas mesas, arranjadas com carinho; plantas dispostas com arte e bom gosto no gabinete; stores nas janellas; o ar e a luz entrando em abundancia nas salas, de paredes claras e alegres, dando alegria e vida ás criancinhas.

Deu-me essa professora interessante explicação a respeito de gastos a que era necessariamente forçada: "A minha vida passa-se na escola; procuro tornar a escola agradável a todos que aqui permanecem".

Della ouvi, referindo-se á influencia do bello sobre as crianças, que fôra grande a difficuldade em convencer aos alumnos de uma adjuncta que deviam passar para outra professora: achavam a primeira mais bonita...

E' preferivel attrahir a criança a castigar-a por faltas de que nem sempre é responsavel. E não incumbe isso exclusivamente á Cathedralica. A escola não pertence ao professor A. ou B.: deve merecer de todos dos que ahí trabalham os mais sollicitos cuidados.

Si nem sempre posso affirmar ser máo o professor cujos alumnos não são assíduos, considero bom, excellente, aquelle que mantém a classe com elevada frequencia. Penso não errar. Si as crianças comparecem, é porque se sentem bem, e só se sentem bem, quando ha disciplina e aproveitamento; quando acolhidas com boa vontade, quando os mestres descem até ellas, fazendo-se pequenos com os pequenos, quando se interessam pelo que lhes agrada, quando sabem rir ás suas infantilidades, ouvir suas confidencias e consolar seus desgostos; quando a disciplina é razoavel e branda, preventiva mais que repressiva, baseada no amor e não em punições.

E' este um dos pontos mais delicados e em que melhor se revela o professor: um simples golpe de vista, em classe e em recreios, e está feito o seu julgamento.

Entrava, pela primeira vez, em uma escola masculina, regida por professor. Joven quanto á idade e quanto á vida do magisterio, primeira

mulher que exercia as funções de inspector, fui recebida com natural desconfiança e natural desgosto. Era o orgulho masculino ferido. Fingi não comprehender. Procurei ser amavel. Assisti a uma lição do cathedratico. Não era de boa diplomacia fazer censuras nem observações em uma primeira visita. Sentia pesada a atmosphera. No mesmo salão trabalhava ou procurava trabalhar uma adjuncta. O rumor, o movimento de alumnos que se levantavam e sentavam, falavam e discutiam era atroador, simplesmente atroador! Terminada a lição, fiz algumas objecções sobre a parte pedagogica e pedi os livros para registrar a visita. De repente, levantei-me assustada. Que se passara? Nada; o professor julgara opportuno exigir ordem e batera com a regua violentemente sobre a mesa, gritando: "Silencio! Está demais!" Compreendi. Era assim que ahí se mantinha a disciplina. Calaram-se milagrosamente as crianças, fez-se absoluto silencio durante minutos. Chamei a attenção do professor para o resultado nullo que obtinha com tal processo e, como para justificar as minhas opiniões, logo se renovou o rumor na classe. Defendeu-se o professor, e, entre as objecções apresentadas, em tom que procurou conservar respeitoso, uma appareceu: longa pratica no magisterio, nome feito, resultados optimos... Sorri, despedi-me com amabilidade, mas com a alma cheia de tristeza. Dias depois deixava a fiscalização da escola, que, não tendo classe complementar, não podia servir para estagio das normalistas. Excusado é dizer que foi um desaffecto que me ficou.

Annos depois, veio para minha fiscalização uma outra escola, tambem masculina. Recebeu-me com muitas attensões o velho professor. Não foi preciso exame minucioso para chegar á triste realidade. O assoalho attestava que ha muito tempo não via agua, e poucas vezes vassoura, incapaz de lhe tirar as manchas de tinta, que o bordavam, e tambem ás paredes sujas, como deploravelmente sujas estavam as carteiras e os proprios alumnos. Explicava o Cathedralico um problema no quadro negro. Ninguém lhe prestava attenção. Riam-se as crianças. Reparei que lhe haviam posto ás abas da sobrecasaca uma tira de panno.

Em visitas subsequentes chamei a attenção do professor para as condições de sua escola, falta de limpeza do predio, manchas de tinta, attestados de desordem e indisciplina, e tive que ouvir sustentada a these (pratica de 25 annos de serviço): "Não se podia evitar que as crianças praticassem o mal, podia-se castigar". Mostrei-lhe o absurdo de tal asserção e como a propria policia devia ser mais preventiva do que repressiva. Mezes depois, desgostoso, jubilava-se o professor.

Passaram-se os annos, multiplicaram-se as observações e verifiquei ser uma das maiores difficuldades a vencer entre velhos e jovens professores, uma boa e racional disciplina. Hoje, como hontem, pecca-se por excesso de rigor ou por excesso de benevolencia, por falta de sufficiente conhecimento da alma da criança, por ignorancia do que diz respeito á psychologia infantil.

Sob pretexto de disciplina não pretendamos fazer das crianças automatatos nem obter uma classe em que os movimentos e as attitudes sejam escravos de simples signaes ou de ordens breves. Podemos e devemos exigir, comtudo, ordem nos movimentos, calma nos trabalhos, respeito aos direitos de cada um. Sem disciplina não conseguirá o professor imprimir boa direcção e obter resultados satisfactorios em seu ensino; sem disciplina na classe ficará abalada a saude do mestre trabalhador, porque nada é mais fatigante e extenuante do que supportar cinco horas de serviço desorganizado, procurando e não sabendo manter a ordem (as classes indisciplinadas matam os mestres ainda mais do que as muito sobrecarregadas de alumnos). E tudo depende do professor, de sua calma, de seu golpe de vista, da regularidade de seu serviço, de seu systema disciplinar.

Mestres ha que estréam com taes qualidades, outros que em pouco tempo as adquirem, outros ainda que se jubulam sem as adquirir e sem encontrar os motivos do seu insuccesso.

Não têm sido raros os casos de jovens professoras que ante a indisciplina, não raro momentanea e frequente em escolas masculinas, com a natural tendencia dos meninos para "tomar o pulso da nova professora", sentem um desanimo, luctam comsigo mesmas e com a classe, e, desoladas, declaram, quando não o fazem em presença dos alumnos, que não podem com esse ou aquelle menino ou mesmo com todos elles.

Acredito que não seja eu a unica pessoa a experimentar profundo desgosto ao ver crianças isoladas nos gabinetes das cathedralicas. Quanto a mim, confesso, considero medida extrema, que só em casos extremos deve ser aproveitada.

O professor pode sempre com os alumnos; poderá sempre com todos de sua classe, desde que se dê ao trabalho de os estudar, de descobrir um meio de lhes falar ao coração e pelo coração devem ser levados. Si rebeldes ao carinho, procure descobrir-lhes o defeito dominante, e, assim, descobrirá tambem o castigo que lhes será mais particularmente proveitoso. Isolar a criança é privar-as das lições do dia, favorecer-lhe a preguiça, e a indolencia, perturbar a boa marcha do ensino, que deve ser ministrado a todos simultaneamente.

Fiscalize o professor os alumnos, mantenha-os occupados, não se sente, não se entregue em aula a trabalhos que lhe absorvam a attenção e o afastem de seus deveres; habitue os alumnos a lhe obedecerem com um simples gesto, uma admoestação, em tom de voz natural, sem gritos nem signaes de campainhas e muito menos de reguadas sobre a mesa, e verá, no fim do dia, o resultado obtido de um trabalho que lhe exigiu pouco esforço, esforço muito menor do que si de outra forma houvesse procedido.

E' tão commum nas turmas de 1º anno, de varios adeantamentos, preoccupar-se o mestre com uma turma, no quadro negro ou junto á mesa, emquanto as outras, se entregam aos trabalhos determinados no honorario!

Quanto castigo imposto a uma classe inteira, quanta injustiça que fere a alma da criança, por exclusiva culpa do professor distraído e pouco vigilante!

A vigilancia em classe é a mais facil, não é todavia a que melhores resultados offerece ao conhecimento completo das crianças, porque ali não goza o alumno bastante liberdade para manifestação de suas inclinações naturaes. Nos recreios a vigilancia do professor é mais proveitosa e de resultado mais seguro. Confiar as crianças aos cuidados de guardiãs ou serventes é desconhecer ou desprezar o valor de um estudo indispensavel ao professor. A elle e não ás guardiãs e serventes, que só o podem auxiliar muito materialmente, devem ser as crianças confiadas durante os momentos unicos em que a liberdade permite melhor observação. E já o disse um pedagogo: "Um mez de observação nos recreios vale mais do que um anno em classe, porque ali se revelam completamente os indecisos, que se não fixam em cousa alguma; os turbulentos, inimigos da ordem e da calma, os violentos, sempre promptos a baterem em outros; os egoistas, os autoritarios, os fatuos, etc., etc." Mas não represente o professor o papel de agente de policia: assegure a ordem, ponha os perturbadores longe da collectividade, mas, como é esse o lado menos interessante da missão, observe, estude, corrija. Procure interessar-se pelos brinquedos das crianças, compartilhar de seus prazeres; enthusiasmar os tímidos, acalmar os exaltados, tudo ver e ouvir sem parecer que o faz, dando-lhes para isso liberdade de acção.

A natureza da falta, o character da criança, a occupação de momento são condições com as quaes precisa contar e contar sem indecisões.

Seja a criança louvada ou censurada, recompensada ou punida, soffra as consequências de seus actos, mas de accordo com o seu temperamento e com o valor do acto ou gravidade do delicto. Seja a intervenção immediata e prudente, limitada talvez a simples palavras, quando necessario adiadas explicações para momento mais opportuno, mas comprehenda a malicia de sua falta, reconheça motivos para sua punição, torne-se juiz de sua propria causa. Para isso faça o professor appello á sua razão, emocionando-lhe o coração, falando-lhe á consciencia. Calmo e justo ao se pronunciar sobre as faltas dos discipulos, castigue o menos possivel e não se esqueça que saber castigar é um dos segredos da boa disciplina escolar.

Muito poucos analysam a alma da criança, muito poucos, educando, se lembram do que foram, o que pensaram e sentiram na idade daquelles que lhe são agora confiados; muito poucos, ensinando, procuram observar os discipulos, verificar o seu aproveitamento, estudar as razões porque se mostram alguns *preguiçosos*. E tão facilmente são classificados de vadios, indolentes e preguiçosos os que não correspondem perfeitamente ao esforço do mestre, os que não *acompanham* bem a classe!

Recorrem-se a exhortações e reprehensões, logo consideradas inefficazes, appella-se para

os castigos e os resultados ou são mediocres ou nullos.

Urge saber si o alumno está bem classificado na turma em que o collocaram, si pôde sem esforço ahi permanecer.

A criança que se sente positivamente distanciada dos companheiros de turma, que não consegue obter outra nota que não seja *má* ou mesmo *soffrivel*, quando briosa, lucta, irrita-se ou abandona a escola; quando inclinada á indifferença, perde por completo o estímulo e desiste de todo e qualquer esforço.

Nem sempre tem a criança quem lhe possa acompanhar os estudos, quem a possa observar, e, muito poucas vezes sensatamente intervém a familia, onde a criança é, quasi sempre, considerada um *portento*.

Disso tive prova, ha annos, no districto, quanto a duas meninas. Era uma filha de familia abastada, a outra, muito mais aproveitavel e applicada, filha da cosinheira da casa. Não se conformavam os paes da primeira com a sua posição de inferioridade. Surgiram reclamações e pedidos, que não puderam ser attendidos. Consequencia: foram ambas afastadas da escola. Onde se matricularam? Provavelmente, não mais em uma mesma escola.

Da boa classificação dos alumnos depende muito o seu aproveitamento e o resultado geral da turma. E' trabalho esse da cathedratice.

Não tem interesse o adjuncto que a turma seja numerosa, tem, ao contrario, todo o interesse e toda a vantagem em que seja homogenea. Sente-se levado a aproveitar os melhores elementos e a desprezar os mais fracos; os que não pôde apresentar a exame, *os que fazem numero na classe*, e ahi vegetam inutilmente e que são *os preguiçosos da classe*. E elles não trabalham porque se sentem isolados, verificaram a inutilidade de seus esforços e desanimaram. Foram reprehendidos e castigados, passaram por todas as humilhações, estão persuadidos que nada vale o seu esforço, que nada podem conseguir: "Isto é assim e será sempre assim!"

Quantos d'entre esses, foram mal guiados, mal orientados? Ninguém lhes ensinou a trabalhar, adquiriram o habito de nada fazer. E em taes casos não são elles culpados, sim o mestre que não verifica bem o esforço que cada criança pôde dispender, que não a guia, não recompensa sufficientemente o trabalho e a leva á convicção de que nada pôde conseguir.

Que acção pôde haver sobre uma criança que sabe de antemão ser a ultima da classe? Fica insensivel aos castigos, a todas as humilhações, embora muitas vezes aparentemente insensivel, porque crianças ha que mostram insensibilidade por bravata, por fanfarroneie, para não dar o braço a torcer, mas que no fundo se sentem mais humilhadas do que parecem.

O trabalho é facil e agradável, quando responde a aptidões e a gostos. A educação deve tender a desenvolver na criança o poder

de vencer difficuldades, força de energia e perseverança.

A criança comprehende mal o valor do saber, calcula difficilmente as vantagens que delle advém. Vive para o presente e do presente. Trabalha visando algum resultado immediato. O elogio e a censura, os premios, as classificações, agem poderosamente sobre a criança que possui certa altivez, necessidade da estima de outrem e da estima de si mesma. Ha todavia crianças ás quaes o castigo não toca, a humilhação affecta pouco, que se não affligem por serem os ultimos da classe. Desprovidas de altivez, podem ter comtudo, certa dose de vaidade. Observe-as, pois, o mestre.

Nada indica que os preguiçosos que não querem trabalhar sejam doentes. Salvo algumas excepções, parece incontestavel, porém, que certos incorrigiveis preguiçosos são, com effeito, doentes, crianças que não dão conta da tarefa normal e ás quaes impõe o mestre uma tarefa suplementar. E' incontestavel a necessidade de observar o professor as crianças: a distracção, o riso involuntario, a excitabilidade, a crueldade, a mentira e a propria falta de assiduidade nem sempre devem ser castigadas pelos professores, mas curadas e pelo medico.

O ensino publico primario deve vizar principalmente as crianças das classes operarias, futuros trabalhadores, mais que outros com necessidade de energia, de vontade, de coragem, para vencer na vida, e superar difficuldades. Preparem os para vencer obstaculos, ensinemos a *querer* com tenacidade. Só assim teremos feito obra util e cumprido nossa missão de educadores.

Já se foi o tempo que se marcava lição para o dia seguinte dizendo: "Estude d'aqui até aqui." Quem assim procede contraria em absoluto as regras da boa Pedagogia. Nenhuma lição dá o alumno que não tenha sido preliminarmente preparada e exposta, nenhum conhecimento lhe é ensinado sem exemplificação abundante.

Faz-se a criança ver, ouvir, julgar, apalpar, observar, comparar, raciocinar. Evita-se-lhe em summa toda a fadiga. Tal maneira de ensinar, de incontestavel valor, é muito superior á de nossos antepassados, mas de resultados ainda não completamente satisfactorios.

Quando as crianças nos deixam têm o habito da observação, são capazes de reflexão, julgam e raciocinam, mas não tem o habito do esforço. Com muita frequencia ouvimos dizer que as *crianças esqueceram logo o que aprenderam*. E' que muitas vezes só aprenderam palavras: julgou o mestre que foi comprehendido, passou rapidamente sobre cousas que lhe pareceram elementares.

A criança aprende mais e muito melhor por sua propria observação e experiencia. Mais valem poucos conhecimentos, dados com inten-

sidade e consciencia, do que uma indigestão de noções, que não se assimilam.

Nem sempre se observam melhores resultados onde o mestre mais se fadiga. Censurando a uma joven adjuncta falar demasiado alto, perturbando o trabalho de outras turmas justificou-se, dizendo: "Logo que para a escola vim, estive na sala de D. F. Ella só dá lições assim, muito alto, com muito entusiasmo. E como é adjuncta muito antiga"... Achei graça na explicação. Tratava-se de adjuncta antiga, muito trabalhadora, mas cujos processos pedagogicos não eram dos melhores.

Ninguém contesta a necessidade de esforços continuos do mestre, mas o que importa é menos o que diz, expõe ou explica do que aquillo que a criança entende, comprehende e assimila.

Ha minucias que não podem ser dispensadas, porque influem sobre os crianças. Colloque-se o professor, quando expõe em frente aos alumnos, de fórma a poder vel-os, acompanhá-los o jogo de physionomia, a sentir-se comprehendido.

O ensino oral só attinge seu fim, quando as crianças estão como que fascinados pelo olhar do mestre.

A voz, a maneira de articular e de pronunciar, dão valor particular ás noções expostas. Si o mestre fala muito depressa não é comprehendido, si grita, fatiga-se e perturba a atenção, si fala demais fatiga os espiritos. A sua exposição deve ser realmente simples, clara, precisa, nitida, feita em linguagem correcta, mas ao alcance de todos, sobretudo dos menos intelligentes.

Em uma das grandes escolas do districto são de madeira os assentos das cadeiras das professoras. Assim o quiz um dos nossos ex-directores de Instrução, para que as professoras, principalmente as da classe elementar não tivessem muito prazer em estar sentadas. E, de facto, muito raro ali vejo alguma adjuncta sentada.

São indispensaveis ao mestre um horario e um programma, o que não quer dizer que a um e a outro fique preso a ponto de não dar, de não ministrar o melhor ensino—aquelle que o momento suggere e favorece. Deixar passar excellente oportunidade para lição proveitosa, é desconhecer a alma da criança.

Jámais concordaria com ampla liberdade ao professor para limitar o ensino, ministrando-o segundo o seu modo de ver e sentir, jámais votaria pela ausencia completa e absoluta de um horario.

Conheço sufficientemente a natureza humana e a influencia que sobre nós exercem nossas preferencias e predilecções para conservar a respeito qualquer illusão. Não podemos deixar de dar um programma geral para o ensino, como não podemos deixar de dar um horario á cada escola: são cousas indispensáveis á regularidade no serviço. Jámais perguntei em minhas visitas si o horario estava

sendo *em todas as classes* rigorosamente observado, faço, sim, muita questão de pontualidade no inicio e na terminação das aulas, no inicio e terminação dos recreios. O professor não pôde deixar de exigir ordem e regularidade nos trabalhos dos alumnos e não terá autoridade para o fazer si não lhe sabe dar o bom exemplo. Quantas vezes nós, inspectores, a uma observação a respeito da falta de pontualidade, ouvimos: "F. é muito zelosa, chega á escola com atrazo, mas não se importa de dar aula até mais tarde".

Executados devem ser o horario e o programma, mas nem um nem outro servilmente. Quando um facto, uma palavra, um incidente ferem o espirito das crianças e permite reter-lhes a atenção, não o despreze o mestre, aproveite-o sem receio de se afastar do horario. Si no começo de uma lição ha oportunidade para um reparo sobre assumpto diverso, si um alumno faz observação interessante, pede explicação a proposito, não haja escrupulo na digressão, que só pôde ser de effeitos beneficos: vale mais do que uma lição cuidadosa, pedagogicamente preparada.

Lembre-se que o unico movel de atenção na criança é o attractivo, a novidade, o imprevisito. Pretender prender-lhe a atenção quando é ella fortemente solicitada para outro ponto, é impôr uma atenção, que não se obriga — que se conquista. Punir uma criança desattenta, é condemnar-se. Está desattenta? Não conseguiu o mestre interessal-a. E isto deve obter desde as suas primeiras palavras; deve procurar obter, variando os exercicios, entrecortando-os de recreios, dando-lhes attractivo e, sobretudo, graduando os trabalhos de fórma que sinta a criança seu esforço recompensado. Levando-o a executar trabalhos escriptos proporcionando difficuldades que deve vencer, resultados que deve obter, será cultivada sua atenção voluntaria.

Quantas vezes, na época dos exames, nos lamentamos da falta de atenção das crianças? Quantos disparates, quantos absurdos, ditos ou escriptos, e, principalmente escriptos, porque não tem o alumno quem observe o caminho errado que tomou! Quantos disparates que nos fazem acreditar em falta de bom senso e trazem como consequencia a nota *má*, que desola e desorienta o mestre esforçado e trabalhador! E, quantas vezes, examinando um problema, verificamos estar certo o raciocinio, a solução bem encaminhada, emquanto o resultado denota falta absoluta de atenção! Esquecimento de uma virgula numa operação, engano ao passar a limpo o trabalho, finalmente, o absurdo que a todos surprehende...

E' possivel, muito possivel, que algumas vezes não tenha a criança adquirido na escola, o poder de atenção que impede de dizer tolices, que não tenha adquirido o habito do esforço, que tenha chegado ao fim do curso incapaz de trabalhar sem o mestre, contando só com suas proprias forças.

Costumo affirmar que a criança é na escola o que a fez a sua primeira professora. Ligo a maior importancia á direcção do 1º anno ele-

mentar, tão desprezado pelas adjunctas de curso brilhante e por algumas cathedricas, que tão facilmente o entregam a adjunctas, sem pratica de ensino, substitutas de adjunctas, entre as quaes algumas ha que mal sabem ler, escrever e contar, que aprendem a ensinar, exactamente como o official de barbeiro a fazer a barba...

Isto se dá, porque ainda ha quem considere bom processo chamar um por um dos alumnos á mesa, a dar lição na Cartilha de Galhardo ou de outro qualquer autor. "Os paes assim querem"... "A minha escola ficaria sem frequencia"... "As adjunctas são novas, não sabem ensinar por outro processo", são respostas frequentes a observações nossas. Muitas vezes temos que esperar melhores dias, e saber esperar oportunidade para uma boa reforma é sciencia cujo segredo aprendi na inspecção escolar.

Ao mestre, não os paes, compete dar orientação conveniente ao ensino, porque em Pedagogia elles é que são autoridades.

A uma Cathedrica pedia passes uma menina, mas sómente para ella, porque sua irmã não continuaria na escola. E acrescentou: "Tambem ella aqui não está aprendendo nada. Está aprendendo tudo errado!" Mas, como? indagou admirada a professora? "Vou-lhe dizer D. F. Minha irmã diz fe, me, ne si e não efe, eme, ene, esse. Mamãe fica zangada e ensina a dizer certo, mas no dia seguinte já está ella dizendo outra vez errado. A professora ensina errado"... "Ah! bem, pois diga a mamãe que eu tambem ensino assim, errado". E acrescentou a professora sorrindo: "Porque então Mamãe mandou sua irmã para a escola? E você não tem medo de estar aprendendo errado na sua turma?"

No dia immediato, o pae das meninas desculpou-se, censurou a criança, censurou a mulher por intervir no ensino da filha e assim terminou o incidente.

Que fazer em escolas de grande frequencia, onde poucas, raras mesmo são as adjunctas de mais de dous annos de serviço? Que exigir de uma substituta de adjuncta?

Ha tempos, enquanto registava a visita no gabinete de uma escola, prestava attenção ao trabalho em duas salas proximas. Em uma dellas percebi que a professora, sentada, chamava á mesa um por um dos alumnos. Não ouvia a voz das crianças, percebia a da professora que lia rapidamente no livro, mandava o alumno sentar-se e chamava outro.

Havia silencio na classe. Entreteriam-se as crianças com trabalhos escriptos.

Chamei ao gabinete a adjuncta. Perguntei-lhe o que fazia. "Estou ensinando as lições para amanhã, na "Cartilha de Galhardo". — "Como? Só percebo a sua voz"... — "Leio para as crianças ouvirem"...

Expliquei-lhe que assim procedia por falta de pratica, e mostrei como se devia fazer. Offendeu-se com a falta de pratica, pois que trabalhava como substituta havia dous annos.

Parece cousa tão facil, tão elementar, ensinar a ler, escrever, e contar! "Muito não é preciso para tão pouco fazer", objecta-se...

Quem não experimentará esta impressão ante os pedidos, faceis e as mais promptas concessões para logares do magisterio, para os quaes é a competencia pedagogica condição essencial?

Mas nem sempre tem preparo o candidato... E' mandado para classe elementar, para a turma dos analfabetos...

Não! Senhores, devemos reagir e reagir energeticamente contra esta corrente impetuosa de pretensões absurdas e de absurdas concessões. Si um diploma da Normal não habilita para o exercicio do magisterio, porque pessoas ha e mui distinctas, capazes de maravilhas no ensino primario, sem haverem cursado a Escola Normal, confessemos, entretanto, que o diploma faz suppôr em quem o possui, elementos de mais seguro exito e de alguma competencia pedagogica. Não argumentemos com excepções, já muito numerosas: responsaveis directos ou indirectos pela instrucção publica primaria, procuremos o caminho mais curto, mais seguro para o fim que almejamos. Cruzar os braços sob a allegação de que tudo vae mal, acompanhar os que erram sob pretexto de que não vale a pena ficar isolado e que *isolado nada se consegue*, é ser cúmplice no mal que nos invade e que o interesse de uns e a falta de energia de outros alimentam condemnavelmente. E' necessario, é indispensavel que a aspiração dos candidatos á matricula na Escola Normal seja o resultado de decidida vocação pedagogica; é necessario e indispensavel que o normalista encontre em seu curso todos os elementos seguros ao seu preparo, á realizção de seu ideal, é preciso que só lhe dêem professores com justa comprehensão de seus deveres e com o sufficiente preparo scientifico, pedagogico e moral para formar professores. Não se póde transmitir o que se não possui: das mãos de professores sem preparo pedagogico, sem nitida noção de dever, avessos á ordem, á disciplina, sem aspirações legitimas, e sem ideaes nobres, jámais sahirá o verdadeiro profesor primario, aquelle que não sabe simplesmente as materias dos programmas, aquelle que sabe dar o devido valor á nobre e delicada missão de educar e instruir.

O professor sem prestigio, o professor relapso no cumprimento do dever deixa de lado a melhor e a mais proveitosa lição — a do exemplo — aquelle que jámais é esquecida. Qual de nós não se dirige ainda com respeito aos seus antigos mestres, aquelles que se impuzeram pelo saber e pela correccão em seus actos? Qual de nós deixará de ouvir, com respeito, a sua opinião sensata, calma e ponderada? Qual de nós não se lembrará com grande saudade e grande reconhecimento de suas lições e seus conselhos?

E qual de nós, que sentimos as vantagens que nos advieram da pratica escolar, deixará de lamentar que a organização actual do ensino não permitta aos normalistas estudo minucioso de nossos programmas, antes de serem officialmente investidos das responsabilidades do cargo de professores? E é o que se não

exige no momento actual de nossos normalistas, avidos de deixarem os bancos da Escola.

Ha, todavia, em geral, muito desejo de acertar, e indubitavelmente, graças á dedicação e á competencia pedagogica de numeroso grupo de professoras, razões muito accetaveis para nos enchermos de justo orgulho e de nos penetrarmos da convicção sincera do valor real do nosso professorado primario, capaz, não obstante todas as difficuldades, de se impôr á nossa consideração e respeito; temos razões para affirmar que si a inspecção escolar souber aproveitar os bons elementos de que dispõe, estaremos em breve aparelhados para supprir as falhas que o ensino da Escola Normal e a satisfação de indevidas pretensões tem produzido no ensino primario.

A criança jámais passa despercebida a falta de preparo do professor, jámais lhe é indifferente o seu grão de aptidão para o magisterio: inconscientemente julga e o faz com segurança.

Ha annos queixara-se uma professora, á qual estava entregue o 1º anno, que certa alumna lhe faltara ao respeito, diante de toda a turma, affirmando *estar errado o que lhe ensinara*, e haver aprendido certo em outra escola, uma das maiores e mais acreditadas no districto. Queria fosse punida a pequena.

Fiquei a principio um pouco assustada. Era tão fraquinha a professora que formulava a queixa, e tão boa a escola a que se referia a menina! Procurei saber do que se tratava. Insistira a professora para que a pequena escrevesse um nome proprio com inicial maiuscula e não fóra obedecida. "Não lhe haviam ensinado assim na outra escola, pensava a criança, logo estava errado"...

Compreendi o caso e dei as explicações necessarias. A primeira professora da menina fugira a dar as letras maiusculas, no ensino da leitura e escripta simultanea, acreditando facilitar o trabalho das crianças, e a menina, intelligente e perspicaz, fazendo o paralelo entre as lições agradaveis e animadas que recebera na outra escola e as que lhe dava a nova professora, conservava confiança inabalavel no ensino da primeira. Foi-me proveitoso o incidente, que terminou de modo satisfactorio. Relatei o facto á professora da escola de onde se retirara a criança e de nossa palestra resultou pequena modificação em seus processos de ensino. Sem prejuizo, ao contrario, com muita vantagem, passaram a ser graphadas, sempre que uma oportunidade se dava, as taes letras maiusculas, que antes pacientemente aguardavam melhores dias.

Avalia-se com facilidade o grão de aptidão de uma professora, verifica-se sem grande trabalho o resultado da sua turma.

As physionomias das crianças são bons espelhos, a sua attitude e o aspecto geral da classe são elementos que nos fazem julgar com segurança. Uma pergunta que muitas vezes parece de somenos importancia, um exame

rapido em trabalhos de alumnos, a lição escripta no quadro negro, a attitude do mestre em classe e fóra da classe, o modo pelo qual se refere ás crianças, ao seu aproveitamento e ao seu procedimento, dão-nos idéa perfeita do que é o professor.

Detive-me, ha tempos, um pouco, á entrada de uma sala de aula. A adjuncta ensinava a ler pelo processo phonico (tão combatido pelos que desconhecem como o applicam aquelles que tiveram um anno de pratica escolar ou a felicidade de iniciar a sua carreira sob a direcção de uma boa professora). Havia no quadro negro a phrase: "*A ave vóa*", escripta a giz de côr a ultima palavra, sobre a qual girava a lição. Ensinava a professora a ler e escrever a palavra *vóa*. Lida e explicada a phrase, poz-se a interrogar as crianças a respeito dos animaes que *voam*, citando indistinctamente, para lhes prender a attenção, aves, peixes, mammiferos, etc., etc. Ria toda a turma alegremente, quando alguém affirmava, por distracção, que o cavallo, o gato, o cão, *voavam*. Ficaram as crianças sabendo, sem classificação, os meios de locomoção dos animaes, e ponde a professora interessar toda a turma com a simples palavra *vóa*, que, certo, lhes ficou bem gravada. Submetti a ligeiro exame a classe, e lamentei não ter junto a mim um desses intolerantes adeptos do processo analytico, que julgam que os adeptos do outro processo ensinam uma por uma das vogaes, depois os taes diphthongos, as consoancias e suas combinações, aridamente, arrasadamente e acreditam ser privilegio de seu processo o ensino por meio de historietas, com oportunidade para série de lições de cousas em que se prende a attenção das crianças ao mesmo tempo que lhes ministra, muito suave e agradavelmente, a instrucção que promete e deve dar a escola.

O professor é tudo, o processo é cousa secundaria. Todos os processos aconselhados pela boa Pedagogia, podem ser permitidos. Deixo á liberdade do mestre a preferéncia a este ou aquelle, exigindo todavia, na applicação de qualquer, umas tantas regras em absoluto indispensaveis. Será sempre máo qualquer processo de ensino empregado, por professor que não imprima vida á sua classe, que se não interesse pelos alumnos, que não se esforce por ensinar da melhor fórmula possivel, que não tenha a preocupação de acertar e o prazer de ensinar. Quantas vezes temos ouvido defesa calorosa a este ou aquelle processo, apontados optimos resultados que proclamam superioridade incontestavel deste ou daquelle, mas esquecido o principal — o mestre, em cujas mãos um máo processo se póde tornar optimo. Como, pois, não escolher para a turma de analfabetos entre os docentes de maior aptidão pedagogica, entre os que revelam mais decidida vocação para o magisterio? E' um crime sacrificarem-se essas criancinhas para as quaes o estudo deve ser cousa agradável, a escola, logar aprazivel, a professora, pessoa que lhe saiba conquistar o coração e na qual depositem absoluta confiança?

Nada do que faz ou diz o professor é indiferente ás crianças. Por isso prepare sempre a sua lição, por mais facil e elementar que lhe pareça o assumpto. O seu modo de falar ou de agir, as suas expressões felizes ou não, têm influencia poderosa sobre os alumnos. Sob pretexto de se tornar mais claro e mais preciso a comprehensão das crianças não empregue expressões e termos incorrectos; fuja tambem ás impropriedades e ás noções falsas. Não ha muito assistí a uma lição dada segundo o processo analytic. Desejando a professora evitar dizer a palavra *syllaba*, arranjou para seu homonymo a palavra *pedaço*. Queria que as crianças, ás quaes ensinava a palavra *galho*, indicassem na palavra *gato* a syllaba *ga* e na palavra *filho* a syllaba *lho* e pedia, ora em *gato* ora em *filho*, um pedaço de *galho*, esquecida de que dava uma noção errada; pedia o que não lhe podia ser dado — *ga* e *lho* jámais, para as crianças, seriam pedaços de *galho*.

Por que não condemnar tambem essas sentenças tolas, que nada dizem ao espirito das crianças, essas sentenças repetidas, decoradas, estropiadas, essas palavras que não interessam as crianças, que indicam seres e objectos que não lhes podem ser explicados? Por que não exigir num e noutro processo as historietas, as sentenças, as lições de cousas, o quadro negro, o giz de côr?

A lição de leitura pôde ser sempre optimo pretexto para noção nova sobre o programma de lições de cousas, de instrucção moral e cívica e precisa merecer a maior attenção: em torno della deveria girar todo o ensino primario. Si assim comprehendessem todos, a ninguem assustaria a extensão dos programas: ver-se-hiam ahí indicações, suggestões a respeito de assumptos interessantes e de real utilidade.

E não é só a criança que deve estudar a lição de leitura: deve-o fazer tambem o mestre para que não lhe aconteça ver surgirem difficuldades (ás vezes insuperaveis no momento), de muito graves consequencias, porque podem abalar a confiança que o alumno deve depositar no mestre.

Ha uns dez annos passados, distincto medico, em visita a uma das escolas do districto, arguiu as alumnas da classe complementar. Querendo ver si conheciam ellas bem o programma de geographia, commetteu mais de um erro, enganou-se quanto á posição de varios accidentes da costa do Brazil. Quando se retirou, uma das meninas perguntou á professora: "Aquelle senhor é medico? Si elle sabe medicina como geographia, pobres doentes!..." Está livre o mestre de commentarios semelhantes?

Ha entre nós lamentavel descaso pela lingua portugueza. A vaidade dos brasileiros, a sua falta de patriotismo e de zelo pelas cousas de nossa terra leva-os, quando ricos, a matricularem os filhos em collegios estrangeiros, onde exclusivamente se fale o francez, o inglez ou

o allemão e nos quaes se estuda o portuguez exactamente como deveriam ser taes linguas estudadas pelos brasileiros. E argumentam: A criança tem tempo para aprender a sua lingua. E essas crianças estudam geographia e historia, arithmetica e sciencias physicas e naturaes em lingua estrangeira, com professores estrangeiros, que não sabem uma palavra de portuguez! E são crianças brasileiras que, falando ou escrevendo, empregam em abundancia os gallicismos, expressões que não são nossas, phrases construidas de maneira toda original e affirmam, por factos e palavras, que a lingua portugueza, tão rica, tão bella, não possui expressões felizes para exprimir o que se pensa...

Sim; a criança tem tempo para aprender a sua lingua, mas, desde que começa a falar, cumpre que o faça de maneira correcta. Não raro, balbuciando, as primeiras palavras, ella o faz de modo original, e a familia, encantada, em logar de a corrigir, obriga-a a repetir o erro, que a muitos diverte, mas que deixa vestigios desagradaveis, si não os combate posteriormente a escola primaria.

E' dever sagrado do professor zelar pela pureza da lingua, ensinar a criança a falar e escrever correctamente, a se exprimir com naturalidade, simplicidade e propriedade de termos, enriquecendo-lhe aos poucos o vocabulario. Dê, com o exemplo, a melhor lição: exprima-se de maneira correcta, mas ao alcance dos alumnos, jámais esquecendo que no curso elementar talvez mais de metade de suas palavras não têm sentido para as crianças.

Sei de alguém, habituado a empregar expressões difficeis, que, quando ralha com o filho, criança de cinco annos, extremamente viva e intelligente, no mais pathetico das scenas, difficilmente contém o riso, á pergunta que lhe é feita: "Que quer dizer essa palavra?"

Certo, ao mestre jámais deve isto acontecer. Mas, como não deve nem pôde ficar restricto ao vocabulario da criança, diariamente, procure uma ou duas palavras ou expressões novas, para empregar e estude o melhor meio de as explicar. Nesse balanço diario, á escolha de vocabulos até então desconhecidos dos alumnos, perceberá facilmente que muitas palavras que lhe pareciam simples eram ignoradas pelas crianças. Articule bem a palavra, explique o que quer dizer.

A memoria auditiva da palavra e a memoria da palavra bem correctamente articulada devem ficar ligadas á memoria visual da palavra correctamente escripta pelo mestre e correctamente graphada pelo alumno.

E' um excellento exercicio esse e de maior proveito que os fastidiosos dictados de trechos nem sempre felizes, e outros muitos exercicios escriptos, taes como as analyses, os verbos, etc., tão ao sabor dos mestres preguiçosos, que os escolhem e adoptam porque lhes permitem ver curvarem-se as cabeças dos alumnos sobre uma tarefa mecanica, capaz, pela monotonia, de adormecer a vontade dos mais rebeldes.

A criança não chegará a adquirir palavras senão quando comprehender bem o sentido,

não se exprimirá bem senão quando lhe der o mestre momentos de franca expansão, que a levem, insensivelmente, sem violencias, nem imposições a lhe falar com naturalidade e simplicidade, a narrar o que vê, o que ouve e o que sente, momentos preciosos para corrigir o mestre a phrase mal construida, substituir a expressão mal empregada, combater os erros e os vicios de linguagem provenientes do meio em que vive a criança, momentos propicios para satisfazer a curiosidade infantil a respeito que foi dito, explicado e que ficou realmente comprehendido.

Não a intimide a autoridade do mestre, não se lhe dê jámais a impressão de que uma observação e uma pergunta podem ser symptomaticas de falta de intelligencia ou de imperdoavel ignorancia.

A curiosidade da criança é sempre opportuna e providencial: deve ser satisfeita de accordo com o seu desenvolvimento intellectual. Si, nas classes elementares, grande e muito natural fosse sempre a intimidade entre mestres e discipulos, maiores seriam os progressos desses ultimos e as alegrias dos dous. Grande distancia entré uns e outros produz afastamento de entes que se devem comprehender e amar.

A leitura explicada e commentada, as lições de geographia, de historia, de sciencias physicas e naturaes fornecem ás crianças palavras novas, permittem-lhes adquirir idéas novas. A leitura, com especialidade, pôde sempre prepara o alumno para os exercicios de composição, elocução e vocabulario, que devem ser abundantes e cheios de interesse e utilidade para o alumno.

Um dos graves defeitos do nosso ensino ainda é a preocupação do exame. Pensa nelle com obsessão o professor da classe, pensa nelle com susto o alumno que deseja ser promovido, passar para classe mais adiantada, (como outr'ora passar para outro livro de leitura era signal de progresso), pensa nelle o pae ou a mãe do menor, cuja aspiração é de ver o filho preparado, em pouco tempo, e para os quaes é o exame cousa de capital importancia, pensa nelle o director da escola, que julga o adjuncto pelo numero de alumnos a promover e acredita estar a importancia de sua escola na ordem directa do numero de promovidos.

Não contesto o valor nem a necessidade do exame nem sou adepta das promoções exclusivamente por médias, mas desejaria ver sempre, em todas as escolas, em todas as classes, o exame posto em plano inferior, muito inferior áquelle que occupa. O essencial, o indispensavel é que a criança aprenda, que assimile o que lhe foi ensinado e não que se prepare e pense nas respostas a dar no acto do exame.

Ha muitos annos, no inicio da minha carreira, contou-me certa adjuncta, cuja cathedratice avaliava o valor das auxiliares pelos alumnos promovidos, que, obrigada a apresentar toda a turma a exame, não obstante seus protestos vehementes, resolveu ensinar a fazer exame brilhante. E sabeis a lição curiosa que deu? Um

exemplo: Quem descobriu o Brazil? Foi Christovão Colombo ou Pedro Alvares Cabral? Quem descobriu a America? Foi Pedro Alvares Cabral ou Christovão Colombo. Um successo! Sabiam maravilhas as crianças!

Nem sempre ha o criterio desejavel, os alumnos estudam o que é exigido em exame, e ainda assim, sujeito o ensino ás preferencias do professor por esta ou aquella disciplina e ficam em segundo plano, quando não esquecidos, trabalhos praticos e noções que não estão por luxo em nossos programmas de ensino. Lembra-me haver fiscalizado uma escola onde tive o desgosto de verificar que era habito antigo deixar para os dous ultimos mezes de aula as noções exigidas nos programmas de historia, geographia, sciencias. O desenho era iniciado no ultimo mez e os trabalhos manuaes para o sexo masculino, os trabalhos de agulha eram, por completo, esquecidos e desprezados.

E' lamentavel, a pouca ou nenhuma importancia de alguns mestres relativamente á vida da criança no lar, ao meio em que vive, ás suas preoccupações e preoccupações presentes e futuras, concorrendo para que as meninas, com tão subido desprezo, lancem os olhos para a agulha e pensem nos serviços domesticos com tão profundo desgosto, vendo como taboa unica de salvação na vida um diploma da Escola Normal.

Lamentavel é tambem a pouca importância que muitos professores ligam ás noções de civismo na escola primaria. A alma do brasileiro não vibra sufficientemente ante os problemas que se relacionam com o futuro de nossa grande nação.

A criança ouve em casa os mais pessimistas commentarios a respeito dos destinos de nossa terra, da capacidade de seus dirigentes, da inefficacia de medidas tomadas, do papel que o Brazil representa no mundo civilizado. Passam por suas mãos periodicos e revistas em que o ridiculo é arma exclusiva de combate, em que o prestigio á autoridade é cousa inteiramente desconhecida. Repete o que ouve: referencias desrespeitosas aos nossos dirigentes, pouco lisonjeiros commentarios ao poder legislativo, accusações gravissimas ás sentenças do poder judiciario, em summa, apreciações inconvenientes á formação de seu espirito. E cedo começa a preferir o estrangeiro ao que diz respeito aos interesses de sua terra.

Ensinando a lingua materna, ensinando a geographia e a historia procure o mestre inculcar na alma dos discipulos um grande, um profundo amor á nossa patria, que não deve ser amada por sua grandeza territorial, pela fecundidade de seu solo, pela sua belleza natural, mas porque do nosso amor, do nosso trabalho, de nossa energia depende a sua grandeza moral, lembrando-lhe que não é a belleza physica de nossos paes, não é a sua fortuna, não é a sua posição social que alimentam o nosso amor por elles.

Nobilissima, porém, terrivel a missão do mestre! Terrivel, sim, pela importancia incontes-

tavel que tem nos destinos futuros de nossa terra, terrível sim, mas tão suave para aquelle que a abraça com amor, para aquelle que não fala com os lábios, fala com o coração, para aquelle que faz do magisterio um verdadeiro apostolado!

Felizmente, si professores ha que não comprehendem as suas responsabilidades, outros muitos e raros não são, graças a Deus, só vivem na escola, para a escola e pela escola. Quantos formosos talentos, quanto heroismo desconhecido, quantas almas vibranteis, quantas virtudes stoicas!

E, assim, afirmando, sinto o espirito voar até essas preciosas auxiliares, que uma boa sorte nos tem proporcionado admirar, e vejo, encantadoramente modestas, bellas intelligencias, que se entregaram por completo á instrução popular, phisionomias alegres e placidas, sempre calmas e de aspecto tranquillo, fazendo do cumprimento do dever a sua unica, a sua exclusiva felicidade. E, assim, neste meio intellectual, nesta atmosphera de completo despreendimento, testemunha constante de tanta dedicação, sinto minha alma cada vez mais inclinada a essas preocupações que me têm absorvido a existencia, e não posso deixar de experimentar uma grande confiança em nosso futuro, em nossos trabalhos, sejam quaes forem as difficuldades que a estrada nos offereça. Ellas, as nossas preciosas auxiliares, estimuladas, prestigiadas, elevarão o nosso ensino e realizarão o ideal completo da escola primaria.

Em suas mãos está verdadeiramente o futuro de nossa patria. Cheias de abnegação, sem interesses mesquinhos nem ambições injustificaveis, certa estou, em seus corações haverá sempre a chama ardente, de um santo apostolado, do apostolado do bem, que prega respeito á virtude, á lei e ás nossas tradições, respeito ao lar, amor á familia e ao solo natal.

Saberão formar a verdadeira escola primaria, que não se limita a combater o analfabetismo, que ensina a ver no sentimento do dever aquella fonte de coragem que leva até a immolação voluntaria do homem por tudo que é nobre, santo e justo, dando ás crianças de hoje, cidadãos de amanhã, um ideal, aquelle ideal que na phrase feliz de Ruy Barbosa "não se define: enxerga-se por clareiras que dão para o infinito: o amor abnegado, a fé christã, o sacrificio pelos interesses superiores da humanidade, a comprehensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da propria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heroica ou uma aspiração sublime".

BIBLIOGRAPHIA

O. de Souza Reis — *Manual de Geographia Elementar* (2.^a edição)

O autor, que tem sido um dos nossos mais prezados collaboradores, desde a fundação da *Escola Primaria*, é já sufficientemente conhecido nos meios pedagogicos, para que nos detenhamos a alinhar

palavras que recommendem a nova edição de seu *Manual de Geographia*. Bastaria, o exito da primeira, de que o autor fez sahir, em varias tiragens, nada menos de 9.000 exemplares, em prazo curto e sem uma linha dessa propaganda facil da imprensa, para espontaneamente se recommendar o livro aos professores que porventura o não conhecessem.

Taes são, porém, as modificações agora introduzidas na obra que nos sentimos obrigados a mencionar-a neste registro, o que fazemos com particular satisfação. A pressa com que fôra redigido, a principio, o *Manual*, exigido por programmas da época, não havia permitido, certamente, uma revisão cuidadosa, e o livro sahio eivado de erros typographicos e trazendo não poucos senões de organização, aliás facilmente removiveis. Ainda assim, os professores souberam fazer justiça, e o autor, rapidamente conseguiu uma posição de real destaque não só para essa, mas para as outras suas obras.

Lamentamos que o espaço, sempre escassissimo, não nos permita analysar demoradamente o *Manual*. Quanto á feitura material, é um livrinho solida e elegantemente cartonado, sobrio na composição typographica, impresso em bom papel e cuidadosamente revisto. Mais do que tudo isso, porém, encontrará nelle o professor as materias tratadas de modo absolutamente novo, diverso de quantos compendios estafados por ahí correm. A primeira parte, relativa ás noções de cosmographia, é primorosamente feita, pois foge completamente aos sistemas correntes de exposição. A geographia physica revela não só largo cultivo do autor, mas principalmente uma habilidade didactica que é raro se encontrar entre autores de livros, por mais que isto pareça absurdo.

Quanto á parte de geographia geral, — cosmographia, geographia physica, humana e economica — nenhum elogio póde exprimir tanto, para os estudiosos, como dizer, que o livro é, em outras palavras, em outro tom, um pequeno Lespagnol. Oxalá possa o autor ainda desenvolver, para o ensino secundario e superior, a sua obra valiosissima, segundo o modelo de *L'évolution de la terre et de l'homme*.

Em um ponto supera o pequeno compendio a todos os nacionaes e a muitos dos estrangeiros, e é na indicação da prosodia dos nomes geographicos. Tivemos occasião de procurar, cuidadosamente, a pronuncia indicada, principalmente para os nomes das linguas ingleza, allemã, hollandeza e orientaes, e devemos confessar que pela primeira vez nos sentimos, no assumpto, absolutamente satisfeitos. E', sem duvida, um lamentavel defeito o estropiarem-se os nomes estrangeiros, e isso não succederá aos alumnos que tiverem a felicidade de compulsar o trabalho do Sr. professor Souza Reis.

Accrescentemos finalmente que o auctor da, em cada capitulo, optima lista de livros de leitura e de consulta, de utilidade incontestavel aos Srs. professores, e ainda, no fim do volume, varios quadros estatisticos modernissimos, geralmente de 1918, e teremos feito sem pretensão de critica, uma ligeira noticia do *Manual de Geographia Elementar*.

J. M.

II. — A ESCOLA

CLASSE MATERNAL

Primeiras noções geometricas

TERCEIRO EXERCICIO

Angulo (continuação)

Com dois bastões formar dois e quatro angulos adjacentes.

"Vejam si com dois bastõesinhos apenas conseguem formar mais de um angulo.

Collocando um bastõesinho em posição horizontal e no meio deste outro em posição vertical, obteremos dois angulos, um á direita, outro á esquerda.

Mostrem o vertice de cada angulo; os lados.

Ainda melhor: com os dois bastões podem formar quatro angulos, basta dispor dos dois bastões em feitiço de cruz.

Mostrem os quatro angulos, os quatro vertices, os quatro lados.

Collocando os bastõesinhos de diversos modos, podem desenhar varios objectos, taes como: uma picareta, as azas do moinho, a cruz do campanario, etc.

Ligeira e instructiva palestra sobre a utilidade desses objectos.

Movimentos imitativos: o jardineiro cavando a terra com a picareta, o lavrador batendo o trigo com o mangoal, o açougueiro pendurando a carne no gancho, as azas do moinho gyrando."

QUARTO EXERCICIO

Angulo recto

Collocar um bastõesinho horizontalmente e outro verticalmente á esquerda do 1.^o, de modo a formar um angulo recto,

"Como se chama esta figura?

E' um angulo. — Quantos lados tem este angulo?

— Dois. — Em que posição ficam?

— Um está na posição horizontal e o outro na vertical.

Vejam si o lado vertical cae mais para a direita ou para a esquerda? — Não; fica bem *direito*. — E o lado horizontal? — Tambem está *direito*.

— Digam então que os lados deste angulo são perpendiculares, isto é, não pendem mais nem para um lado nem para outro. Não mexam no bastõesinho horizontal e afastem um pouco para á esquerda o que está em posição vertical.

Bem; os dois pausinhos formam ainda linhas perpendiculares?

— Não; porque um delles cahe mais para a esquerda.

— Colloquem-n'o de modo que cáia perpendicularmente sobre o outro. O angulo formado por duas linhas perpendiculares chama-se an-

gulo *recto*. Não poderiam formar dois angulos rectos com os dois pausinhos?

— E não poderiam formar quatro?

Façam um angulo *recto*... dois... quatro... Apontem o vertice... os lados... digam como devem ficar os lados para formarem um angulo *recto*."

Mostrem na sala angulos rectos.

Fazer executar a serie de posições do angulo *recto*: o pausinho collocado horizontalmente permanece fixo enquanto o outro toma successivamente varias posições formando ora um angulo *recto*, ora dois ou quatro.

Na serie de figuras executadas os alumnos apontarão varios objectos usuaes, taes como: o martello, a cruz, o mangoal, o esquadro do carpinteiro, etc.

Será bom explicar-lhes que o esquadro serve para traçar angulos rectos, porque tem exactamente a forma de um angulo *recto*.

Desenhos de invenção com dois, tres ou mais pausinhos.

Canto, jogos gymnasticos.

QUINTO EXERCICIO

Angulos agudo e obtuso

Formar um angulo *recto* com dois bastões collocados perpendicularmente.

"Approximem agora os dois lados do angulo; vejam: a medida que se torna menor a abertura do angulo, este vae se tornando mais pontudo, não é mais *recto*; é um angulo *agudo*.

Tornem a formar o angulo *recto*.

Que devem fazer para transformal-o em angulo agudo?

O angulo agudo é do mesmo tamanho que o angulo *recto*?

E' maior? menor? etc., etc.

— Façam novamente o angulo *recto*. Afastem agora os lados e digam o que acontece.

— A abertura torna-se maior.

E o angulo formado é igual ao angulo *recto*? — Não, é maior.

— Chama-se angulo *obtusos*.

Façam um angulo *recto*. Um angulo agudo. Um angulo *obtusos*.

(Distribuir varios pausinhos e mandar executar diversos angulos que os alumnos designarão pelos nomes respectivos, indicando tambem os lados, o vertice, a abertura).

Desenho de invenção com os pausinhos.

Movimentos imitativos.

SEXTO EXERCICIO

As paralelas

Colloca-se sobre a mesa um bastõesinho e a alguma distancia outro que lhe fica paralelo.

“Quantos bastõesinhos ha sobre a mesa?

Formam um angulo?

Apontem as extremidades dos bastõesinhos...

As extremidades se tocam?

Vejam: ha sempre a mesma distancia entre elles, por isso diz-se que são *parallos*, figuram duas linhas parallelas.

Colloquem os dois bastões de modo a formarem linhas parallelas...

As linhas parallelas podem encontrar-se formando angulo?

Com varios bastões mandar formar linhas parallelas verticaes, horizontaes e obliquas.

M. M. PEREIRA DA FONSECA.

ATRAVÉS DAS REVISTAS

I — Adaptação dos problemas de arithmetica

Adaptae os probelmas, applicando-lhes o mais possivel, os elementos conducentes á producção, ás transacções e á vida economica do paiz. Assim fazendo, vereis que serviços prestaes aos vossos alumnos e por consequencia a vós mesmos.

1.º Estes problemas serão como prevenções contra os erros, os calculos disparatados, as respostas extravagantes que só se justificam pela innocencia das boccas que as proferem. Mas, em presença de elementos phantasticos, a criança nada tem que a detenha, que a preserve contra as esturdicies, que são as extravagancias da inconsciencia infantil domestica. Estudos verdadeiros, sobre bases concretas são para o bom senso uma garantia que muito contribue para a educação do raciocinio.

2.º Taes exercicios darão a vossos alumnos, isto é, ao lavrador d'amanhã, ao commerciante do futuro, á dona de casa, em perspectiva, noções cuja utilidade não precisamos demonstrar. Irei mais longe — elles lhes darão solidas direcções praticas. Assim, os nossos pequenos camponeses, meditando, calculando, contando e até se divertindo, aprenderão muitas cousas que todo o bom lavrador deve saber e que não poucos ignoram: a constituição e riqueza do sólo em azoto, acido phosphorico e cal; mantença dessa riqueza pelos adubos, pelo amanho, sua applicação e dosagem.

Eu devia entrelinhar as palavras *divertindo-se* ou mesmo riscal-as, mas pensando bem,

resolvo conserval-as porque o exercicio destes problemas não hão de ter para vossos alumnos, um interesse, um attractivo a que os outros são estranhos?

Os problemas, dirão, são exercicios que ficam em meio. E' judicioso.

Mas, si as narrativas são sempre attrahentes para as crianças, quanto mais devem ser aquellas cujo contexto elles vêem sahidos da realidade! De modo que nestes problemas que são narrativas dos factos concretos, tel-os-eis interessado pela vida propria, de seu pae e de seu paiz, assim como do seu futuro.

Penso não ser necessario demonstrar que fazer amar a agricultura pelas crianças, desde os bancos escolares, é servir á Patria. E assim, dando estes problemas a resolver, esforçamo-nos por approximal-os dos tres fins principaes a que se propõe a escola primaria.

E' certo que esta não deixará de continuar a dar um numero limitado de conhecimentos, mas então, serão escolhidos de modo a assegurar aos alumnos toda a instrucção pratica necessaria, educando deste modo o seu espirito, formando idéas exactas, revelando uma instrucção solida e verdadeira.

Além desses dous principaes escopos desses exercicios, convem consignar um terceiro que vem a ser o interesse porque este sendo o fundamento é tambem o fim de toda a educação. Na escola, dizer-se interessante equivale a dizer-se proveitoso. De outro lado, o interesse, de fundamento, pouco a pouco passa a constituir o fim de nossa instituição escolar.

Nossos alumnos, si vêem o exito coroar nossos esforços, deixam-nos, levando um vivo desejo de se instruir no fundo do qual se lobrica varios interesses pela escola despertados.

O primeiro dever do educador, ou melhor, sua principal qualidade é pois despertar o interesse para as suas licções.

Mettamos mãos á obra; fazei, imaginae problemas. Será o caso de repetir aquillo que muitas vezes tereis dito a vossos alumnos, perguntando: que é que todo o mundo procura?

Vamos, procurae tudo e tudo achareis, isto é, vereis que o interesse é o fundo das acções humanas.

II — O mais nobre dos ensinos

Queremos porventura que nossos filhos sejam pensadores superficiaes e estereis dialecticos sophisticos sempre capazes de ceder aos argumentos contrarios? Pensámos em dilatar-lhes o coração ao influxo das grandes cousas, pedimos o auxilio das Musas, sobretudo áquelle que melhor desce ao fundo das nossas emoções para despertar e éxaltar a nossa sensibilidade — a Musica.

Um velho proverbio diz: a Musica abranda os costumes. Quando menos ella desperta sympathia e entusiasmo.

Ella nos mostra que o mundo não é dirigido pelas mathematicas, que a vida vae um pouco além da sciencia, que o coração não vibra menos que a intelligencia e que onde esta desespera, aquelle póde resistir ainda.

Ella, a musica coral, revela um principio de feliz solidariedade, estuda a disciplina desejada para o bem commum de alegria collectiva, obedecendo á mesma direcção.

Ahi está a fonte da emoção musical, que impelle ao amor do trabalho, da familia, da natureza, do sentimento de generosidade, de sympathia, de esperanza forte e cordeal de que havemos mister para organizar entre nós o regimen da igualdade, da liberdade e da fraternidade.

Na resistencia necessaria ao espirito de egoismo e violencia, a musica tem parte importantissima.

Sem entusiasmo não ha um élo possivel que nos prenda a um ideal e nossa democracia necessita de um ideal.

E' aos preceptores e preceptoras que cabe o encargo de dar á geração que ora cresce, o gosto pela boa musica e consequente aversão pela má, assim como dar-lhe uma instrucção technica sufficiente. Esta educação não se completa só pelo systema das audições.

O solfejo é indispensavel ás crianças, principalmente quando se servem de um bom methodo, devendo começar da escola primaria onde se lhes deve ensinar a distinguir os intervallos e os rhythmos.

O solfejo nas escolas não deve ser individual, mas colectivo. Deve-se ensinar aos meninos e ás meninas a cantarem em côro, por

grupos, si fôr possivel, ou em conjuncto si não fôr assim permittido.

Na esperanza de que possam ser ouvidos pelos grandes compositores que vivem no meio do povo, deve-se esforçar por escolher com cuidado os melhores cantos. A emocionante simplicidade das nossas melodias populares, nascidas da massa anonyma, transudando o espirito francez, compostas por e para o povo, torna-as dignas da predilecção do Director.

Quem é o mestre da palavra e do pensamento que pensa assim?

Um dos grandes reitores que, do alto de suas eminentes funções, baixa os seus olhos até a Escola primaria, M. Petit-Dutaillis, reitor de Grenoble.

Possa elle ser ouvido, não sómente pelos preceptores, mas por todos aquelles que se incumbem de ministrar o ensino musical aos professores.

HELENA.

O DESENHO NAS CLASSES ELEMENTARES

Adaptação do methodo de Mlles. Audemars e Lafendel

O desenho é uma linguagem ou um modo de exprimir os nossos pensamentos e para a creancinha é tão natural o desenhar, como o falar.

Que alegria para a creança quando se vê possuidora de um lapis e uma folha de papel!

Em pouco tempo o papel está coberto de garatuja de animaes e seres fantasticos, tudo desenhado com traços muito carregados. Esse modo de traçar as figuras não deve ser censurado na creança, pois sua mãosinha inhabil é incapaz de traçar de outro modo.

O desenho é, como sabemos, um maravilhoso meio de educação. Entre os methodos modernos conheci, ha pouco, o excellente trabalho de Mlles. Audemars e Lafendel.

Abandonando os methodos puramente geometricos como são os de Pestalozzi e Froebel, no entanto, o novo methodo não se afasta absolutamente desses grandes mestres, desenvolvendo ainda mais o principio fundamental do ensino:

“Do concreto para o abstracto.”

“Do facil para o difficil.”

Para os primeiros ensaios do desenho é empregado o material de Froebel: os bastonetes, varetas, teutos e superficies.

Para as creanças de cinco a sete annos, o methodo é baseado no estudo das formas geometricas por meio de objectos:

- 1.º — O circulo.
- 2.º — A oval.
- 3.º — O rectangulo.
- 4.º — O quadrado.

E' precisamente á esta base geometrica que são attribuidos os bons resultados obtidos, assim como ao habito de modelar cada um dos objectos desenhados. Esses formas são ainda estudadas nas lições de bordados, de recortes e de dobrados.

Vistos sob tantos aspectos differentes, os objectos não podem deixar de se gravar de modo indelevel no cerebro da creança.

Para o desenho os trabalhos são executados em ponto grande e constitue a primeira parte do programma, o desenho mural.

Nesses movimentos livres a mão adquire uma agilidade e um desembaraço notaveis.

O objecto, uma vez observado e estudado, os alumnos o reproduzem de memoria, e é raro que um delles manifeste necessidade de rever o objecto no decurso de sua execução. Esse desenvolvimento intenso da memoria visual, e esse habito de apreender o conjuncto de um objecto, serão sempre para o alumno um auxilio de grande valor.

O circulo e a oval são estudados na ordem seguinte:

Volume, superficie, contorno, motivos de decoração.

Na execução do circulo, segundo o methodo sueco, o alumno começa do centro e vae riscando com o giz em torno desse ponto até que obtem o tamanho desejado. Sabemos que com um pincel isto seria impossivel. Procederemos de modo diverso para que os alumnos possam reproduzir um objecto por meio do pincel, do giz ou do pastel. Faremos o esboço do objecto começando de cima e desenhando alternativamente a metade da esquerda, depois a da direita, até que a superficie seja reproduzida. Este modo de proceder é observado para a reprodução de todos os objectos e mesmo de animaes. Os assumptos são sempre aproveitados da palestra que entretivermos com os alumnos na lição de moral, e assim a escolha dos objectos sendo muito variada, cada creança encontrará alguma cousa que lhe seja mais attrahente e portanto terá grande probabilidade de exito o que lhe será muito animador.

Durante a lição nenhum desenho deve ser apagado, com o exercicio a creança vae corrigindo seus trabalhos.

Este principio é dos mais importantes, desde começo o alumno aprende a confiar no seu golpe de vista e não no auxilio da borracha de que não poderá fazer uso no desenho colorido.

A professora fará uma collecção de objectos de facil reprodução, mas uma vez que a creança o traga de casa e o empreste á turma dos collegas, isso augmentará o interesse dos alumnos.

Os louvores não deverão ser regateados assim como deverá ser banida toda a critica severa. De resto, as proprias creanças farão a critica de seus trabalhos o que lhes permittirá corrigir os desenhos defeituosos.

O melhor trabalho será conservado, em exposição, durante a semana, o que vem a ser excellente estímulo. O successo dessa lição, como de todas as outras, depende do entusiasmo da professora, que se communica aos alumnos. Como dissemos, saibamos antes de tudo reconhecer nesses primeiros ensaios, nessas cousas simples e informes o grande esforço empregado pela creança.

Em quarenta e seis lições poderemos dar o trabalho completo de um anno em uma classe de creanças de 6 a 7 annos.

Programma — Classe Maternal. Creanças de 3 a 4 annos

Desenho mural colectivo

A creancinha tem uma noção muito restricta do mundo que a cerca; a imagem é por excellencia o meio de desenvolver seus conhecimentos.

Pelo desenho a professora poderá dar-lhe uma apreciação muito nitida e precisa do que lhe fere o olhar. E' necessario que tudo o que apresentarmos á creança seja um conjuncto, um todo, afim de que seu espirito tenha já a intuição da relação de todas as cousas.

A creancinha tem a incapacidade de reproduzir por si só um objecto no seu todo.

Mas, si por seus esforços pessoaes ella não pôde obter senão um trabalho incompleto, esses mesmos esforços alliados aos de seus collegas poderão produzir um todo. Proporemos aos alumnos collaborar na reprodução de uma historieta.

Temos, assim, o desenho colectivo, que é de alto valor educativo não só para os pequeninos, como para os maiores.

Procurarei dar uma ideia desse trabalho.

1.º modelo

A professora deverá desenhar sobre o quadro de muralina um céu azul; chegou a primavera; no campo a verdura brota com maior viço.

Os alumnos menores deverão completar o quadro, cada um por sua vez, desenhando uma ou varias hastes do capim.

Terminando a lição a professora animará a paisagem desenhando uma personagem ou um animal, conforme o assumpto escolhido para a palestra.

Para a lição seguinte as creanças desenharão algumas flores; mais tarde estas poderão ser colhidas e collocadas em uma cesta que a professora terá previamente desenhado.

2.º modelo

O céu e o prado serão desenhados pela professora. E' noite, a lua brilha no céu. As creanças ainda se lembram da cerca de sarrafos de que falámos ao relatar a historia e serão ellas que irão construí-la. Cada uma por sua vez virá collocar um sarrafo na cerca. Uma vez terminada esta, a professora desenhará o cãozinho que guarda a propriedade.

3.º modelo

O céu, o terreiro e o arbusto já estarão desenhados. O trabalho das creanças consiste em vir, uma a uma desenhar as flores sobre os galhos; mais tarde serão os fructos verdes e depois bem maduros e vermelhos.

O quadro representará o final de um terreiro de fazenda, onde vemos o primeiro arbusto do cafezal. As flores do cafeeiro, como todos sabem, tem a alvura dos jasmims, mas poderão ser desenhadas amarella se então diremos que estão douradas pelo sol; isto porque as creanças tem predilecção pelas côres vivas.

Estes modelos não são apresentados com o fim de serem copiados mas, apenas, para dar uma ideia do desenho colectivo.

ALDA PEREIRA DA FONSECA.

AQUI E ALI

A Dra. Montessori, contando o caso de uma criança que fôra encarregada de levar um prato de doces e déra conta do recado com grande prejuizo para... os doces e o prato, conclue nestes termos: A creança não tem culpa, foi apenas "infeliz" porque confiaram-lhe um trabalho demasiadamente complicado

e para o qual não se achava sufficientemente adestrada.

Os que estão em contacto com a infancia devem ter observado que a criança é activa por indole, porém, nasce desageitada. Observem, por exemplo, uma criança a que mse pediu um pedaço da bala que está chupando: só depois de muitas tentativas infructiferas, e assim mesmo porque a ajudam, consegue approximar o pedaço de bala, dos labios da pessoa que lh'o pediu. A certeza do golpe de vista que calcula a distancia, a destreza e firmeza nos movimentos que dirige sem hesitação, para os objectos, a agilidade dos dedos, conquista do habito, só se adquirem por meio da educação, que para isso dispõe de tres recursos principaes: os trabalhos manuaes, o desenho, a gymnastica.

Inspirando-nos no methodo Montessori, apresentamos aqui uma série de exercicios gymnasticos que interessarão talvez as jovens professoras, desejosas de introduzir alguma novidade e variedade no ensino dessa disciplina:

1º exercicio

Trata-se de ensinar aos alumnos a caminharem em linha recta. A professora traçará no meio do pateo uma linha recta de 6 a 6 metros de extensão e mandará as crianças caminharem sobre esta linha, a principio devagar, depois mais depressa, finalmente correndo. Nos primeiros exercicios as crianças correm com certa hesitação, não desviando o olhar da linha traçada no meio do pateo; porém, em pouco tempo, aprendem a percorrer rapidamente o trajecto indicado e nem olham mais para o chão.

Para tornar o exercicio mais divertido e occupar maior numero de creanças, a mestra poderá traçar varias linhas parallelas e mandar muitas creanças correrem ao mesmo tempo. As crianças que não jogam vigiam as outras, assignalando-lhes os erros.

2º exercicio

E' identico ao precedente, porém, acrescenta-se-lhe uma idéa de vertigem, porque em vez de traçar a linha no chão, colloca-se no meio do pateo, uma taboa estreita sobre a qual marcharão os alumnos; pouco a pouco augmentar-se-á a altura da taboa, collocando-a sobre tijolos, pedras ou pedaços de madeira. (Na falta de taboa, pôde a professora utilizar-se de um banco baixo, comprido e sem encosto).

3º exercício

Consiste na repetição dos dois primeiros, levando os alumnos um objecto ou mais em equilibrio; por exemplo:

1º, uma bola collocada num prato fundo... num prato raso... numa colher... na palma da mão... na extremidade dos dedos...

2º, uma caneca contendo agua pela metade... cheia aos tres quartos... completamente cheia...

3º, varios objectos, taes como: cadernos, lousas, caixas, etc.

4º, uma bandeja contendo varios objectos.

4º exercício

Subir a escada sem o auxilio do corrimão... subir devagar, contando os degrãos... mais depressa... correndo... levando um objecto qualquer em equilibrio...

5º exercício

Repetição do 3º e do 4º, levando desta vez sobre a cabeça um objecto em equilibrio, caixa, cestinho, taboleiro, etc.

6º exercício

Formar varias fileiras de alumnos e mandar todos correrem em linha recta, primeiro no mesmo sentido, depois em sentido inverso. Serão elogiados os que conseguirem executar o movimento sem esbarrar uma só vez nos companheiros.

7º exercício

A professora organiza varios grupos de sete a oito crianças cada uma e manda que percorram o pateo em varios sentidos, figurando assim os transeuntes que circulam nas ruas; dois ou tres alumnos, levando em equilibrio um ou mais objectos, ficam incumbidos de romper a multidão e voltar ao ponto de partida, trazendo intactos e na mesma posição, os objectos que lhes forem entregues.

Taes exercicios e outros semelhantes trazem grandes vantagens para as crianças que, em pouco tempo, se tornam aptas a executar com geito, destreza, rapidez e perfeição, qualquer movimento por difficil que seja, e a mestra poderá confiar-lhes o transporte de varios objectos frageis e até mesmo um prato de doces, sem recear que lhes aconteça desastre identico ao do pequeno alumno de Maria Montessori.

* * *

Palavra de animo custa infinitamente pouco e tem infinito valor (prov. chinez).

Bem poucas mães encaram os defeitos dos filhos com a serena indulgencia de Maria Montessori, até, pelo contrario, têm o pessimo habito de exagerar-lhes as imperfeições, chegando ao extremo de negar-lhes as qualidades que possuem.

A semelhança do velho pastor escocoz de um romance de Walter Scott, que designava as ovelhas pelo nome do defeito que as caracterizava (Pé torto... Orelha rachada... Pello falhado... Teimosa...), certas mães ignorantes, referindo-se aos filhos, dizem que um é violento ou arrogante, outro, mentiroso ou vadio, outro ainda, vadio ou desageitado, e, o que é peor, applicam-lhes appellidos humilhantes, adequados a taes defeitos, annullando inconscientemente toda e qualquer tentativa de emenda da parte dos filhos.

Recordemos pequeninos factos que se passam diariamente na mór parte dos lares:

"Involuntariamente uma creança quebra um objecto, ou machuca o irmãozinho, ou incorre numa falta qualquer, immediatamente chovem as censuras; e, fatalmente, com o exagero natural a quem ralha, a mãe desce, sem querer, ás injurias: E's um desastrado... um bruto... um estúpido... um mentiroso (o epitheto varia conforme a falta); que a creança ruim! só tem defeitos!... A creança consciente da injustiça clamorosa de que é victima, nem ousa defender-se, porque qualquer attitude de revolta seria taxada de rebeldia e severamente castigada. No emtanto, esta mãe que proclama altamente todos os defeitos do filho, acha naturalissimo que o mesmo seja meigo, docil, leal, serviçal, agradecido; não terá uma palavra meiga para elogiar-lhe as boas qualidades, não levará em conta as boas acções por elle praticadas, nem sequer perceber-lhe-á as tentativas de emenda e não terá uma palavra de estímulo para insuflar-lhe novo vigor, novo impulso para o bem e contribuir assim ao seu aperfeiçoamento. Adivinha-se facilmente o resultado de semelhante methodo, a creança falsamente convencida da inanidade dos esforços feitos para corrigir-se, diz para consigo: "De que serve emendar-me?... e insensivelmente faz jús a todos os defeitos que lhe attribuem.

Que differença quando a mãe, intelligente e esclarecida, sabe e comprehende que nos actos tão diversos da vida infantil, desde o pequenino que procura em vão abotoar sósinho botinas, até o rapazola que prepara o exame final, ou a menina que procura desvendar os segredos da costura ou mesmo o estudante que se entrega a estudos difficeis e complicados, é preciso descobrir e estimular o esforço tentado e reprimir sem severidade exagerada a falta commettida. "A arte de modificar um individuo, escreve Guyau, consiste

em persuadir-lhe que elle é capaz de praticar o bem e evitar o mal, si tal fôr a sua vontade, e immediatamente elle terá esta força. Não se dará o mesmo com as crianças? Muitas vezes, basta attribuir-lhes uma qualidade para que procurem justificar a boa opinião que se formou a este respeito. "Aos oito annos, eu era um pouco mentiroso, conta o escriptor que se occulta sob o pseudonymo de Sonia, no emtanto cheguei a ter horror á mentira. Communicou-me esta aversão, uma phrase que minha pobre mãe repetia sempre quando me interpellava: "Tu que dizes sempre a verdade..." Essas palavras enchiam de lancinantes remorsos minha alma de creança, e resolvi não mentir mais, afim de merecer a estima de minha mãe.

Não menos característica é a anecdota seguinte: Um mestre, conta M. Morlet, tinha um alumno pessimo, que merecia constantemente nota má. Um dia, o mestre enganou-se e deu-lhe soffrivel. Espanto do alumno, que fez notar o equivoco ao professor. Este não quiz modificar a nota e respondeu ao alumno:

— Deí-te soffrivel porque achei o teu trabalho um pouco melhor que os precedentes e quiz assim incitar-te a estudar mais. O alumno voltou pensativo para o banco.

No dia seguinte apresentou um trabalho que mereceu soffrivel, sem favor algum, e não tardou a emendar-se completamente. A confiança gera a virtude.

Palavra de animo custa infinitamente pouco e tem infinito valor!...

* * *

Um dia, Socrates passeava com os amigos e encontrou um homem mau que começou a

censurar-lhe varios defeitos que ninguem ainda notara. Socrates, ouvia-o pacientemente, fazendo calar os protestos indignados dos discipulos. Afinal, ergueu a cabeça e respondeu: — E' verdade, já tive todos esses defeitos, porém, emendei-me.

* * *

Alma japoneza.

Vão seguir os exercitos para o campo de batalha. Os sacerdotes budhistas celebram imponente cerimonia, finda a qual o sacerdote applica sobre a cabeça de cada soldado uma lamina de navalha, gesto que symbolisa o renunciamiento voluntario ás vaidades da vida. E cada soldado grava na mente e no coração o dialogo seguinte:

— Quem é teu chefe?

— O imperador?

— Que entendes por espirito militar?

— A obediencia e o sacrificio.

— Que entendes por grande valentia?

— Não considerar o numero de inimigos e marchar para a frente.

— E pequena valentia?

— Deixar-me arrastar pelo odio e praticar crueldades aviltantes.

— De onde vem a nodoa vermelha que ensanguenta a tua bandeira?

— E' o sangue do heroe que morreu em combate, defendendo-a.

— Que pensas ao fitar essa nodoa de sangue?

— Penso na ventura do guerreiro que morreu pela Patria.

— E se succumbires no campo de honra, qual será a tua recompensa?

— A gloria.

AT.

III. — LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

O CONHECIMENTO DE SI MESMO

Uma das necessidades maiores, si não é a mais premente de todas, no desenvolvimento e actividade da vida, é o conhecimento de si mesmo. Assim como o motorista precisa conhecer a machina que dirige e de que se vale, o homem necessita de conhecer a sua machina moral, conhecer-lhe a capacidade e as falhas, saber o que lhe póde pedir com efficacia e proveito e ter sciencia dos seus pontos fracos, dos defeitos organicos ou accidentaes, não sómente para corrigil-os quanto possivel, como para evitar surpresas no funcionamento e nos effeitos e não attribuir, com desvantagem propria ou damno alheio, a causas exteriores o

não a melhoramos ou não lhe damos o preciso desconto das irregularidades, nos leva a repetidos desvios e trancos que attribuímos, não raro com injusta amargura e azedume, a culpa de outrem, pessoas, acasos ou máos fados. Conhecer a sua "machina", para atenuar escapadas e choques, modificar condições aperfeiçoaveis, guiar a vida com segurança, proveito e justiça, eis o grande problema humano. Conhecer-se a si mesmo é o dever de todo o homem digno de ser homem, não sómente para saber o que vale, mas o que precisa e deve melhorar. E' isto não sómente uma exigencia da actividade pratica da vida, mas ainda um dever moral da justiça, por isso que miudadamente, por esse desconhecimento,

Não. A civilização não destróe a natureza. E' o homem quem a destróe com a sua propria ignorancia.

E' o homem quem atira com os filhos para o campo da civiização, sem os aprestos, sem as armaduras, sem as defesas, como o general que mandando marchar sem armar o seu exercito pretendesse ganhar a batalha ao inimigo.

Descurar da educação de cada criança é pôr a descoberto a futura individualidade de cada homem contra todos os males e todos os perigos.

DR. JOÃO LUIZ PIMENTA.
(Annaes do 1º Congresso da Criança).

que foi resultado de uma construcção fraca ou viciosa, ou ainda da incuria na consecução de cousas corrigiveis. Ha uma serie de insuccessos moraes e praticos na vida pelo desconhecimento da machina que nos coube em sorte a cada um e, muito mais ainda, pela indifferença com que, tendo advertencia das suas falhas, e falhas modificaveis facilmente por um pequeno esforço do individuo, não cogitamos nunca de melhora-la, antes repudiamos a solicitude dos que nos são proximos em chamar a attenção para o defeito e a facil melhora e fazermos praça, não raras vezes, da irregularidade que temos como um traço e relevo da construcção individual.

Tal como o automovel que desgoverna e se desvia bruscamente, com incommodo daquelles a quem conduz, e, mais de uma feita, com prejuizo maior de pessoas e cousas que lhe estão dentro ou em derredor, desvios causados por molas gastas ou mal justas, mas que a inconsciencia do motorista inculca a defeitos da via publica ou a precalços da propria viação, a nossa machina moral, si não a conhecermos,

fazemos victimas a terceiros do nosso egoismo, do nosso descriterio, dos nossos impulsos errados, de actos, de queixas, de rancores, de malevolencias, de leviandades que são exclusivamente falhas da nossa propria machina.

O conhecimento de si mesmo, a correcção das proprias falhas, o aperfeiçoamento moral necessario á cousa que deve começar na infancia, aos primeiros albores do discernimento, porque os desvios moraes, como os da construcção physica e dos aparelhos materiaes, custam dobradamente a endireitar depois de certo tempo, quando isso se consegue. E' a ankylose dos ossos, é o gosto ou a torsão irremediavel do metal.

Esse avivar da consciencia para a perfeição é, antes de tudo, uma função do lar bem organizado; no momento actual, porém, em que a familia vae-se reduzindo á simples função politica da repopulação, cabe ao Estado esse encargo, pelas suas escolas. Ao professorado primario incumbe essa alta e necessaria ao individuo, á sociedade e á nação.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

QUARTO ANNO

Imperio de Carlos Magno

Feudalismo

Antes de estudarmos o Imperio de Carlos Magno, devemos fazer uma viagem na historia da França, até ás vespas de subir ao throno Carlos Magno.

Os Francos se tinham estabelecido entre os rios Escalda e Somme.

Clovis foi quem firmou definitivamente o reino dos Francos, estabelecendo como capital a cidade de Soissons. Casando-se com uma princeza christã, converteu-se Clovis ao christianismo, e batendo os *Allamães* e vencendo os *Burguinhões* levou seu poder ás margens do Loire. Derrotou os Wisigodos, que haviam atravessado os Pyreneos e fundado poder na Gallia; fez matar os chefes das tribus francas e, ao morrer, tinha Paris como capital de seu Reino.

Dividido o reino pelos descendentes de Clovis, o rei Clotario I conseguiu estabelecer a união, dissolvida, entretanto, pelos filhos deste rei em *Austrasia*, *Neustria*, *Borgonha* e *Aquitania*.

Guerras civis, luctas, rivalidades entre *Neustria*, (influencia romana) e *Austrasia* (influencia germanica).

Clotario II consegue restabelecer a união. Sob o throno o filho d'elle — Dagoberto — que, vencendo os Bavaros, os *Allamães* e os *Thuringios* (povos da Germania), passou a tel-os como vassallos.

Morto Dagoberto, a *Austrasia*, separando-se, dominou o Reino, elevando ao throno Pepino d'Heristal. O filho d'elle, Carlos Martelo, tendo dominado os povos que se haviam sublevado contra sua autoridade, salvou a Gallia dos Arabes, batendo-os em Poitiers.

Essa série de reis se chamou — a *Dymnastia* dos Merovingios.

Iniciada por vultos de chefes de alevantada envergadura, começou a decahir. A autoridade real passou a ser disputada pelos funcionarios de palacio, que fomentavam intrigas e luctas.

Entretanto, durante esse tempo se foi constituindo uma sociedade de caracteres particulares. As raças barbaras e de origem romana pela identidade de religião (a christã) se foram fundindo.

As cidades romanas derrocadas pelas luctas e invasões, agonisaram; os burgos rodeados de fossas começaram a se crear, governados pelos Condes, em nome do Rei: organisaram-se as propriedades privadas — as "villae" com a casa do senhor, a capella, os campos de lavoura cultivados pelos servos (especie de escravos vendidos com as terras) e emfim certas propriedades entregues aos rendeiros: moinhos, forjas, etc., que pagaram tributos ao senhor e lhe forneciam mantimentos e armas.

A industria, que tanto brilho tivera nos tempos romanos, desapareceu quasi completamente: ficavam pequenos *ateliers* abrigados nos conventos para confeccionar joias e alfaias muito procuradas pela preocupação do tempo de exhibir largo luxo em vestuario.

Durante esse tempo a Igreja se implantou em todo o territorio da Gallia antiga, por que no meio da rebellião, da desordem, ella era uma, *disciplinada*, e submettida á indiscutivel *hierarchia*.

O clero foi, sem duvida, o intermediario entre os barbaros e os francos, preparando o caminho que a civilização deveria trilhar, e armando-se de um poder enorme, como o da excommunhão, de regalias inviolaveis, com o direito de dar asylo nos templos e nos conventos, iam despindo a sociedade das crupezas barbaras, diffundindo a instrucção, accumulando riquezas com as doações recebidas, creando ordens cujo objectivo era o de umas — propagar a fé, o de outras — cultivar terras (ordem de S. Maur, que transformaria as regiões vizinhas dos Voges em terras cultas).

Carlos Magno

Nos meados do sec. VIII, apoiado pelo assentimento do Papa Zacharias, Pepino, cognominado *o Breve* (o pequeno), reunindo uma assembléa na cidade de Soissons, depoz o rei Childerico III, proclamando-se Rei dos Francos, terminando assim com a *Dynastia* dos Merovingios.

Pela primeira vez se celebrou a *sagração* de um rei: Bonifacio, arcebispo de Moguncia, sagrou Pepino, unguindo-o com os santos oleos, tal como se fazia nos antiquissimos tempos do Reino d'Israel. A autoridade real passou a ser, então, definitivamente hereditaria, e o soberano, além do summo

poder militar, passava a ter uma autoridade mais larga pelo sacramento que recebia.

Pepino, o Bréve, preparou com solidas bases o reinado de seu filho, que seria o famoso Carlos Magno, constituindo a Gallia inteira como um unico e obediente reino, e estabelecendo com as doações ao Papa uma intima cadeia entre o seu poder e o do Summo Pontifice Romano.

Carlos Magno subiu ao throno em 768, e lançando-se numa serie de guerras firmou decididamente o prestigio militar do seu povo, batendo os Arabes nos Pyrneos, os Lombardos na Italia, os Bavaros e os Saxões ao norte do Rheno, infatigavel, resolutivo, d'uma energia indomavel, a correr do Elba aos Pyrneos e d'ahi ao Elba, avançando pelas margens do Danubio e pelas encostas frias dos Alpes.

Entretanto, Carlos Magno não foi só um formidavel chefe militar: sentia-se elle muito preso ás idéas romanas, e d'ahi a sua primordial preocupação em organizar um Imperio que viesse a gozar da opulencia do antigo Imperio Romano, desenvolvendo por toda parte uma acção regulada pelos principios que outr'ora Roma decretava para o Unívsero.

Proclamou-se "Imperador" e se ungiu com a Lei de Majestade, qual os Cesares Romanos.

Seus funcionarios eram cognominados com titulos romanos — o chanceller, os camareiros, o condestavel e os capellães.

Dividiu o seu imperio em provincias governadas por altos dignitarios fiscalizados pelos "missi dominici" que percorriam as vastas terras imperiaes, attendendo ás reclamações, fazendo cumprir as leis, regulando a justiça.

Organisou as "Capitularias" — leis politicas, penaes, civis e até de ordem religiosa. Não havia o systema de impostos: o Imperador recebia os *tributos de guerra* dos povos vencidos, as *offerias* dos homens livres e as rendas que auferia de suas terras particulares.

Esse systema de finanças igualmente mereceu toda attenção do grande soberano, que tambem, terminando com a irregularidade por que se reuniam as hordas guerreiras, instituiu um processo especial de organização militar, estabelecendo a obrigação dos grandes proprietarios de equipar soldados, cuidando de regular a propriedade de montarem a cavallo e virem armados, e a dos pequenos proprietarios de se apresentarem com os homens livres preparados á lucta, quando publicada a proclamação da guerra.

A justiça passou ás mãos de um corpo de magistrados bem escolhidos, reunidos em assembléas presididas por Condes, sob fiscalisação dos já referidos *missi dominici*, tudo sob a auctoridade directa do soberano.

Facil é de se deduzir que — com tão grande chefe as letras floriram, e esse florescimento se produziu sob a influencia catholica, pois Carlos Magno — que o Papa intitulara Rei de Roma, justamente se tinha como a Columna da Igreja.

O grande soberano fez que se multiplicassem escolas nos mosteiros e nos bispados, onde prégavam homens de alto saber, como o monge Alcuino; Theodulpho — bispo de Orléans; Leidrado — arcebispo de Lião.

Fundou elle a Academia do Palacio, onde os membros se appellidavam com nomes romanos.

Imperio colossal, que vinha da Allemanha á Italia, comprehendendo dezenas de povos, para se conservar unido seria preciso uma successão de Carlos Magno, por um vulto que se lhe approximasse. Infelizmente, morto em 843, o grande Imperador, o vastissimo imperio se desmembrou.

Feudalismo

No seculo X começaram a se manifestar grandes tendencias para a fragmentação das nações que com tanto custo se iam organizando. As nacionalidades se desmembram, os reinos decaem; surgem centenas de pequenos governos: alguns kilometros em quadro, com um, dois ou tres burgos, campos de lavoura, um castello todo amurado com fossos e torreões. E' um *feudo*. Allí, no castello, está o senhor, — Conde ou Duque, que manda discricionariamente no seu povo: nos servos que cultivam as terras e nos homens livres que são por dever soldados.

Esses feudos ás vezes estão ligados a outro a que se subordinam: o senhor deste feudo central é *suzerano* dos senhores dos outros feudos, e assim como em cada feudo os vassallos juram fidelidade a seu chefe, esses pequenos senhores ao suzerano prestam igual juramento, e esses suzeranos, por sua vez, são submettidos ao rei.

Comtudo, á medida que os annos corriam, a autoridade real era mais apagada, tamanha autonomia era a de que gosavam os senhores feudaes.

A vida se passava toda em guerras. Guerras entre os feudos, guerras de grupos de feudos, guerras de insubmissão ao rei.

Dahi a educação ser exclusivamente militar.

Os nobres lançaram os filhos — desde a mais tenra idade — em contacto com as armas. A principio eram os meninos — *pagens*; adolescentes, passavam a escudeiros, para emfim receberem com admiravel solemnidade as espóras de ouro de *cavalleiros*.

Quando um joven recebia tal dignidade, era por que possuia experiencia de armas, traquejo de luctas, fortaleza de corpo pelos continuados exercicios physicos. Os cavalleiros andavam de armaduras de ferro, elmo e viseira, lança, acha d'armas, escudo, e ainda mesmo nos bailes, nos passeios, no intimo de seu lar não desprezavam o punhal, pendente á cinta e a camiseta de malha de ferro forrando o busto.

Os castellos de residencia dos senhores eram formidaveis fortalezas com largas e altissimas muralhas, grossas torres, rodeadas de fossos fundos, sobre que passava por ponte levadiça.

A maior parte dessa sociedade — cavalleiros e damas — era analphabeta. Os padres e monges é que pensavam, escreviam e liam. Chefes de largas celebridades ignoravam as letras de seu nome. Por isso, os sacerdotes tinham respeitoso acolhimento nas terras feudaes: elles é que redigiam os documentos.

Tudo se resolvia á ponta de espada e o costume mais caracteristico desse tempo era o *duello judicial*. Quando duas pessoas contendiam uma questão, cada um sustentando um direito, ou resolviam o problema pondo-se directamente em campo, quando nobres, ou escolhiam seus campeões (que depois de jurarem os direitos por que se batiam) travavam lucta em campo entrincheirado em frente dos seus padrinhoes juizes. O vencedor da lucta era quem estava com o direito: Deus o ajudara e Deus só se pronunciava pelo verdadeiro.

Abaixo dos nobres e do clero estavam os *homens livres*, que faziam tambem a vida de armas por uma obrigação sagrada; e abaixo delles os villãos, que eram os aldeães que cultivavam as terras, pagando taras e tributos aos senhores por quem eram julgados em qualquer caso.

Dizia um monge desse tempo: "Ha tres especies de homens: os que combatem, os que rezam, os que trabalham."

Os primeiros — eram barões e senhorês feudaes e os seus cavalleiros, juntos nas correrias, juntos nas batalhas, ferro em punho, escudo erguido, rosto sob mascara de aço; os segundos — os sacerdotes nos seus grandes conventos edificados em excellentes propriedades; os tenceiros — os pobres villãos.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — Estudando o ponto marcado no programma sobre Carlos Magno, é pre-

ciso não esquecer o professor o dever de seguir calma e sensatamente.

Para prender a attenção dos alumnos sobre a figura do imperador em questão, deve o mestre descrever algo de sua vida particular.

Carlos Magno não foi sómente um grande guerreiro; elle soube organizar os paizes que conquistara e dar-lhes uma administração regular e methodica. Sob sua influencia, depois de seculos de barbaria e de ignorancia, houve um despertar da civilisação.

Até á data actual a actividade de Carlos Magno provoca-nos a admiração incondicional por esse culto eminente. De tal modo se encheram igualmente de admiração os seus contemporaneos, que bem depressa uma aureola de mysterio bordava a vida de Carlos Magno, formando uma lenda em torno de seu nome.

Era simplicissimo no trajar o grande Imperador, era simplicissimo o seu modo de viver. Detestava o luxo das vestimentas e só trajava vestuario dos francos: camisa e calças de panno, tunica bordada com uma grega qualquer em desenho, presa á cintura, trazendo á idéa uma blusa; meias presas por cadarços que se cruzavam e se entrançavam prendendo-as até em cima, a partir do peito do pé. No inverno, uma simples pelle de carneiro o cobria e nas outras estações um manto azul, parecendo uma grande "pelerine" de hoje, cobrindo completamente a espada e o braço esquerdos, suspenso no hombro direito, aberto, deixando ver o braço direito, cahido para atrás até quasi o tornozelo. Trazia sempre uma espada com o copo em ouro ou prata, suspensa a um cinturão igualmente de metal precioso. Nisto consistia seu luxo. Morava em Aix-la-Chapelle.

Seu espirito, sempre atilado, não podia admittir a ociosidade. Suas distracções preferidas eram — a natação e a caça. Inteligente, aprendeu facilmente o latim e o grego, falando o latim com perfeição.

V.

GEOGRAPHIA

Estado do Rio de Janeiro

ORIENTAÇÃO — Antes das apreciações geraes sobre situação, limites, superficie e população do Estado a estudar, o mestre começará a recordar os factos historicos que ao ponto se prendem. Deste modo, ao tratar do Estado do Rio de Janeiro, falará da viagem de Gonçalo Coelho, que nelle esteve em 1502, das visitas de Fernando de Magalhães e outros navegadores á bahia de Guanabara, da inva-

são franceza em 1555, da fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, das tentativas de conquistas de Duclerc e Duguay-Trouin e de seu desmembramento em 1834, para dar formação ao actual Districto Federal, deixando de referir-se aos factos que a esses se seguiram por não cuidar delles o programma da classe a que lecciona.

A' recordação de todas as occurrencias da vida do Estado, seguir-se-á um estudo succinto de seus accidentes geographicos, de suas principaes produções e vias de comunicação, fazendo notar o mestre, que sómente á falta de iniciativa dos fluminenses e do governo que devia contractar technicos para disseminar os conhecimentos necessarios, não progride a agricultura, como era de esperar, dadas as facilidades de comunicação de que dispõe, a densidade da população e os recursos naturaes que possui o Estado.

DESENVOLVIMENTO — A antiga provincia do Rio de Janeiro, denominada no fim do seculo XVI — Capitania Administrativa do Rio de Janeiro, comprehendia as terras das capitancias de S. Vicente, Cabo Frio e S. Thomé, tendo com o correr do tempo, em suas multiplas organizações abrangido, quando — Capitania Geral — uma vasta zona da qual faziam parte terras de Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e a antiga colonia do Sacramento, hoje Estado Oriental do Uruguay.

Mais tarde, conquistada a independencia da Patria, foi, em 1824, ahí jurada a constituição e em 1834, separada de sua área a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, para constituir o Municipio da Côte ou Municipio Neutro, sendo creada pelo *Acto Adicional* a Provincia do Rio de Janeiro, tendo como capital a antiga Villa Real da Praia Grande, hoje Nictheroy.

Com o advento da Republica, em 1889, attingiu finalmente a actual designação de Estado, com as prerogativas que lhe foram conferidas pelo estatuto basico da nossa nacionalidade.

Apezar do Estado de que tratamos não ter os seus limites perfeitamente fixados com Minas Geraes e o Districto Federal, pôde-se avaliar a sua superficie em 50.000 k² habitados por uma população computada em 1.1000.000 habitantes.

Este territorio, na maior parte montanhoso, apresenta duas regiões distinctas: uma, vasta, plana, acompanhando o littoral — Serra *abaixo* ou Baixada, bem irrigada e de terras fertéis, e outra montanhosa — Serra *acima* — gozando de clima mais ameno, mais secco, como provam as cidades de Therezopolis, Friburgo, Bom Jardim e Petropolis, considerada a capital diplomatica do Brasil, situada a 800 metros de altitude, na serra dos Orgãos, ramificação da serra do Mar, que atravessa

todo o Estado, com as denominações locais de Estrella, Orgãos, Friburgo, Tinguá e Paquequer.

Destas serras, para o Sul até o mar e para o Norte até o Parahyba, o solo vai baixando sempre, reerguendo-se, porém, ao Norte, deste rio para formar a serra da Mantiqueira, já em terras de Minas Geraes.

E' esse rio Parahyba, o maior do Estado. Nasce em S. Paulo e atravessa todo o Estado do Rio, de Leste para Oeste, num trajecto de quasi setecentos kilometros, sendo navegavel até S. Fidelis, situada a 87 kilometros da foz. São seus principaes afluentes, pela margem esquerda os rios Pomba e Muriahé, e pela direita os rios Piabanha e Paquequer e Dois Rios. Além desses rios, banham o Estado, enviando aguas para o Atlantico e tendo suas origens na Serra do Mar, os rios Itabapoana, Macacú, Iguassú, Irajá e Guandú, formados de pequenos estuarios no littoral fluminense, que com cerca de 800 kilometros, comprehende os cabos de São Thomé, ponto mais oriental do Estado, Castelhanos, na ilha Grande e as pontas Negra e Itaipú.

As grandes reentrancias da costa formam muitas bahias das quaes se destacam a de Guanabara, talvez a mais bella do mundo, a de Sepetiba e a de Jacuecanga, em cujas margens funciona a Escola Naval. Em frente a Jacuecanga, encontra-se a ilha Grande, onde ha um lazareto e fronteira a de Sepetiba, a de Marambaia.

Notam-se ainda no littoral do Estado outras ilhas de alguma importancia como a Comprida, a dos Porcos, proximo do Cabo Frio, situado á entrada do porto de igual nome, escoadouro das aguas da piscosissima lagoa de Araruama. Outras lagoas tão piscosas quanto essa são ahí encontradas, taes como: a Feia, a Leste do Estado, e as de Manicá e Saquarema, que têm em suas margens as cidades do mesmo nome.

A capital fluminense, Nictheroy, é de todas as cidades do Estado do Rio, a mais importante, está situada á entrada da bahia de Guanabara, em frente á Capital Federal, com a qual está em comunicação frequente por meio das barcas da Companhia Cantareira. E' uma cidade de pouco movimento, de aspecto modesto na parte central, mas que possui elegantes bairros, alguns dos quaes á beira de bellissimas praias, que os tornam muito procuradas pelos lindos panoramas que apresentam.

Nictheroy esteve um pouco abandonada durante o tempo que o Estado teve como capital a cidade de Petropolis, antiga colonia allemã, de esplendido clima, onde grande parte da população do Rio de Janeiro vai passar a estação calmosa. Possui lindas vivendas, bellas avenidas como a 15 de Novembro, atravessada pelo Piabanha, que lhe dá encantador aspecto. E', além de cidade elegante,

muito industrial, pois conta muitas fabricas, salientando-se as de tecidos, principalmente de seda, cujos productos rivalizam em tudo com os tecidos importados do estrangeiro.

Campos é, depois das duas cidades citadas, a mais importante do Estado. Seu movimento commercial é muito grande: o assucar, a aguardente, a goiabada que exporta, firmou a sua nomeada de grande centro agricola e industrial. Acha-se ligada por vias ferreas a Nictheroy e Victoria, no Espirito Santo.

De menos importancia commercial, porém, celebres pelo clima ameno de que gosam, merecem menção especial as cidades de Theresopolis e Nova Friburgo, muito procuradas pela população da Capital Federal, durante a estação quente.

A variedade de aspecto, clima e terreno, de toda a região fluminense, a rede fluvial que o banha e drena, a facilidade de sahida de seus productos pelos portos francos em todas as épocas, a hulha branca de suas potentes e formosas quedas d'agua, os seus 3.000 kilometros de viação ferrea, poderiam collocar o Estado do Rio de Janeiro em lugar de maior destaque, si não fosse a falta de braços que, desde a abolição, a lavoura vai sentindo e que uma forte corrente immigratoria, bem dirigida, poderia supprir.

E' pena que o Governo Federal disso não se tenha occupado com maior affinco, estabelecendo muitos nucleos coloniaes, além dos pequenos já existentes em Mauá e Itatiaya.

O abandono em que tem permanecido a lavoura do Estado do Rio de Janeiro, já o obrigou a passar de primeiro productor que foi, de café, a terceiro, depois de S. Paulo e Minas. Hoje a sua principal produção é o assucar, fabricado principalmente nos municipios de Campos e Macahé, onde a plan-

tação da canna vai obedecendo a muitos preceitos progressistas da moderna agricultura.

Entre os Estados productores de assucar, occupa o Rio de Janeiro, o segundo lugar, concorrendo annualmente com 1.200.000 saccas para a produção total do Brasil, avaliada em 5.000.000 de saccas, no mesmo espaço de tempo. A industria pastoril, que se desenvolve cada vez mais, suplantará em breve a produção de café, que o enfraquecimento das terras vai diminuindo.

Em muitas localidades, as velhas fazendas de café foram convertidas em campos de criação, onde os animaes encontram boas pastagens. O leite, a manteiga e os queijos vindos de Barra Mansa e Rezende, e os segundos de Petropolis e Cantagallo, são cada vez mais bem aceitos na capital brasileira.

Pôde-se ainda citar como productos de grande importancia, o sal, produzido pelas salinas de Cabo Frio e Araruama, e exportado principalmente para o Estado de Minas Geraes; o algodão, o fumo, o milho, o arroz, diversos cereaes e fructas que são enviados para o mercado da Capital Federal.

Dos productos mineraes ahí encontrados e dos quaes se faz uso e emprego são dignos de citação as areias monaziticas, o granito que foi muito empregado nas obras do porto do Rio de Janeiro, a pedra calcarea, a turfa, o ferro e o ouro, nos limites com Minas Geraes.

Considerando-se a diversidade de produção do Estado, a sua proximidade da Capital Federal, a facilidade de comunicação de que dispõe, não se pôde deixar de extranhar que o progresso geral do Estado esteja quasi paralyzado, possuindo elle, como possui, grandes vantagens de que carecem muitos Estados progressistas da União.

LINGUA MATERNA

PRIMEIRO ANNO

Recitação — A Pobreza

A Pobreza vai segura
pelo caminho a andar,
não leva alforge nem bolsa,
ninguém a pode roubar.

A Pobreza morre em paz
e sem fazer testamento
nem parentes nem cunhados
disputam seus rendimentos.

A Pobreza apenas quer
pão, água, amor natural,
e se chega alguém de fora
— mais uma pedra de sal,

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Observação — Antes de fazer as crianças decorarem as quadras deve a professora explicar-lhes o sentido das palavras e expressões. Dê-lhes uma lição de moral. Faça comprehenderem que a pobreza, tão desprezada e amaldiçoada por muitos, não é uma infelicidade e muito menos uma desgraça. Ha uma pobreza digna e respeitada. O pobre deve comprehender que a abundancia, o luxo, as riquezas não fazem ninguem inteiramente feliz. Não se desejar o que se não pode ter é uma ventura. O rico nem sempre dorme tranquillo, receia que lhe roubem a fortuna; nem sempre morre socegado, sem preocupações, porque os seus herdeiros suspiram pelos bens que elle não pode levar com a morte. Mostre como num casa pobre, limpa e ordenada pode haver felicidade. Que deseja o pobre? A saude, indispensavel ao rico e ao pobre, o pão que alimenta, a agua que mata a sede, a paz e união entre os membros da familia.

EXERCICIO I

Substituir os traços pelo plural da palavra collocada entre parenthesis antes de cada phrase:

(meninas) As — obediências são sempre estimadas. (boneca) Marina tem duas —. (filha) As — do nosso visinho são boas e delicadas (rimã) Luiza tem tres —: a mais velha chama-se... a do meio... e a mais moça...

EXERCICIO II

Copiar os nomes seguintes collocando (s) ao lado de cada nome no singular e (p) ao lado de cada nome no plural: jarras, bule, piano, mesas, cadeira, capotes, chapéo, luvas, cofre, carteira, bolsas, lenço, homens, botas, almofadas, sofá, tapete, vidros.

EXERCICIO III

Copiar o exercicio seguinte e pôr no plural: o anel, os...; o carrétel, os...; o papel, os...; o dedal, os...; o animal, os...; o anzol, os...; a estrella, as...; a gaveta, as...

EXERCICIO IV

Copiar o exercicio seguinte e pôr no plural: meu vestido, meus...; teu collar teus...; seu capote, seus...; nosso ouvido, nossos...; vosso trabalho, vossos...

EXERCICIO V

Passar para o plural as phrases seguintes:
A casa é alta. A rua é larga. A letra está bem feita. O vestido de mamãe é preto. Gosto muito de fita azul. Papae usa chapéo de palha. O relogio marca a hora. O passeio por mar é muito agradável. A noite de luar é bem linda.

EXERCICIO VI

Escrever o plural dos nomes seguintes: baile — estrella — dia — dente — professora.
Completar as phrases seguintes com auxilio do plural das palavras acima.
As... brilham no céu. Nos... dansa-se muito. Os... de Marina são claros. Não gosto dos... de chuva. As... ensinam aos alumnos com carinho e dedicação.

EXERCICIO VII

Escrever as phrases seguintes fazendo concordar as palavras contidas em cada parenthesis:
As (flor) adornam os (jardim). As (folha) cáem das (arvore). Os (jardineiro) tratam as (planta) com muito cuidado. Como são bellas aquellas (rosa)! As (violeta) têm um perfume suave e agradável.

EXERCICIO VIII

Escrever duas phrases tendo cada uma dois nomes no singular.
Passar as mesmas para o plural.

SEGUNDO ANNO

VOCABULARIO, GRAMMATICA E ORTHOGRAPHIA

Leitura e recitação — Creança Morta

Como assim? Já vaes tão cedo,
Contrariando a teus paes,
Para esse eterno degredo
De onde não se volta mais?

Que imprudencia! Mal roçaste
Os pésinhos pelo chão,
Arrancaram-te da haste,
Mimosa flor em botão...

Si tua vida perscruto,
Exclamo cheio de dor:
— Pois antes da flor dar fructo
Como é que se apaha a flor?

Não é depois que o sol morre,
Lá nos dominios do céu,
Que a noite de manso, corre,
Por sobre a terra o seu véo?

Como, pois, cortar do galho
Esta florsinha louçã,
Que aos beijos do niveo orvalho,
Devia abrir-se amanhã?!...

Como encher de noite escura
Este esplendido arrebol,
Que, de lá da immensa altura,
Devia em breve ser sol?

Ao ver-te passar, a gente
Numa simples phrase diz:
— Pobre creança innocente!
E eu digo: — Como és feliz!

Tua vida foi tão breve,
Que relampago a supuz,
E esse teu caixão tão leve
Que a leve brisa o conduz.

Depois de chegar á porta,
Quiz te ver: me arrependi:
Para que conhecer morta,
Quem viva não conheci?

— Vae, creancinha! Risonho,
Lá no céu te espera Deus,
Tua vida foi um sonho,
Tua morte, um sonho. Adeus!

BELMIRO BRAGA.

EXPLICAÇÃO DA POESIA

A morte de uma criança inspira sempre muita pena. Por que? Deixa os pobres paes tão inconsolaveis! Faz lembrar um botão ainda não aberto em flor, mas arrancado cruelmente da haste; faz tambem lembrar a flor apanhada quando ainda não deu fructo.

E' por isso que ao passar um enterro de criança, ouve-se com frequencia: "Pobre innocente!" E' um modo de lamentar o desaparecimento de quem partiu sem haver ainda conhecido a vida. Outros dizem: "Como é feliz!" Por que? Porque não chegou a conhecer o lado amargo da vida, sahio innocente do mundo, deixando saudades, muitas saudades...

Como devemos pensar? Não abandonamos o mundo quando queremos, mas podemos abandonar-o como quizermos. Sejamos rectos e bons para que, qualquer que seja a nossa idade, possamos todos lamentar a nossa morte.

Ser bom depende de nós e se reflectirmos um pouco, veremos que muito mais nos custará o mal do que o bem. Em casa, na escola, na sociedade, a vossa preocupação deve ser a perfeição em tudo. A belleza e a intelligencia não são dadas á nossa vontade, mem segundo o nosso esforço. Dar-se-á o mesmo com a pratica do bem, o espirito de justiça e de caridade que todos devemos ter? Não. Isto tudo depende de nós e muito de nós.

Redacção — Contar em phrases curtas a seguinte historietta:

Uma menina prestimosa

A Vovósinha de Margarida ia passar uns dias em Botafogo. A' hora de partir, segurou a maleta e se despediu de todos.

Moravam no Meyer, muito perto da estação. No jardim disse graciosamente a menina: Vovósinha, esta maleta parece que pesa muito. Permitta que a carregue até o trem.

Sorriu a boa senhora e objectou: E's muito pequena..

— Não, Vovósinha, deixe-me carregar um pouco.

— Pois bem, vamos.

Margarida segurou a maleta e acompanhou a Vovósinha.

Passados alguns instantes disse: Não está melhor assim?

— Sim, minha filha, agora carrego menos peso, mas em compensação, vamos um pouco vagorosamente e me arrisco a perder o trem. Dá-me, filhinha, a maleta, e muito obrigada! De outra vez poderás ajudar-me um pouquinho mais.

Margarida abraçou affectuosamente a boa senhora e voltou alegremente para casa.

Prestára um serviço á querida Vovósinha.

Observação — A professora fará as crianças reproduzirem oralmente a historieta, de maneira que possa cada uma imaginar como devia ser o typo da Vovósinha (alta, baixa, clara, morena, cabellos grisalhos ou brancos, andar firme ou incerto) e tambem o da Margarida (tez, côr dos cabellos, idade, etc.).

Aproveite a oportunidade para analysar o sentido moral da historieta, e falar a respeito das crianças relativamente aos avós.

TERCEIRO ANNO

Exercicio de memoria — A coragem

A coragem de matar é a do bruto, a do louco, a do criminoso. A coragem de morrer é a do soldado, mas é tambem a do missionario, a do juiz, a do advogado.

Não sei em que balança as pesariamos, a ver qual dellas reúne mais quilates se a coragem do homem de guerra, a coragem do homem da verdade, ou a coragem do homem da lei. Uns elegerão a do amor da patria, outros a da sciencia ou da santidade, outros, ainda, a da justiça. Todas têm em commum, entre si, uma divina affinidade: a immolação voluntaria do

homem pela sua raça, pela sua fé, ou pelo seu ideal. Eis o que desbrutaliza a guerra, o que legitima o soldado, o que nobilita a espada, mas, ao mesmo tempo, o que eleva a coragem civil á altura da coragem militar, menos rara do que a outra.

RUY BARBOSA.

EXERCICIO I

Escrever tres phrases em que haja substantivos do masculino e tres outras contendo substantivos do feminino.

EXERCICIO II

Passar para o plural os nomes seguintes, formando pequenas phrases: pintor — flor — côr — mez — retroz — noz — matriz — cruz — rapaz — jardim — pires — lapis — alferes.

EXERCICIO III

Escrever no plural os substantivos seguintes:

- 1) mão, chão, grão, irmão, christão, benção, cidadão, corrimão, orgão, orphão.
- 2) pão, cão, allemão, sacristão, tabellião, capellão, capitão.
- 3) barão, ladrão, leão, leitão, pavão, tecelão, glutão, opinião, alçapão, agrião, balcão, coração, porão, serão, lição, mamão, limão.
- 4) anão, ancião, rifão.

EXERCICIO IV

Formar o plural dos seguintes nomes: 1) general, marechal, capital, metal, animal, avental, castiçal, lamaçal, lodaçal, hospital.

2) pharol, anzol, lençol, rouxinol, hespanhol, paul, anel, pincel, papel, cordel, pastel, coronel, tonel, quartel, bacharel.

3) funil, fuzil, barril, buril, quadril, projectil, réptil.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

CLASSE COMPLEMENTAR

EXPRESSÕES FRACÇIONARIAS

I

$$\frac{2}{5} + \frac{11}{15} = \frac{6}{15} + \frac{11}{15} = \frac{17}{15}$$

$$1\frac{5}{6} - \frac{3}{14} = \frac{11}{6} - \frac{3}{14} = \frac{77}{42} - \frac{9}{42} = \frac{68}{42}$$

$$= \frac{17 \times 42}{15 \times 68} = \frac{1 \times 14}{5 \times 4} = \frac{7}{10}$$

II

$$\frac{5 + \frac{5}{9 - \frac{2}{3}}}{5 + \frac{5}{25}} = \frac{7}{5 + \frac{5}{25}} = \frac{7}{5 + \frac{1}{5}} = \frac{7}{\frac{26}{5}} = \frac{7 \times 5}{26} = \frac{35}{26}$$

III

$$\left(\frac{13\frac{1}{4}}{11} + \frac{3}{7\frac{1}{3}} - \frac{5}{18} \div \frac{2}{9} \right) \times 2\frac{1}{5} =$$

$$= \left(\frac{53}{44} + \frac{3}{22} - \frac{5 \times 9}{18 \times 2} \right) \times \frac{11}{5} =$$

$$= \left(\frac{53}{44} + \frac{9}{22} - \frac{5}{4} \right) \times \frac{11}{5} = \left(\frac{53}{44} + \frac{18}{44} - \frac{55}{44} \right) \times \frac{11}{5} =$$

$$= \left(\frac{71 - 55}{44} \right) \times \frac{11}{5} = \frac{16 \times 11}{44 \times 5} = \frac{4}{5}$$

IV

$$\frac{3\frac{2}{7} - \frac{5}{6} \times \frac{8}{15}}{2\frac{8}{15} + \frac{4}{5} + 3\frac{2}{9} + 5} = \frac{\frac{23}{7} - \frac{4}{9}}{\frac{38}{15} + \frac{4}{5} + \frac{29}{9}} =$$

$$= \frac{\frac{207}{63} - \frac{28}{63}}{\frac{114}{45} + \frac{36}{45} + \frac{29}{45}} = \frac{\frac{179}{63}}{\frac{179}{45}} = \frac{179 \times 45}{63 \times 179} = \frac{5}{7}$$

V

$$\left(11\frac{6}{9} + 2\frac{1}{3} \times \frac{8}{5} - \frac{3\frac{4}{7}}{5\frac{5}{14}} \right) \div 1\frac{77}{396} =$$

$$= \left(\frac{35}{3} + \frac{7}{3} \times \frac{8}{5} - \frac{25}{75} \right) \div 1\frac{7}{36} =$$

$$= \left(\frac{35}{3} + \frac{7 \times 40}{3 \times 28} - \frac{25 \times 14}{7 \times 75} \right) \div \frac{43}{36} =$$

$$= \left(\frac{35}{3} + \frac{10}{3} - \frac{2}{3} \right) \div \frac{43}{36} = \frac{43}{3} \times \frac{36}{43} = 12.$$

VI

$$\frac{8}{9 + \frac{2}{4 - \frac{2}{7}}} \times \frac{4554}{3267} \div \left(2\frac{4}{11} - \frac{26}{33} \right) =$$

$$= \frac{8}{9 + \frac{26}{7}} \times \frac{46}{33} \div \left(\frac{26}{11} - \frac{26}{33} \right) =$$

$$= \frac{8}{9 + \frac{26}{7}} \times \frac{46}{33} \div \left(\frac{78}{33} - \frac{26}{33} \right) =$$

$$= \frac{8}{9 + \frac{26}{7}} \times \frac{46}{33} \div \frac{52}{33} = \frac{8}{\frac{21}{9} + \frac{13}{9}} \times \frac{46}{33} \div \frac{52}{33} =$$

$$= \frac{104 \times 23}{138 \times 26} = \frac{4 \times 1}{6 \times 1} = \frac{2}{3}$$

VII

$$\frac{4 - \frac{2}{5}}{4 + \frac{2}{7}} \times \frac{5 - \frac{2}{3}}{5 + \frac{1}{6}} = \frac{\frac{18}{5} - \frac{13}{3}}{\frac{30}{7} + \frac{32}{6}} =$$

$$\frac{2 - \frac{3}{8}}{2 + \frac{7}{9}} \times \frac{1 - \frac{1}{8}}{3 - \frac{3}{4}} = \frac{\frac{13}{8} - \frac{7}{8}}{\frac{25}{9} + \frac{9}{4}} =$$

$$\begin{array}{r} 18 \times 13 \\ \hline 5 \times 3 \\ \hline 30 \times 32 \\ \hline 7 \times 6 \\ \hline 13 \times 7 \\ \hline 8 \times 8 \\ \hline 25 \times 9 \\ \hline 9 \times 4 \end{array} \quad \begin{array}{r} 6 \times 13 \\ \hline 5 \\ \hline 5 \times 32 \\ \hline 7 \\ \hline 13 \times 7 \\ \hline 8 \times 8 \\ \hline 25 \\ \hline 4 \end{array} \quad \begin{array}{r} 6 \times 13 \times 7 \\ \hline 5 \times 5 \times 32 \\ \hline 13 \times 7 \times 4 \\ \hline 8 \times 8 \times 25 \\ \hline 13 \times 7 \times 2 \times 8 \times 25 \\ \hline 5 \times 5 \times 16 \times 13 \times 7 \\ \hline 3 \end{array}$$

VIII

$$\begin{array}{r} 5,55... + 1,88... - 0,5122... \\ \hline 0,88... - (0,04545... + 0,47272...) \\ \hline 5 \frac{5}{9} + 1 \frac{8}{9} - \frac{512-51}{900} = 7 \frac{4}{9} - \frac{461}{900} \\ \hline \frac{8}{9} - \left(\frac{45}{990} + \frac{472-4}{990} \right) = \frac{8}{9} - \frac{513}{990} \\ \hline \frac{67}{9} - \frac{461}{900} = \frac{6700}{900} - \frac{461}{900} = \frac{6239}{900} \times \frac{990}{990} \\ \hline \frac{880}{990} - \frac{513}{990} = \frac{367}{990} = \frac{6239 \times 990}{900 \times 367} \\ \hline \frac{17 \times 11}{10 \times 1} = \frac{187}{10} = 18,7 \end{array}$$

IX

$$\begin{array}{r} \left(\frac{0,016 \div 0,0005}{38,9 - 38,74} + \frac{0,48 \div 0,075}{0,002 \div 0,25} \right) 1,5 = \\ \hline \left(\frac{32}{0,16} + \frac{6,4}{0,008} \right) 1,5 = (200 + 800) 1,5 = \\ \hline = 1000 \times 1,5 = 1500 \end{array}$$

X

$$\begin{array}{r} \left(\frac{5,77... - 1,955...}{6,88... - 3,55...} \times \frac{1}{85} \right) + \frac{4,3 \times 0,10101...}{2,5757...} = \\ \hline \left(\frac{5 \frac{7}{9} - 1 \frac{95-9}{90}}{\frac{8}{6} - \frac{3}{9}} \times \frac{1}{85} \right) + \frac{4,3 \times \frac{101-1}{990}}{\frac{57}{2} - \frac{99}{99}} = \\ \hline = \left(\frac{\frac{52}{9} - 1 \frac{86}{90}}{\frac{62}{9} - \frac{32}{9}} \times \frac{1}{85} \right) + \frac{4,3 \times \frac{100}{990}}{\frac{255}{99}} = \\ \hline = \left(\frac{\frac{520}{90} - \frac{176}{90}}{\frac{30}{9} - \frac{32}{9}} \times \frac{1}{85} \right) + \frac{\frac{43}{99}}{\frac{85}{33}} = \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \left(\frac{344}{90} \times \frac{1}{85} \right) + \frac{43 \times 33}{99 \times 85} = \frac{344 \times 9 \times 1 \times 99 \times 85}{90 \times 30 \times 85 \times 43 \times 33} = \\ \hline = \frac{8 \times 1 \times 3 \times 1}{10 \times 30 \times 1 \times 1 \times 1} = \frac{8 \times 1}{10 \times 10} = \frac{8}{100} = 0,08 \end{array}$$

PROBLEMAS

I) Quantas resmas de papel de 8\$500, de 12\$000 e de 14\$500 a resma poderemos comprar com 245\$000, querendo igual numero de resmas de cada preço?

SOLUÇÃO ARITHMETICA

$$\begin{array}{r} 8\$500 + 12\$000 + 14\$500 = 35\$000 \\ \hline 245\$000 \div 35\$000 = 7 \end{array}$$

Raciocinio — Si comprassemos uma resma de cada preço, teriamos que pagar a somma dos diferentes preços, isto é,

$$8\$500 + 12\$000 + 14\$500 = 35\$000$$

E, quantas vezes a somma dos tres preços se conti-
ver na quantia de que dispomos, tantas serão as res-
mas que poderemos comprar; ou:

$$245\$000 \div 35\$000 = 7$$

Resposta — Compraremos 7 resmas de cada preço.

SOLUÇÃO ALGEBRICA

N.º de resmas de cada preço = x .

Comprando, pois, x resmas de 8\$500, temos que pagar x vezes 8\$500 ou 8500 x ; x resmas de 12\$000 vêm a ser x vezes 12\$000 ou 12000 x e x resmas de 14\$500 serão 14500 x .

Pelo enunciado do problema se comprehende que a somma destas quantias equivale á quantia destinada á compra do papel ou 245\$000.

Estabeleçamos a equação:

$$8500 x + 12000 x + 14500 x = 245000$$

Effectuemos a somma indicada no 1.º membro:

$$35000 x = 245000$$

Donde:

$$x = \frac{245000}{35000} = 7.$$

II) São dous tapetes da mesma largura e da mesma qualidade; porém um tem no comprimento 0,18 mais do que o outro; os preços marcados são 40\$000 e 35\$500. Pergunta-se qual o comprimento de cada ta-
pete.

SOLUÇÃO ARITHMETICA

$$\begin{array}{r} 40\$000 - 35\$500 = 4\$500 \\ \hline 4\$500 \div 18 = \$250 \\ \hline 40\$000 \div \$250 = 160\text{cm ou } 1\text{m},60 \\ \hline 35\$500 \div \$250 = 142\text{cm ou } 1\text{m},42 \end{array}$$

SOLUÇÃO RACIOCINADA

Este problema é uma regra de tres simples, inversa, porque quanto maior for o n.º de homens menor será o n.º de dias.

Antes, porém, de resolver a regra de tres, cumpre calcular o total dos homens

$$1440 \text{ h} + 576 \text{ h} = 2016 \text{ homens}$$

e considerar que, ao receber o reforço, a guarnição já não tinha viveres senão para

$$205 \text{ d} - 37 \text{ d} = 168 \text{ dias.}$$

Disponham-se agora os dados e resolva-se pelo methodo de redução á unidade ou pelas proporções.

Methodo de redução á unidade

$$\begin{array}{r} 1440 \text{ h} \dots\dots\dots 168 \text{ d} \\ 2016 \text{ h} \dots\dots\dots x \end{array}$$

Si para 1440 h os viveres durarão 168 d para 1 h os viveres durarão 1440 vezes mais, ou: 168 d \times 1440 e para 2016 h os viveres durarão 2016 vezes menos, ou: 168 d \times 1440

$$2016$$

$$\text{Logo } x = \frac{168 \text{ d} \times 1440}{2016} = \frac{1 \text{ d} \times 1440}{12} = 120 \text{ dias.}$$

PROPORÇÃO

$$2016 \text{ h} : 1440 \text{ h} :: 168 \text{ d} : x \text{ d}$$

Donde:

$$x = \frac{168 \times 1440}{2016} = 120 \text{ dias.}$$

Resposta — a guarnição terá viveres para 120 dias.

IV) Repartir 851\$400 entre tres pessoas de maneira que $\frac{2}{5}$ da parte da primeira valham $\frac{3}{4}$ da parte da segunda e $\frac{2}{3}$ da parte da segunda valham $\frac{5}{8}$ da parte da terceira.

SOLUÇÃO

$$\begin{array}{r} \frac{2}{5} \text{ da } 1.ª = \frac{3}{4} \text{ da } 2.ª \\ \hline \frac{1}{5} \text{ da } 1.ª = \frac{3}{4 \times 2} \text{ ou } \frac{3}{8} \text{ da } 2.ª \\ \hline 1.ª \text{ ou } \frac{5}{5} = \frac{3 \times 5}{8} \text{ ou } \frac{15}{8} \text{ da } 2.ª \\ \hline \frac{2}{3} \text{ da } 2.ª = \frac{5}{8} \text{ da } 3.ª \\ \hline \frac{1}{3} \text{ da } 2.ª = \frac{5}{8 \times 2} \text{ ou } \frac{5}{16} \text{ da } 3.ª \\ \hline 2.ª \text{ ou } \frac{3}{3} = \frac{5 \times 3}{16} \text{ ou } \frac{15}{16} \text{ da } 3.ª \end{array}$$

Quanto á parte da 3.ª pessoa, podemos represental-a pela unidade ou por x .

Raciocinio — A diferença entre os preços marcados é devida á desigualdade que ha nos comprimentos. Seja determinada a diferença:

$$40\$000 - 35\$500 = 4\$500$$

Como esta diferença (4\$500) corresponde ao excesso de comprimento (18cm), dividindo-a em dezoito partés eguaes, ficará determinado o preço de 1 centimetro; ou:

$$4\$500 \div 18 = \$250$$

Conhecido o preço de 1 centimetro, é procurar quantas vezes este se contem no preço do tapete, afim de se determinar o respectivo comprimento; ou:

$$40\$000 \div \$250 = 160 \text{ centimetros.}$$

$$35\$500 \div \$250 = 142 \text{ centimetros.}$$

Com effeito, a diferença entre os comprimentos achados é de 18 centimetros, ou:

$$1\text{m},60 - 1\text{m},42 = 0\text{m},18$$

Resposta — Os comprimentos são 1m,60 e 1m,42.

SOLUÇÃO ALGEBRICA

Representando por x o comprimento menor, $x + 0,18$ será o comprimento maior; e, como os preços marcados são proporcionaes aos comprimentos, tem-se a equação:

$$\frac{x + 0,18}{x} = \frac{40000}{35500}$$

Reduzindo-se a fracção á expressão mais simples, vem:

$$\frac{x + 0,18}{x} = \frac{80}{71}$$

Eliminem-se os denominadores:

$$71 x + 12,78 = 80 x$$

Passe-se para o 1.º membro o termo que contem x e para o 2.º membro o termo que não contem x :

$$71 x - 80 x = - 12,78$$

Troquem-se os signaes de todos os termos:

$$80 x - 71 x = 12,78$$

Effectue-se a subtracção indicada no 1.º membro:

$$9 x = 12,78$$

Donde:

$$x = \frac{12,78}{9} = 1,42$$

$$e x + 0,18 = 1,42 + 0,18 = 1,60.$$

III) Uma guarnição de 1440 homens tinha viveres para 205 dias; porém, ao cabo de 37 dias, recebeu um reforço de 576 homens. A guarnição, assim augmentada, terá viveres para quantos dias?

$$3.a = 1$$

$$2.a = \frac{15}{16}$$

$$1.a = \frac{15}{8} \text{ de } \frac{15}{16} = \frac{225}{128}$$

A somma das tres partes vem a ser :

$$\frac{225}{128} + \frac{15}{16} + 1 = \frac{225}{128} + \frac{120}{128} + \frac{128}{128} = \frac{473}{128}$$

Esta somma deve corresponder á quantia a repartir, isto é,

$$\frac{473}{128} \dots 851\$400$$

Reduzindo o numerador a 1 ou, melhor, considerando uma unidade fraccionaria, teremos :

$$\frac{1}{128} \dots \frac{851\$400}{473} = 1\$800$$

Logo :

$$1.a \text{ ou } \frac{225}{128} \dots 1\$800 \times \frac{225}{128} = 405\$000$$

$$2.a \text{ ou } \frac{120}{128} \dots 1\$800 \times \frac{120}{128} = 216\$000$$

$$3.a \text{ ou } \frac{128}{128} \dots 1\$800 \times 128 = 230\$400$$

Verificação

$$405 + 216 + 230\$400 = 851\$400$$

$$\frac{2}{5} \text{ de } 405\$ = \frac{3}{4} \text{ de } 216\$$$

$$162\$ = 162\$$$

$$\frac{2}{3} \text{ de } 216\$ = \frac{5}{8} \text{ de } 230\$400$$

$$144\$ = 144\$$$

Designando a parte da 3.a pessoa por x, estabelecemos a seguinte equação :

$$x + \frac{15x}{16} + \frac{225x}{128} = 851\$400$$

Eliminando os denominadores :

$$128x + 120x + 225x = 108:979\$200$$

Effectuando a somma indicada no 1.º membro :

$$473x = 108:979\$200$$

Donde :

$$3.a \text{ ou } x = \frac{108:979\$200}{473} = 230\$400$$

$$2.a \text{ ou } \frac{15x}{16} = \frac{230\$400 \times 15}{16} = 216\$000$$

$$1.a \text{ ou } \frac{225x}{128} = \frac{230\$400 \times 225}{128} = 405\$000$$

V) Numa fabrica de moveis estão os operarios divididos em duas turmas; a habilidade dos operarios da 1.a turma está para a habilidade dos da 2.a na razão de 7 para 5; a dificuldade do trabalho executado pela 1.a turma está para a dificuldade do da 2.a como 4 está para 3. Quinze operarios da 1.a turma, no espaço de 5 dias, trabalhando 8 horas por dia, fizeram 140 estantes; quantas estantes farão 11 operarios da 2.a turma, no espaço de 8 dias, trabalhando 9 horas por dia?

SOLUÇÃO

Disponham-se numa linha os dados referentes á 1.a turma e noutra linha os dados referentes á 2.a turma, de modo que os termos da mesma especie se correspondam :

Op.	Hab.	Diff.	Dias	Horas	Estantes
15	7	4	5	8	140
11	5	3	8	9	x

Applicando a regra da determinação do valor da incognita: «A incognita é igual ao termo relativo multiplicado pelas razões dos termos principaes dispostos de modo contrario, quando forem directamente proporcionaes aos termos relativos, e do mesmo modo quando forem inversamente proporcionaes aos termos relativos».

Assim, no problema em questão, o numero de estantes é proporcional ao numero de operarios, habilidade, dias e horas; porém é inversamente proporcional á dificuldade do trabalho. Donde:

$$x = 140 \times \frac{\text{est. } 11}{15} \times \frac{5}{7} \times \frac{4}{3} \times \frac{8}{5} \times \frac{9}{8} =$$

$$= \frac{\text{est. } 20 \times 11 \times 1 \times 4 \times 1 \times 3}{15 \times 1 \times 1 \times 1 \times 1} = \frac{\text{est. } 4 \times 11 \times 4}{1} =$$

$$= 176 \text{ estantes.}$$

VI) Uma pessoa emprega $\frac{3}{4}$ da sua fortuna na compra de uma casa e $\frac{2}{5}$ do resto na compra de um terreno. Da parte restante faz tres donativos, que estão entre si como os numeros 3, 5 e 7, e, collocados respectivamente ás taxas de 5 %, 4 % e 3 1/2 %, rendem annualmente 3:435\$. Calcular: 1.º a fortuna desta pessoa; 2.º o preço da casa; 3.º o preço do terreno; 4.º o valor de cada donativo.

SOLUÇÃO

A somma dos donativos representa um capital collocado a uma taxa equivalente á somma das diversas taxas; assim :

$$5 \% + 4 \% + 3,5 \% = 12,5$$

Determinação do valor deste capital:

$$\frac{12\$500 \dots 100\$}{3:435\$ \dots C}$$

Donde :

$$C = \frac{100\$ \times 3435}{12,5} = \frac{343:500\$}{12,5} = 27:480\$$$

Representando os tres donativos por x, y e z, resultam as seguintes razões :

$$\frac{x}{3} = \frac{y}{5} = \frac{z}{7}$$

Applicando o principio: «Em uma serie de razões eguaes, a somma dos antecedentes e a somma dos consequentes formam uma nova razão igual a qualquer das outras», obtem-se o valor dos diversos donativos. Assim:

$$\frac{x + y + z}{3 + 5 + 7} \text{ ou } \frac{27:480\$}{15} = \frac{x}{3} = \frac{y}{5} = \frac{z}{7}$$

Da proporção 27:480\$: 15 :: x : 3 tira-se :

$$x = \frac{27:480\$ \times 3}{15} = \frac{27:480\$}{5} = 5:496\$$$

Da proporção 27:480\$: 15 :: y : 5 tira-se :

$$y = \frac{27:480\$ \times 5}{15} = \frac{27:480\$}{3} = 9:160\$$$

Da proporção 27:480\$: 15 :: z : 7 tira-se :

$$z = \frac{27:480\$ \times 7}{15} = 1:832\$ \times 7 = 12:824\$$$

Vejamos agora que fracção da fortuna representa a somma dos donativos.

$$\text{Casa} = \frac{3}{4} \text{ da fortuna}$$

$$\text{Terreno} = \frac{2}{5} \text{ de } \frac{1}{4} = \frac{1}{10} \text{ da fortuna}$$

$$\text{Casa e Terreno} = \frac{3}{4} + \frac{1}{10} = \frac{15}{20} + \frac{2}{20} = \frac{17}{20}$$

$$\text{Somma dos donativos} = 1 - \frac{17}{20} = \frac{3}{20} \text{ da fortuna.}$$

Determinação do valor da fortuna, que pode ser designada pela unidade :

$$\frac{3}{20} \dots 27:480\$$$

$$\frac{1}{20} \dots \frac{27:480\$}{3}$$

$$1 \text{ ou } \frac{20}{20} \dots \frac{27:480\$ \times 20}{3} = 183:200\$$$

$$\text{Valor da casa} = \frac{3}{4} \text{ de } 183:200\$ =$$

$$= \frac{183:200\$ \times 3}{4} = 137:400\$$$

$$\text{Valor do terreno} = \frac{1}{10} \text{ de } 183:200\$ = 18:320\$$$

I

$$\frac{12}{6} - \frac{12}{7} \times 1 \frac{1}{5} - 6$$

$$\frac{1}{9} - \left(1 \frac{7}{8} + 1 \frac{1}{4} - \frac{1}{2} \right) =$$

$$\frac{12}{6} - \frac{12}{7} \times \frac{6}{5} - 6$$

$$= \frac{1}{9} - \left(\frac{15}{8} + \frac{5}{4} - \frac{1}{2} \right) =$$

$$\frac{12}{6} - \frac{12}{7 \times 9} \times \frac{6}{5} - 6$$

$$= \frac{1}{2} \frac{1}{10} - \left(\frac{15 \times 4}{8 \times 5} - \frac{1}{2} \right) =$$

$$\frac{12}{6} - \frac{9}{2} \times \frac{6}{5} - 6$$

$$= \frac{21}{10} - \left(\frac{3}{2} - \frac{1}{2} \right) =$$

$$\frac{12 \times 6}{5} - 6$$

$$= \frac{3}{2} - 1 =$$

$$\frac{21}{10}$$

$$\frac{12 \times 6 \times 2}{5 \times 3} - 6$$

$$= \frac{21}{10} - 1 =$$

$$\frac{48}{5} - 6 = \frac{18}{5} - 1 = \frac{13}{5}$$

$$= \frac{18 \times 10}{5 \times 21} - 1 = \frac{6 \times 2}{1 \times 7} - 1 = \frac{12}{7} - 1 = \frac{5}{7}$$

II

$$\frac{11}{4 - \frac{8}{13}} - \frac{\frac{25}{7} - 3}{4 - \frac{4}{7} + 7} + \frac{9 \times \frac{10}{13}}{7 \times \frac{2}{4 - \frac{3}{4}}} =$$

$$= \frac{11}{44} - \frac{\frac{32}{7} + 7}{3 + \frac{33}{2}} + \frac{\frac{90}{13}}{7 + \frac{5}{13}} =$$

$$= \frac{11 \times 13}{44} - \frac{\frac{4}{7} + \frac{90}{13}}{\frac{3 \times 2}{33}} + \frac{\frac{90}{13}}{\frac{8}{7} + \frac{5}{13}} =$$

$$= \frac{13}{4} - \frac{\frac{32 \times 11}{49 \times 2} + \frac{90 \times 13}{13 \times 99}}{\frac{3 \times 2}{33}} + \frac{90}{7 \times \frac{8}{13} + \frac{5}{13}} =$$

$$= \frac{13}{4} - \frac{7}{44} + \frac{10}{11} = \frac{143}{44} - \frac{7}{44} + \frac{40}{44} =$$

$$= \frac{183 - 7}{44} = \frac{176}{44} = 4.$$

III

$$\frac{7}{9} \text{ de } \frac{\left(1 \frac{1}{4} - \frac{11}{12}\right) 2 \frac{1}{4}}{2 + \frac{1}{2 - \frac{1}{4 - 2 \frac{2}{3}}}} =$$

$$= \frac{7}{9} \times \frac{\left(\frac{5}{4} - \frac{11}{12}\right) 2 \frac{1}{4}}{2 + \frac{1}{2 - \frac{1}{4 - \frac{8}{3}}}} =$$

$$= \frac{7}{9} \times \frac{\left(\frac{15}{12} - \frac{11}{12}\right) \frac{9}{4}}{2 + \frac{1}{2 - \frac{1}{4 - \frac{3}{3}}}} =$$

$$= \frac{7}{9} \times \frac{\frac{4}{12} \times \frac{9}{4}}{2 + \frac{1}{2 - \frac{3}{4}} \times \frac{5}{12}} =$$

$$= \frac{7}{9} \times \frac{\frac{3}{4} \times \frac{7}{9} \times \frac{3}{4}}{2 + \frac{5}{12} \times \frac{4}{12 \times 5}} =$$

$$= \frac{7}{12} = \frac{7}{12} = \frac{7 \times 3}{12 \times 3} = \frac{1}{4}$$

IV

$$\frac{2}{7} \text{ de } \frac{11 + \frac{0,15 + 0,6}{10}}{0,003 \times 1,2 \times 100} = \frac{2}{7} \times \frac{11 + \frac{0,25}{10}}{0,0036 \times 100} =$$

$$= \frac{2}{7} \times \frac{11 + 0,025}{\frac{0,36}{8}} = \frac{2 \times 11,025}{0,045} = \frac{2 \times 1575}{45} =$$

$$= 2 \times 35 = 70.$$

V

$$\frac{2,1 + 3,5 + 0,6}{3174 \times 0,83 + 1,609} = \frac{0,6 + 0,6}{4,009 - 1,609} = \frac{1,2}{2,4} =$$

$$\frac{10,125 \times 0,777...}{1,944... \times 3,6} = \frac{7}{10,125 \times \frac{7}{9}} = \frac{1,125 \times 7}{175 \times 3,6} =$$

$$\frac{194 - 19}{90} \times 3,6 = \frac{75}{90} = \frac{5}{6}$$

$$= \frac{\frac{1}{2}}{\frac{7,875 \times 90}{175 \times 3,6}} = \frac{1 \times 175 \times 3,6}{2 \times 7,875 \times 90} = \frac{1 \times 0,6}{2 \times 0,045 \times 15} =$$

$$= \frac{0,1}{0,225} = 0,444... = \frac{4}{9}$$

VI

$$\frac{0,375 \div 0,9375}{\frac{1}{9}} = \frac{0,4}{1} = 0,4$$

$$0,843636... + \frac{1}{7} \times \frac{3}{5 - \frac{1}{2}} = \frac{4}{11}$$

$$= \frac{8436 - 84}{9900} + \frac{0,4 \times 9}{\frac{1}{7} \times \frac{3}{9}} = \frac{4}{11} = \frac{8352}{9900} +$$

$$\frac{3,6}{7 \times 3} - \frac{4}{11} = \frac{232}{275} + \frac{3,6}{2 \times 15} - \frac{4}{11} = \frac{232}{275} +$$

$$+ \frac{3,6 \times 21}{2 \times 15} - \frac{4}{11} = \frac{232}{275} + \frac{1,8 \times 7}{1 \times 5} - \frac{4}{11} =$$

$$= \frac{232}{275} + \frac{693}{275} - \frac{100}{275} = \frac{925 - 100}{275} = \frac{825}{275} = 3.$$

VII

$$\frac{\left(1,8 + 2 \frac{1}{4}\right) \div \frac{9}{22,5}}{2,81 \times \frac{1}{20} - \left(1 \frac{3}{5} - 1,333...\right) \left(0,4375 - \frac{133}{400}\right)} =$$

$$= \frac{\left(1,8 + 2,25\right) \div 0,4}{2,81 \times 0,05 - \left(\frac{3}{5} - \frac{1}{3}\right) \left(0,4375 - 0,3325\right)} =$$

$$= \frac{4,05 \div 0,4}{0,1405 - \left(\frac{9}{15} - \frac{5}{15}\right) \times 0,105} =$$

$$= \frac{10,125}{0,1405 - \frac{4}{15} \times 0,105} = \frac{10,125}{0,1405 - \frac{0,42}{15}} =$$

$$= \frac{10,125}{0,1405 - 0,028} = \frac{10,125}{0,1125} = 90.$$

VIII

$$0,15 \cdot (0,0111... + 0,9888...) \div 18 \frac{3}{4} \times 10^3 - \frac{17}{20} =$$

$$\frac{(3,3 + 3,75) \div \frac{60}{11 - \frac{1}{9,4}}}{7,05 \div \frac{60}{11 - \frac{1}{9 \frac{2}{5}}}} \times 10^3 - \frac{17}{20} =$$

$$= \frac{0,15 \div 18,75}{7,05 \div \frac{60}{11 - \frac{1}{9 \frac{2}{5}}}} \times 10^3 - \frac{17}{20} =$$

$$= \frac{0,15 \div 18,75}{7,05 \div \frac{60}{11 - \frac{1}{47 \frac{5}{5}}}} = 1000 - 0,85 =$$

$$= \frac{0,008 \times 1000}{7,05 \times \frac{60}{11 - \frac{5}{47}}} - 0,85 = \frac{8}{7,05 + \frac{60}{512}} - 0,85 =$$

$$= \frac{8}{7,05 + \frac{60 \times 47}{512}} - 0,85 = \frac{8}{7,05 + \frac{2814}{512}} - 0,85 =$$

$$= \frac{8}{7,05 + \frac{60 \times 47}{512}} - 0,85 = \frac{8}{7,05 + \frac{2814}{512}} - 0,85 =$$

$$= \frac{8 \times 60 \times 47}{7,05 \times 512} - 0,85 = \frac{1 \times 4 \times 47}{0,47 \times 64} - 0,85 = \frac{1}{0,16} -$$

$$- 0,85 = 6,25 - 0,85 = 5,4.$$

IX

$$8 - \frac{4}{9} + \frac{2}{15} + \frac{2}{3} + 3 = 5 \frac{8}{12} + \frac{13}{25} \times \frac{15}{26} - 3 + \frac{2}{3}$$

$$0,0666... + 0,2 + 0,3 \times \frac{2 \left(\frac{7}{9} + \frac{1}{3}\right) + 5}{2 \left(\frac{7}{9} + \frac{1}{3}\right) + 5} =$$

$$= \frac{8 - \frac{4 \times 15}{9 \times 2} + \frac{2}{3 \times 3}}{\frac{2}{30} + 0,666...} \times \frac{5 \frac{2}{3} + \frac{3}{10} - \frac{9}{2}}{2 \left(\frac{7}{9} + \frac{3}{9}\right) + 5} =$$

$$= \frac{8 - \frac{10}{3} + \frac{2}{9}}{\frac{1}{15} + \frac{2}{3}} \times \frac{5 \frac{20}{30} + \frac{9}{30} - \frac{135}{30}}{2 \times \frac{10}{9} + 5} =$$

$$= \frac{8 \frac{2}{9} - \frac{30}{9}}{\frac{1}{15} + \frac{10}{15}} \times \frac{179 - 135}{30} =$$

$$= \frac{8 \frac{2}{9} - \frac{30}{9}}{\frac{11}{15}} \times \frac{44}{30} =$$

$$= \frac{74 - 30}{9} \times \frac{44}{30} = \frac{44 \times 15}{9 \times 11} \times \frac{44 \times 9}{30 \times 4} =$$

$$\frac{11}{15} \times \frac{4}{9} =$$

$$\frac{4 \times 1 \times 11 \times 1}{1 \times 1 \times 2 \times 1} = 22.$$

X

$$\frac{3}{50} \left[1,8333... - \frac{4}{9} (0,21 + 0,028) + 3,1666... \right] =$$

$$1,025 \times \frac{5 - \frac{3}{7}}{\frac{11}{7} - 1} + \left(5 \frac{1}{3} + 0,36111... + 4,555... \right) =$$

$$= \frac{3}{50} \left(\frac{183 - 18}{90} - \frac{4}{9} + 7,5 + \frac{316 - 31}{90} \right) =$$

$$1,025 \times \frac{32}{7} + \left(\frac{16}{3} + \frac{361 - 36}{900} + 4 \frac{5}{9} \right) =$$

$$= \frac{3}{50} \left(\frac{165}{90} - \frac{30}{9} + \frac{285}{90} \right) =$$

$$1,025 \times \frac{32 \times 7}{7 \times 4} + \left(\frac{16}{3} + \frac{325}{900} + \frac{41}{9} \right) =$$

$$= \frac{3}{50} \left(\frac{11}{6} - \frac{10}{3} + \frac{41}{9} \right) =$$

$$1,025 \times 8 + \left(\frac{16}{3} + \frac{13}{36} + \frac{41}{9} \right) =$$

$$\frac{3}{50} \left(\frac{11}{6} - \frac{20}{6} + \frac{19}{6} \right) = \frac{3}{50} \left(\frac{30}{6} - \frac{20}{6} \right) =$$

$$8,2 + \left(\frac{192}{36} + \frac{13}{36} + \frac{164}{36} \right) = 8,2 + \frac{369}{36} =$$

$$\frac{3}{50} \times \frac{10}{6} = \frac{1}{10} = \frac{1 \times 41}{10 \times 8,2 \times 4} =$$

$$\frac{8,2 \times 36}{369} = \frac{8,2 \times 4}{41} = \frac{1 \times 41}{10 \times 8,2 \times 4} =$$

$$= \frac{41}{82 \times 4} = \frac{1}{8}.$$

LEONIE DE F. ANGLADA.

PHYSICA

Peso e balança

MATERIAL DA LIÇÃO — Uma caixa vazia, uma taboa e tres bolas, sendo uma de panno, uma de cera e outra de metal.

DIRECÇÃO PEDAGOGICA — Por meio de experiencias e exemplos ao alcance de todos, leve o

mestre os discipulos á conclusão de que ha tres especies de peso: *absoluto*, *relativo* e *especifico*. Indague como se determina o peso relativo de um corpo, e, diante de uma balança ou do desenho feito no quadro negro a giz de côres, descreva as partes mais importantes desse aparelho.

Mostre que nem todas as balanças se destinam ao mesmo fim; ha balanças apropriadas para a pesagem de corpos brutos, como as de armazens e trapiches, e balanças destinadas a determinar pequenos pesos, como as de pharmacias, laboratorios e ourivesarias.

DESENVOLVIMENTO — Tratando de peso e balança, reconde o mestre summariamente, o que se disse a respeito de gravidade.

Coloque uma taboa na extremidade de uma caixa, de modo a formar um plano inclinado e sobre elle deixe escorregar uma bola.

Quando a bola vier rolando, mande um dos alumnos aparal-a com a mão.

— Que sentiu, Pedro?

— A força da bola, o peso...

— Muito bem. Collocando a mão para evitar que a bola cahisse, você sentiu certa pressão. A esse esforço que necessitamos empregar para um corpo não cair, ou á pressão que o corpo exerce sobre o obstaculo que o impede de cair, chamamos *peso absoluto*.

— Mas, quando seu pae diz que o peso da carne ou do assucar não está certo, será a esse peso que elle se refere?

— Não, senhor.

— Então, qual será?

— E' o peso da balança.

Muito bem. O peso que nos é dado pela balança, isto é, a relação entre o peso do corpo a pesar e o peso de um outro que se toma para unidade.

Essa relação que existe entre o peso do corpo que se deseja pesar e o de um outro tomado para unidade, chama-se *peso relativo*.

— Que nome tem então o peso que nos é dado pela balança?

— Peso relativo.

Apresente depois o professor tres bolas do mesmo tamanho: uma de panno, uma de cera e outra de metal. Deixe que os alumnos as segurem e verifiquem o seu peso.

— Terão todas o mesmo tamanho, Arnaldo?

— Sim, senhor.

— E como se chama, Fernando, a porção de espaço que o corpo occupa?

— Volume.

— Todas as bolas têm o mesmo tamanho, o mesmo volume; mas terão todas o mesmo peso?

— Não, senhor. A de metal pesa mais do que a de cera, e esta mais que a de panno.

Muito bem! Embora tenham todas equal tamanho, o mesmo volume, a bola de metal pesa mais que as outras, porque contém mais materia.

Quando um corpo pesa mais do que outro de equal volume, diz-se que elle é mais *denso*.

Pois bem, essa differença de peso entre corpos que têm o mesmo volume, é o que se chama *densidade* ou *peso especifico*.

— Diga-me, Paulo, quantas especies de peso conhece?

— Tres: *peso absoluto*, *relativo* e *especifico* ou *densidade*.

— Quando você joga para o ar uma laranja e procura recebê-la na mão, que peso sente?

— O peso absoluto.

— Si você pesar a laranja na balança e achar que ella tem 200 grammas que peso terá determinado?

— O peso relativo.

— E o peso da bola metallica em relação ao das outras que têm o mesmo volume, será também relativo?

— Não, senhor. E' especifico.

— Ou...

— Densidade.

Fale depois o mestre na *balança*. Diga que ha diversas especies de balanças, porém, a mais conhecida, a mais usada, é a *balança ordinaria*. Si não houver na escola uma, lance mão de uma gravura ou desenho no quadro negro o que ella tem de mais importante.

Ensine que a barra horizontal, apoiada por um ponto em seu centro, chama-se *travessão*, e que os lados deste — perfeitamente eguaes — têm o nome de *braços da balança*.

Indague si aos braços se prende alguma cousa, e as crianças, habituadas a vêr a balança e mesmo pelo desenho, responderão sem duvida:

— As conchas.

— Que utilidade terão ellas?

— Servem para se collocarem os pesos e o corpo que se quer pesar.

Sim. Numa das conchas colloca-se o corpo cujo peso se deseja conhecer e na outra, pesos graduados.

Mas, como havemos de saber si o corpo está ou não pesado?

— Pelas conchas.

— Sim. Para que o peso do corpo seja bem determinado, é necessario que o travessão fique perfeitamente horizontal. Mas, é também muito difficil conhecer a posição horizontal dos braços da balança. Não haverá, portanto, alguma pe-

zaniha que indique a horizontalidade desses braços?

— Ha, pois não! Fixa ao centro do travessão, fica uma pequena agulha que oscilla para a direita e para a esquerda, quando o travessão sobe e desce.

Quando os braços estão em posição horizontal, a agulha fica na vertical, isto é, perfeitamente sobre um tracinho marcado na balança.

A' agulha que indica a horizontalidade dos braços chama-se *fiel*.

Chame o professor a atenção das crianças para as balanças actualmente usadas nas padarias, confeitarias, vendas e outros estabelecimentos commerciaes. São as balanças de Roberval. Sua theoria é a mesma da balança commum, são, porém, muito mais commodas por terem os pratos por cima do travessão, que fica encerrado em uma caixa, o que dá á balança uma fôrma muito elegante.

Refira-se ainda o professor ás balanças usadas nos laboratorios, pharmacias e joalherias. São balanças que accusam as menores differenças de peso; por isso são chamadas *balanças sensiveis* ou de *precisão*.

Taes balanças são abrigadas por uma caixa envidraçada, para evitar que as correntes de ar influam nas pesagens.

SEXTO ANNO

Raio, relampago, trovão, etc.

ORIENTAÇÃO — Por meio de observações e exemplos, chame a professor a atenção dos discipulos para os phenomenos que se passam na atmospheria, produzidos pelas cargas de electricidade ali depositadas.

São os *meteoros electricos*.

Denomine cada um delles, ensine onde se produz e a causa que o determina.

Referindo-se á producção da fuisca electrica, mostre que ella procura de preferencia os altos edificios, torres de egrejas e arvores. D'ahi a conveniencia de não se abrigarem debaixo das arvores ou nos logares mais elevados da casa, por occasião das tempestades.

DESENVOLVIMENTO — Ao tratar dessa parte do programma, diga o mestre que não somente na superficie da terra se produzem phenomenos electricos; na atmospheria também se produzem naturalmente esses phenomenos, como o raio, o relampago, o trovão, as auroras polares, etc.

Os phenomenos que se passam na atmospheria tomam o nome de meteoros, e como esses são

devidos á electricidade, chamam-se *meteoros electricos*.

A atmosphera contém sempre certa quantidade de electricidade, devida á condensação dos vapores d'agua nas altas regiões, ao attrito do ar contra a terra, á evaporação das aguas salinas, etc. As nuvens ahí suspensas e collocadas em planos diversos, também estão electrizadas, umas positiva e outras negativamente.

Como as electricidades do mesmo nome se repellem, as nuvens assim electrizadas se afastarão das outras igualmente electrizadas e atrahirão as carregadas de electricidade contraria.

A subita combinação das duas electricidades produzirá uma faisca electrica semelhante á obtida nas machinas electricas.

Essa faisca é o *raio*, esse terrivel meteoro que tudo destróe em sua passagem.

A descarga electrica pode-se dar entre uma nuvem e a terra, e diz-se então que o *raio cahiu*.

E' uma expressão erronea. A combinação é mutua; tanto é de baixo para cima como de cima para baixo, portanto, ha a mesma razão para se dizer que o *raio cahiu* ou que o *raio subiu*.

A luz da faisca é o *relampago*, e o estrondo resultante do ar abalado pela descarga electrica, chama-se *trovão*.

Quando a descarga se dá perto do observador, o estrondo do *trovão* é secco e forte e de pequena duração; produzida á grande distancia, porém, o som prolonga-se, produzindo o conhecido *rolar do trovão*.

Os relampagos podem ser em zig-zag, globulares ou simples clarões, que são os mais communs. Attribute-se esse phenomeno á resistencia que o ar offerece á passagem da faisca electrica, que tende sempre a seguir a direcção da menor resistencia.

Relampago e trovão produzem-se ao mesmo tempo; no emtanto, qual dos dous devemos perceber primeiro, a luz ou o som?

Naturalmente a luz, porque a sua velocidade é superior á do som.

Como a faisca electrica, o raio mata animaes inclusive o homem ou produz-lhes fortes commoções; funde e volatiliza metaes, despedaça corpos máos conductores, inflamma substancias combustiveis e magnetiza o ferro.

Ao penetrar numa casa, o raio procura as chaminés, os tubos metallicos, os dourados e outros corpos bons conductores. Durante as tempestades não é, pois, prudente procurar refugio junto desses corpos. Os cobertores de lã ou de

seda, serão bons preservatorios, si nelles nos envolvermos bem.

Tambem não é conveniente refugiarmo-nos debaixo das arvores, principalmente não sendo resinosas, e muito menos nos logares mais elevados da habitação.

Muitos outros phenomenos electricos se produzem na atmosphera, como os fogos de Sant'Elmo, as trombas, a saraiva, as auroras polares.

Aos phenomenos electricos luminosos que se observam nas pontas das bayonetas dos soldados e dos mastros dos navios, chamamos *fogo de Sant'Elmo*.

A trombas formam-se geralmente no mar. Os vapores aquosos da atmosphera se condensam á superficie deste, affectando a forma de um cone, e as nuvens baixam também com a fórma de outro cone invertido. Os dous cones unem-se pelos vertices e, assim, se forma uma columna d'agua doce do mar á nuvem.

Quando as gottas d'agua da chuva se congelam pelos grandes frios, caem em pequeninas pedras, constituindo a *saraiva* ou *granizo*.

As *auroras polares* que substituem o sol nas regiões frias dos polos são phenomenos luminosos devidos a descargas electricas que sulcam a atmosphera. Tomam o nome de boreaes ou austraes, conforme se manifestam no polo Norte ou Sul.

São raras no Brasil as auroras polares. Entretanto, quando aquí se manifestam é por meio de um clarão, que surge do lado do Norte, circumdado de arcos luminosos, donde partem jactos de luz.

HYGIENE

Agua

Evaporada da terra, a agua sóbe ás regiões elevadas da atmosphera, ahí se resfria, se condensa, e cae de novo em estado liquido — a chuva, ou sob o aspecto de corpo solido — a neve.

Ao precipitar-se sobre o solo, ella vem regar os terrenos sedentos, alimentar os vegetaes, avolumar os rios, os lagos, os oceanos, na incessante labuta da Natureza, sempre productora, sempre renovadora.

A' superficie da terra vemol-a reunida nas vastas massas d'agua salgada, ou sob a forma de caudalosas correntes, riachos, lagos, pantanos, etc.

No sub-solo encontramol-a em lenções formados pela infiltração das aguas das chuvas nos terrenos porosos, e cuja camada inferior é impermeavel. Ahí se deposita, depurada, livre das materias em suspensão ou dissolução, represadas pela filtração natural.

Emergindo em certos pontos, essas aguas, subterraneas, dão origem ás fontes muito apreciadas pela limpidez, frescura e pureza do liquido.

O homem utiliza-se das aguas das chuvas, dos rios, das fontes, dos poços, para alimentação e necessidades domesticas. Ellas não têm sabor apreciavel, são leves, frescas, incolores, com pequena quantidade de saes convenientes ao organismo humano.

As primeiras — das chuvas, são utilizadas para bebida, apenas em lugares desprovidos de outros recursos.

E' principalmente ás fontes que vamos buscar o precioso liquido canalizando-o para as cidades para abastecimento das populações. Contudo, as aguas subterraneas não são menos aproveitadas pelos habitantes de logares afastados das cidades, onde não ha systema de canalizações, ou fontes puras e crystallinas.

Os poços offencem uma agua muito saudavel, com as qualidades da boa agua potavel, desde que sejam preservados de contaminação pela proximidade de detricos organicos.

O mesmo se dá com a agua dos rios e dos lagos, que podem servir para bebida, quando não atravessem terrenos impuros e não recebam os detricos das fabricas ou usinas.

As aguas do mar, chamadas salobras, são improprias para a alimentação, de gosto desagradavel e pesadas.

A agua potavel cozinha bem os legumes e dissolve o sabão.

E' formada de dous volumes de hydrogeno e um de oxygeno, quando chimicamente pura.

Apresenta, porém, depois de atravessar as camadas atmosphericas e os póros terrestres, uma pequena quantidade de phosphatos, sulfatos, nitratos, chloretos, indispensaveis ao nosso organismo.

Além desses elementos mineraes, contém ainda materia organica, representada pelos microbios, muito numerosos, uns sem importancia pathogenica, outros terriveis transmissores de molestias infecciosas. Os parasitas também pululam na agua, ahí levados pelas dejecções lançadas á terra.

Estes e aquelles — parasitas e microbios — são os causadores de diversos vermes desenvolvidos no intestino do homem, do typho, do cholera, da dysenteria, etc.

Para expurgar a agua de toda esta série de elementos nocivos que a contaminam e a tornam perigosa á saude do homem, ha a depuração natural e a artificial.

Como agentes naturaes purificadores da agua citaremos a luz solar, o arejamento e os microbios saprophytas, encarregados de combater os microbios pathogenicos.

A depuração artificial mais usada é a filtração domiciliaria.

Em geral, nos servimos de filtros de pedra porosa ou barro cozido, muito imperfeitos, deixando passar nos intersticios dos póros as poeiras mais finas e os microbios.

Os filtros mais perfeitos são os de velas de porcellana porosa.

Para assegurar, porém, a pureza do liquido, o meio mais eficaz é o calor elevado á temperatura da agua em ebulição, e, em seguida, o arejamento.

A depuração por agentes chimicos é pouco usada. Offerece alguns inconvenientes, entre os quaes o gosto desagradavel communicado ao liquido.

THEATRO INFANTIL

BONS PROFESSORES

Scena comica

Scenario: — Uma sala com mobiliario simples.

Personagens

PAULO — 11 annos.
ALVARO — 8 "
CARLOS — 5 "
CLARA — 9 "
LIA — 7 "

Scena unica

(Entram as creanças correndo).

PAULO — Vamos brincar de collegio?

TODOS — Vamos! vamos!

PAULO — Eu sou o Director!

ALVARO — Eu vou ensinar mathematica!

CLARA — Eu sou a professora de francez!

LIA — Eu ensino geographia!

CARLOS — Eu sou alumno!

PAULO — Muito bem! Tantos professores e só um alumno, isto não póde ser! Lia também é alumna!

LIA — Eu não. Sou a professora de geographia!

PAULO — Você lá sabe geographia!

LIA — Sei sim!

PAULO — Qual sabe! Você ainda não estuda geographia!

LIA — Não estudo mas sei!

PAULO — Sabe? Que é um rio?

LIA — Um rio é... um rio é... é... é um buraco cheio d'agua!

PAULO — Ah! ah! Não sabe geographia!! Você é alumna! (*E para Clara*) E você também! (*Lia que trazia uma boneca, entrega-a á Clara e volta-se para Carlos que vê d's gravuras do Tico-tico*).

CLARA — Já disse que sou professora de francez!

PAULO — Você não sabe patavina de francez!

CLARA — Sei sim! "Bonjour Monsieur!"

PAULO — Grande cousa! E boneca? Como é boneca em francez?

CLARA — Ora...

PAULO — Ande, diga!

CLARA — Eu digo só para os alumnos e você não é alumno!

PAULO — Mas diga sempre! Como é boneca em francez?

CLARA — Bonecá!

PAULO — (*Rindo*) Bonecá! Ah! ah! E menino?

CLARA — Meninó!

PAULO — Meninó! Ah! ah!... Eu bem dizia que você não sabia francez! Você fica sendo alumna e Alvaro também!

ALVARO — Alto lá, seu mestre! Eu já disse que vou ensinar mathematica!

PAULO — Se você nem sabe que é mathematica!

ALVARO — Sei sim! Já sei que tres e dois são cinco!

PAULO — Grande mathematico, que nem sabe que é raiz de um numero!

ALVARO — Numero com raiz? Esta é nova! Sei que raiz é uma parte das plantas que fica em baixo da terra, ou então raiz de dente, que o dentista extrahiu uma da bocca de mãe, mas raiz de numero... O' seu mestre, você não está bom da cabeça!!

PAULO — Porque você não sabe que é raiz

de um numero! Não sabe provar que a mais b é igual a c !

ALVARO — Está bem servido este mestre se vae estudar mathematica no abc !

PAULO — Você é que não entende mathematica! Nem sabe que é achar o x mathematico!

ALVARO — Mathematica com x ! Ora bolas! Mathematica se escreve assim: (*Tira um pedaço de giz do bolso e principia a escrever no assoalho*) ma...

PAULO — (*Dando um shoot no giz*) Não é na palavra que se vae procurar o x , grande tolinho! E' no problema! O que se procura é achar o valor de x !

ALVARO — O valor de x é x mesmo! Olha em xarope... (*Espirra*).

PAULO — Xarope é o que você precisa!

ALVARO — E você que nem sabe portuguez!

PAULO — Não sei? pois se tive distincção em portuguez!

ALVARO — Mas não sabe latim! Papae diz que para saber bem o portuguez, é preciso saber latim!

PAULO — Não sei? (*Faz uma careta, contrariado, e depois de alguns momentos diz*): Sei! "Dominus tecum"!

ALVARO — Agora ninguem espirrou!

PAULO — Ninguem espirrou, mas "Dominus tecum" é latim!

ALVARO — Se é esse o latim que você sabe! Ah! ah!... Que pagode se este professor vae para a aula ensinar os alumnos a dizer: "Dominus tecum"! "Dominus tecum"!

TODOS — (*Rindo*). "Dominus tecum"! "Dominus tecum"!

CLARA — Alvaro! Deixe esse sabio da Grecia!

PAULO — Sabio não! Mas o que ficou provado é que aqui ninguem sabe nada!

ALVARO — Sabinada?!

PAULO — Quero dizer que aqui ninguem sabe para ensinar!

ALVARO — O melhor é irmos estudar!

CLARA — (*Graciosamente*). Para depois podermos ensinar!

FIM

ALDA P. DA FONSECA.